



**Universidade Estadual do Ceará  
Centro de Humanidades  
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada**

**Elena Arreguy Sala**

**SOCIALIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NA INTERNET:  
O CASO DO CONTO NARNIANO “O LEÃO, A  
FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA” DE C.S.LEWIS EM  
UMA COMUNIDADE DO ORKUT**

Dissertação apresentada ao Curso de  
Mestrado em Lingüística Aplicada do  
Centro de Humanidades da  
Universidade Estadual do Ceará,  
como requisito parcial para obtenção  
do título de mestre em Lingüística  
Aplicada. Área de Concentração:  
Estudos da Linguagem

**Orientadora: Iúta Lerche Vieira**

**Fortaleza  
2007**

**Universidade Estadual do Ceará  
Centro de Humanidades  
Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada**

**Título do trabalho: “*Socialização do Texto Literário na Internet: o Caso do Conto Narniano ‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa’ de C.S.Lewis em uma Comunidade do Orkut*”**

**Autor: Elena Arreguy Sala**

**Defesa em: 23 de julho de 2007**

**Banca Examinadora:**

---

**Profa. Dra. Iúta Lerche Vieira  
Orientadora**

---

**Profa. Dra. Denise Bértoli Braga  
UNICAMP**

---

**Prof.Dr. Júlio César Rosa de Araújo  
UFC**

**Dedico este trabalho à minha mãe  
que me presenteou com as obras de  
Monteiro Lobato, assim que fui  
alfabetizada, me apontando  
a literatura como caminho seguro  
de humanização e cultura.**

**Dedico-o também a todas as mulheres  
que, após uma mastectomia,  
abraçaram com garra o dom  
precioso da vida, e criaram novas  
oportunidades de crescimento,  
como sinal de gratidão.**

## Agradecimentos

Agradeço à Providência Divina que, em sua paternidade amorosa, me conduziu para o CMLA da UECE onde pude voltar a estudar, depois do grande baque da mastectomia.

Agradeço a meus familiares, irmã, irmãos, sobrinhos, cunhados, tias, primos que mesmo à distância me incentivaram a estudar, sempre torcendo e rezando para que eu *'desse conta da empreitada'*.

Agradeço à professora Lúta, que além de orientadora primorosa, acendeu ainda mais em mim, o gosto pela escrita. Sem o seu apoio *'estas pedras jamais teriam dado o leite que deram'*.

Agradeço aos professores do CMLA, aos professores da etapa da qualificação, e aos meus colegas de turma, muito especialmente à Ângela, com quem tive o prazer de conviver como aluna e colega, cujas presenças me ensinaram muito.

Agradeço à Jan, grande amiga de todas as horas, há tantos anos, que sempre acreditou em mim.

Agradeço a todos os amigos espalhados por esse país e aos irmãos da Comunidade Católica Shalom, que me incentivaram e intercederam por mim, abrindo mão, muitas vezes, da minha presença e serviço porque eu *'estava estudando'*.

Agradeço nominalmente ao meu primo-quase-irmão, João Etienne, *'Ão do Céu'*, que me enviou livros preciosos dos EUA que deram base a este trabalho.

Agradeço a todos os internautas da comunidade *"C.S.Lewis pt"* do Orkut que, mesmo sem saber, ofereceram todo o material para este trabalho e que, com seu entusiasmo pelo texto literário, deram sentido a esta tão cara pesquisa.

Agradeço à FUNCAP pela bolsa concedida.

## Resumo

Esta dissertação analisa como uma obra literária, especificamente o conto de fadas *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”* de C.S.Lewis, é discutida em ambiente virtual. Como espaço de observação foram escolhidos os fóruns eletrônicos da comunidade *“C.S.Lewis pt”* do portal Orkut. As questões de pesquisa referem-se à caracterização destes fóruns como ambiente propício à socialização do texto literário numa dimensão hipertextual, como também à observação de quais elementos simbólicos da obra são mais evidentes e discutidos entre os internautas. Trata-se de um estudo de caso de cunho etnográfico em ambiente virtual, o que exigiu algumas adaptações na metodologia. O corpus analisado contou com a participação de 80 sujeitos em duas situações experimentais: uma com a participação da pesquisadora através de perguntas postadas no fórum, e outra totalmente aleatória, colhidas em 2005 e 2006 respectivamente. Os resultados da pesquisa indicam que o ambiente virtual, através dos fóruns eletrônicos, se apresenta como adequado à socialização do texto literário, por ser ambiente democrático e aberto a todos, promovendo participação autônoma e responsável dos internautas. Os dados permitem também confirmar a percepção da simbologia presente na obra. A experiência da discussão literária em dimensão hipertextual se apresentou diversificada e consistente, contribuindo para os desafios atuais do ensino e da aprendizagem do texto literário.

## Abstract

This dissertation analyses how a literary work, specifically, the fairy tale *The Lion, the Witch and the Wardrobe* by C.S. Lewis is discussed in a virtual environment. The online forums of the “C.S.Lewis pt” Orkut community were chosen as the locus for observation. The research questions are centered on the characterization of these forums as propitious environments for the socialization of the literary text, which takes on a hypertextual profile, in addition to observing which symbolic elements in the work are most evident and discussed by community members. As the research deals with the virtual environment, this ethnographic study required some methodological adaptations. The corpus being analyzed had the participation of 80 subjects in two experimental situations: the first with the researcher’s participation through questions posted on the forum and the second, which was completely random, collected in 2005 and 2006 respectively. The research shows that the virtual environment, through online forums, is adequate for the socialization of literary texts, as the environment is democratic and open to all, promoting autonomous and responsible participation on the part of community members. The research also confirms the perception of the symbology preset in the literary work. The experience of hypertextual literary discussion was diverse and consistent and may benefit those who deal with the challenges of teaching and studying literary texts.

# Sumário

1. Introdução	
1.1. Introdução .....	10
1.2. Objetivo Geral .....	12
1.3. Objetivos Específicos .....	13
2. Quadro Teórico	
2.1. O Orkut – Uma Rede Social na Internet .....	15
2.1.1. “A Comunidade C.S.Lewis pt” .....	18
2.1.2. Um Pouco de História .....	19
2.1.3. A Literatura no Orkut .....	21
2.2. O Fórum Digital .....	22
2.3. C.S.Lewis e as Crônicas de Nárnia .....	32
2.4. C.S.Lewis na Internet .....	37
2.5. A Experiência de Leitura Literária .....	39
2.6.1 Os Contos de Fadas .....	42
2.6. O Letramento Digital .....	44
2.6.1. As Características do Letramento Digital .....	45
2.6.2. A leitura e a escrita digital .....	46
2.7. A Simbologia de “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” .....	48
3. Metodologia	
3.1. Natureza da Pesquisa .....	53
3.2. Constituição da Amostra / Procedimentos	
3.2.1. Coleta de dados – Situação Experimental 1:Perguntas e Respostas(SE1)	54
3.2.2. Coleta de dados – Situação Experimental 2:Depoimentos Livres (SE2)....	56
3.2.3. Opções Metodológicas .....	59
4. Análise dos Dados	
4.1. Quadro Geral .....	62
4.1.1. Agrupamento dos dados em quadros .....	62
4.2. Quadro 1: Blocos Temáticos mais Frequentes nas Postagens dos Sujeitos (Situação Experimental 1 e 2): .....	65
4.3. Quadro 2: O que foi dito sobre O Leão, O Sacrifício Redentor e a Ressurreição de Aslan .....	68
4.3.1. Quem é Aslan .....	74
4.3.2. O símbolo do Leão e o livro do Apocalipse .....	74
4.3.3. O que Aslan faz .....	78
4.3.4. Como é Aslan .....	80
	84
	87

4.4. Quadro 3: O que foi dito sobre C.S.Lewis e Obra Literária .....	81
4.4.1. O que foi dito sobre C.S.Lewis .....	81
4.4.2. O que C.S.Lewis fez em LFG .....	84
4.4.3. Como perceber a simbologia de LFG? .....	90
4.4.3.1. O Papel do Leitor .....	90
4.4.4. O Filme e o Livro .....	91
4.4.5. O Imaginário .....	93
4.5. Quadro 4: O que foi dito sobre as crianças: Peter, Susan, Edmund e Lucy .....	96
4.5.1. Peter: O Corajoso .....	98
4.5.2. As Crianças Pevensie: Filhas de Eva e Filhos de Adão .....	99
4.5.3. Susan: A Guerreira .....	100
4.5.4. Edmund: O Polêmico.....	102
4.5.5. O Manjar Turco: Deliciosa e Enganadora Tentação .....	102
4.5.6. Lucy : A Especial .....	105
4.5.7. Lucy: A Discípula Amada .....	106
4.6. Quadro 5: O que foi dito sobre o Guarda-Roupa e o Reino de Nárnia .....	108
4.6.1. O Reino de Nárnia .....	110
4.6.2. O Guarda-Roupa .....	111
4.6.3. As Vozes .....	113
4.6.4. A Voz da Infância .....	113
4.6.5. A Voz do Adulto .....	115
4.7. Quadro 6: O que foi dito sobre a Feiticeira .....	116
4.7.1. A Magia Profunda .....	117
4.7.2. A Mulher .....	119
4.8. Quadro 7: O que foi dito sobre Sr.Tumnus (o fauno) e os Animais	
Antropomorfizados .....	121
4.8.1. Sr.Tumnus .....	123
4.8.2. O Casal de Castores .....	124
4.9. Quadro 8: O que foi dito sobre o Inverno e o Natal .....	126
5. Considerações Finais .....	131
6. Referências Bibliográficas .....	137
7. Anexos	
7.1. Página original da comunidade “C.S.Lewis pt” (SE 1).....	147
7.2. Página original da comunidade “C.S.Lewis pt” (SE 2) .....	149

# CAPÍTULO 1

## Introdução

### **TEM PENA SENHOR**

*Tem carinho especial  
com as pessoas muito lógicas,  
muito práticas,  
muito realistas,  
que se irritam  
com quem crê  
no cavaleiro azul.*

*(D. Hélder Câmara)*

## 1.1. Introdução

No início desta pesquisa, tínhamos perante os olhos o universo da literatura infantil sendo aplicada em sala de aula de língua inglesa, como motivação para o contato com obra original e não obra adaptada, como é comum acontecer. Na base, havia a curiosidade advinda da constatação, pela experiência de ensino, que os alunos, de maneira geral, oferecem menor resistência à leitura de contos de fadas num segundo idioma, porque acreditam ser mais fácil o entendimento, a interpretação, o vocabulário, por estarem lidando com livros infantis. O senso comum não deixa de ter sua dose de razão. Porém, na medida que o contato com textos e aulas expositivas teóricas, como aluna do mestrado, lidando com as novas realidades ligadas ao letramento e mais ainda, à irreversível realidade do letramento digital, nos vimos como que atraídos e de certa forma impelidos, a lançar um olhar para além das quatro paredes da sala de aula e, para além das expectativas, de alguma maneira previsíveis, do universo dos alunos presenciais que se tinha. Seria possível ver a literatura em outro ambiente que não fosse o acadêmico ou aqueles dos círculos restritos? Se sim, onde encontrar essas pessoas e quem seriam elas? Como a obra literária a ser estudada já tinha sido eleita, e era a primeira crônica de Nárnia de C.S.Lewis, *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*, verdadeiro *best-seller*, escrita na década de 40 do século passado, bastava dar o salto para dentro de outro meio onde se pudesse observar a comunicação entre as pessoas. Nada melhor para checar a ‘intuição’ do que encontrar um portal no quase ilimitado campo da Internet. Chegávamos assim ao tema desta pesquisa, feita no vasto campo da Lingüística Aplicada, que se intitula *“Socialização do texto literário na Internet: o caso do conto narniano “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” de C.S.Lewis em uma comunidade do ORKUT”*.

No decorrer de toda a pesquisa tivemos que trabalhar com a metáfora de *'abrir novas portas'*, tão cara ao próprio enredo da narrativa: desde a metodologia usada para se fazer a observação e a coleta de dados, até a preciosa realidade de trabalhar com o real que é intangível, com pessoas concretas que têm entre si um contato unicamente virtual, que pode ser síncrono ou não, e que não afeta nem a relação entre elas nem o conteúdo por elas exposto. As *'portas'* também se abriam no modo com que os internautas se expressam pela escrita em gênero antigo, que é o fórum, que assumia perfil totalmente novo no ambiente virtual.

O maior de todos os desafios não foi somente mergulhar na respeitosa observação do que os internautas / orkuteiros conversam sobre literatura e sobre esta obra de C.S.Lewis, mas foi vencer o preconceito de que por estarem afastados de um ambiente oficial de *'ensino-aprendizagem'*, sem a supervisão, orientação ou, como é mais construtivista e moderno dizer, sem a moderação e mediação de um professor, as pessoas teriam uma conversa consistente sobre a literatura. Também tentamos vencer as dificuldades metodológicas ainda tateantes para quem se aventura a trabalhar e pesquisar para dentro dos portais virtuais, e mais aquelas das novas nomenclaturas a respeito da produção textual e da leitura, do *hiperlink*, do *hipertexto* e das relações *hiperpessoais*. Procuramos seguir o que os pesquisadores mais renomados – muitos deles brasileiros e *'nossos professores'* – têm apontado como trilha a seguir, com a certeza, porém, de que há ainda muito a ser desbravado até que se chegue a uma clareira, a um denominador comum, onde caibam todos.

Ao observar fóruns de uma comunidade que tratava da literatura de C.S.Lewis no portal Orkut, mais especificamente, de um conto de fadas, nos propusemos a lançar um olhar atento sobre os mitos e os símbolos, as possíveis alusões presentes em *"O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa"* que seriam comentados pelos internautas. Não podemos negar que este exercício foi extremamente prazeroso pelas

boas surpresas encontradas, por se tratar de um conto de fadas, aquele gênero literário cujo *“significado primitivo está intimamente relacionado com a ‘verdade’ dos mitos que urge redescobrir”* (Coelho, 1991:15) e, por isso, esperamos, que aquele que vier a ler este modesto trabalho, para além da introdução, também se encante com o Leão Aslan, com as crianças, e sem a sisudez na qual nos vemos presos tantas vezes, também abram portas novas que nos levem à Nárnia que estamos precisando encontrar.

Para que não nos perdêssemos nessa trajetória focalizamos na pesquisa, duas questões, que seguem abaixo:

1. Quais símbolos e analogias presentes no livro “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa” são percebidos e discutidos pelos membros da comunidade C.S.Lewis pt, do Orkut?
2. Como se caracteriza o ambiente virtual fórum, da rede de relações Orkut como espaço de discussão de obra literária?

## **1.2. Objetivo Geral**

Os objetivos da pesquisa giram em torno de quais símbolos e analogias presentes no *“Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*, que pode ser lida, como toda obra literária, em vários níveis ou camadas, são percebidas pelo leitor comum, e como essas percepções são apresentadas no fórum virtual da comunidade *“C.S.Lewis pt”* do Orkut. Paralelamente a esse objetivo há um outro, que é descrever o ambiente virtual conhecido como fórum.

Em poucas palavras, o objetivo geral do trabalho é: analisar como um texto literário é socializado no universo da Internet e quais são os símbolos do conto *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa”* que unem as pessoas em uma mesma comunidade virtual.

### 1.3. Objetivos Específicos

1. Identificar os símbolos e as analogias do livro *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”* mais freqüentes nos tópicos dos fóruns mostrados.

2. Caracterizar o gênero virtual fórum, na comunidade *“C.S.Lewis pt”*, da rede de relações Orkut, como espaço para discussão literária.

A pesquisa contará com sete capítulos. Após esta parte introdutória, teremos o quadro teórico que falará do portal de relações Orkut, sua estrutura interna e como a literatura pode ser discutida, através dos fóruns eletrônicos, que estão presentes nas comunidades criadas pelos internautas. Neste capítulo dois também trataremos do autor C.S.Lewis, das *“Crônicas de Nárnia”* e simbologia, da experiência de leitura literária e das características do letramento digital e do hipertexto. O capítulo três descreverá os passos adotados para a coleta de material das situações experimentais, e as opções metodológicas feitas para que a pesquisa tivesse consistência científica.

O capítulo quatro tratará da análise dos dados agrupados em quadros temáticos que, didaticamente, falam dos assuntos mais importantes comentados pelos internautas a respeito da obra *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*. Os assuntos abordados, em ordem decrescente foram: o Leão Aslan, C.S.Lewis e obra literária, as quatro crianças, o guarda-roupa e Nárnia, a Feiticeira e, por fim, as criaturas presentes no enredo, e o Natal e o inverno sem fim de Nárnia. No capítulo cinco faremos as considerações finais sobre os dados analisados, apresentando as conclusões a respeito da viabilidade de socializar o texto literário em ambiente virtual.

As duas últimas partes são as referências bibliográficas e os anexos que trazem uma página importada do Orkut de cada situação experimental.

## CAPÍTULO 2

### Quadro Teórico

***“O menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade do mundo, evitando que sobre ela caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto”***

***(Érico Veríssimo em “O Solo de Clarineta”)***

## 2.1. O Orkut – Uma Rede Social na Internet

O que é o Orkut afinal? Orkut é nome dado pelo turco do mesmo nome, Orkut Büyükkökten, funcionário e engenheiro da muito famosa e funcional rede norte-americana de busca, o Google, que criou e desenvolveu uma rede social na Internet, como resposta à política de incentivo à criatividade promovida pela empresa, cuja finalidade primeira era formar uma comunidade de elite, já que esta exige convite para que alguém se afilie à rede (a partir do ano de 2007 esta exigência deixou de existir). O Orkut foi projetado com o intuito de ajudar seus usuários a encontrar velhos amigos e manter contato com os conhecidos do presente, tornando-se uma grande teia de relações – quantas pessoas já não reencontraram velhos amigos de infância, ex-colegas de trabalho através do Orkut? Além deste aspecto agregador, o portal Orkut dá condições às pessoas de se unirem segundo interesses os mais diversos, de quase toda natureza, até estapafúrdios, legítimos ou sérios, descomprometidos politicamente ou éticos, lúdicos, bem humorados, imorais ou amorais, conforme quiserem, através de comunidades virtuais criadas pelos próprios orkuteiros. A tendência dos títulos pende para *'Eu amo... ou Eu odeio...'*, podendo ser bizarras ou engraçadas, mostrando a criatividade brasileira quando se lê: comunidade *'eu sempre coleí em prova'*, ou esta *'eu uso o lápis até o fim'*, ou ainda aquela outra que se chama *'ninguém escreve meu nome direito'*.

Ao aceitar o convite para participar da rede de amigos de uma pessoa, imediatamente se é adicionado, e o site convida o novo usuário a criar sua página pessoal através de um questionário padrão, com perguntas que traçam um perfil geral da pessoa, abrangendo aspectos profissionais, pessoais, descrição de 'hobbies', de interesse por leitura, música, incluindo fotos e 'email' particular. Ao criar a própria página, o internauta, agora denominado orkuteiro, se sente impelido a convidar conhecidos e amigos da sua convivência para participarem, por sua vez, de sua página, e escreverem, também eles, um depoimento sobre a amizade ou a deixarem um recadinho, conhecido como *'scrap'*, e assim, sucessivamente, a rede de relações vai se desenvolvendo. As informações da página pessoal podem ser acessadas somente por quem o dono autorizar. O novo usuário, naturalmente buscará no

site outros amigos que já façam parte da rede, para adicioná-los a sua página inicial, e o passo seguinte será fazer uma busca das comunidades já existentes no portal, que estão agrupadas em categorias genéricas, como família, religião, escola, arte, entre muitas, e requisitar a inclusão do seu nome como membro da comunidade escolhida. Dessa forma, cada vez que o usuário acessa a página do Orkut e sua página pessoal, ele imediatamente tem visível na tela, os nomes dos amigos em rede, e de quais comunidades ele faz parte. Foi assim que o Orkut se tornou não somente uma febre, alcançando dois milhões de usuários nove meses após seu lançamento (em janeiro de 2004), dos quais 73% eram brasileiros, mas fez dessa rede de relações virtuais uma verdadeira mania nacional. Especialmente os brasileiros deram fama e notoriedade ao Sr.Orkut Büyükkökten e reacenderam a chama de velhas amizades ao promover o envio de breves mensagens, muitas vezes inesperadas.

A importância das comunidades, porém, ultrapassa aquela dos títulos inusitados e das postagens inocentes, pois, no dizer de Araújo (2006) *“nossos alunos têm lido e produzido muitos textos através dele [o Orkut] e isso pode ser um ganho para a escola brasileira que vive reclamando que os alunos não lêem ou escrevem”*. As comunidades cujos títulos e temas atraem e agregam as pessoas, levam-nas à participação e à comunicação através da escrita e, cremos ser este um espaço livre de expressão, bastante distinto do ambiente escolar. A grande riqueza embutida neste ambiente virtual e que, acreditamos, não seja da consciência da maioria de seus usuários, é que o Orkut favorece, na interface das comunidades, o uso de fóruns para discussões de qualquer tema sugerido por qualquer membro da comunidade. Serão os fóruns que darão significativo suporte e propiciarão a experiência de leitura e de escrita em ambiente digital, para além dos ‘scraps’. No próximo subitem do quadro teórico, analisaremos as características deste novo gênero que surge. Já podemos ressaltar, porém, que os fóruns digitais, na atualidade, podem ter a mesma função *“de formar uma esfera pública crítica”* como acontecia no século XVII e XVIII nos cafés e outros ambientes públicos, em especial no Reino Unido como explica Habermas (2005). Os fóruns como gênero digital ultrapassam os limites do ambiente do Orkut, certamente, mas nosso interesse aqui é observar seu funcionamento nas comunidades do Orkut. A comunicação

eletrônica que se estabelece entre os membros de uma comunidade unidos por perguntas, comentários, pedidos de informação em torno de uma mesma temática ou assunto, no ambiente dos fóruns, são “*uma oportunidade de fazer crescer nosso entendimento e de partilhar nossas idéias*” (LEU & LEU, 1999:69), que trazem marcas próprias na expressão da escrita e da leitura, características do ambiente virtual, que seguirão outros parâmetros daqueles que regem as mesmas ações no mundo real.

Uma dessas características é que o vínculo das pessoas entre si é muito mais tênue e impessoal, mesmo quando, no caso de troca de idéias, haja divergência de pontos de vista e a discussão se torne densa em palavras e expressões. Uma troca de pontos de vista divergentes em determinado dia e hora, pode nunca mais ser retomada. E, mesmo ao contrário, se houver afinidade e coincidência de opiniões sobre determinado tema ou análise, com profusão de comentários, o vínculo entre as pessoas permanece impessoal e distinto daquele de quando se escreve e se lê algo para alguém presencialmente real. O novo contato pode ou não acontecer. Outra característica é que as mensagens postadas em um fórum podem ser respondidas ou não, por qualquer membro que se habilite. As mensagens podem ser escritas por qualquer pessoa que pertença à comunidade sem qualquer necessidade de aprovação ou legitimação prévia por parte de alguém. Nos fóruns virtuais do Orkut parece haver mais um espírito de ‘partilha’ e troca livre entre seus usuários, do que de exposição de especialistas a respeito de tema específico. Esta característica confere ao Orkut, por um lado, um caráter inegavelmente democrático e, por outro, uma experiência de superficialidade científico-analítica sobre temas e assuntos tratados, já que dificilmente se ultrapassarão as barreiras do lugar comum quando um tema for proposto. No Orkut, os temas propostos para os fóruns seguem paralelos por tempo indeterminado, podendo ser acessados e respondidos por qualquer novo usuário, leitor, internauta, membro da comunidade, que se interesse pelo assunto, em que época quiser, podendo ser, repetimos, um curioso ou até um especialista na temática. Em ambos os casos, receberão igual tratamento por parte dos mantenedores do portal Orkut, devendo seguir sempre a mesma série de passos para acessarem os fóruns, podendo deles participar,

ativamente, através da escrita, ou discretamente, acompanhando as postagens pela leitura, somente.

Os fóruns das comunidades do Orkut se apresentam, assim, como verdadeiros espaços abertos a todos os internautas que pertençam à rede, e que queiram se expressar a respeito de um assunto, sem garantir, porém, que o que está ali escrito e expresso tenha sustentação científica, acadêmica, legitimação técnica ou vínculo ético com a verdade de qualquer ordem. São dois lados da moeda preciosa da comunicação entre as pessoas, que não podem se desvincular, ou seja, a liberdade de expressão e a responsabilidade pelo que se diz, porém, a nosso ver, entraríamos em outro campo de observação se fôssemos tratar da questão de autoria. Cremos que antes de analisar *o que é* produzido nos fóruns das comunidades presentes no Orkut, vale a pena apontar para a importância deste espaço social novo, virtual, imaterial que gera escrita e leitura com função social próprias.

### **2.1.1. A Comunidade “C.S.Lewis pt”**

As comunidades no Orkut são criadas por usuários que, seguindo certos passos, também já dispostos pelos mantenedores do site, seguem livres na criatividade, nos temas e assuntos para criar e dar nome a uma comunidade. Os criadores assumem, a partir deste momento, a função de moderadores e tem seus nomes dispostos na página inicial da comunidade criada, sendo chamados de *donos* da mesma. Lá eles dispõem regras de *netiquette* da qual nos fala Crystal (2002) e de conteúdo, explicando e descrevendo qual o propósito da comunidade criada. Após o título, esta descrição servirá como um atrativo para que novos usuários se filiem e participem da comunidade.

A comunidade “C.S.Lewis pt”, foi criada por Ezequiel MadCamp em 30 de abril de 2004, quando a moda do Orkut começava a se espalhar entre as pessoas. Ele se apresenta em sua página pessoal, como casado, gaúcho, torcedor do Grêmio, cristão, e ao falar de suas preferências cita C.S.Lewis como um de seus autores favoritos. Interessante que as

informações são dadas em português e em inglês. Pergunta-se se, dessa forma, ele não atrairia para a comunidade usuários brasileiros e americanos, que formam a grande massa de usuários do Orkut.

Abaixo segue a descrição da comunidade, e das regras de participação para os orkuteiros que se interessem em filiar-se a ela. Ezequiel deixa bem explícita sua 'autoridade' como moderador da comunidade, descrevendo as punições que sofrerão aqueles que infringirem as regras, que passarão por duas fases: a da notificação e a da exclusão. Ele também agradece e pede a colaboração de todos.

**Descrição:** Uma comunidade para discutir os trabalhos e vida de CS Lewis

REGRAS:

---

Post sobre pirataria serão deletados.  
Distribuição de PDFs não autorizados é pirataria e portanto, crime.  
Qualquer post será deletado e o autor removido da comunidade.

Por favor, nem divulguem isso por aqui.

---

São proibidos ataques pessoais, palavras de baixo calão, etc.

---

Membro que fizer esse tipo de coisa, será notificado.  
Em caso de reincidência, será excluído da comunidade.

Peço para colaborarem. Obrigado.

### 2.1.2. Um pouco de história

Quando acessamos o Orkut pela primeira vez, imediatamente após a criação da página pessoal, através do preenchimento das informações requisitadas, como descrevemos nos parágrafos do capítulo sobre a metodologia deste trabalho, decidimos navegar no site a fim de descobrir do que se tratava. Ao nos depararmos com a página onde se inserem as categorias gerais que agrupam as comunidades criadas pelos internautas, havia 28 categorias dispostas em ordem alfabética, sendo que a última chama-

se *Outras*, ou seja, segundo as palavras do próprio Orkut, categoria destinada ‘*para grupos que desafiam a categorização*’. De página em página fomos olhando os nomes das comunidades que tendem a se auto-denominar ***eu amo*** ou ***eu odeio*** qualquer coisa ou qualquer pessoa, e nesta primeira experiência de navegação, encontramos seis comunidades relacionadas às “*Crônicas de Nárnia*” e a seu autor, C.S.Lewis. O critério de decisão pela comunidade “*C.S.Lewis pt*” e não às outras, foi o número de membros filiados, que era significativamente mais expressivo: 3.500, em 2005, contra poucas centenas e dezenas das demais comunidades.

O próximo passo foi filiar-me à comunidade e adquirir o hábito de nela navegar no intuito de conhecer seus membros, observar do que falavam, e como funcionavam os fóruns. Estávamos no primeiro semestre de 2005. O passo seguinte está descrito na situação experimental 1 (SE 1), que nos levou à posição de observadora participativa ao postarmos perguntas criando novos fóruns em setembro, novembro e princípio de dezembro de 2005<sup>1</sup>, imediatamente antes do lançamento do filme ‘*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*’, em rede nacional. Em outubro de 2006 houve a coleta dos dados da situação experimental 2 (SE 2), segundo descrição feita no capítulo de metodologia e, desde então, o acesso ao Orkut passou a ser eventual sem fins de estudos. Sete meses após a coleta de dados para a SE 2, que se deu em outubro de 2006, a comunidade já contava com mais de 6.500 membros, o que representa quase o dobro de quando a pesquisa teve início, apresentando fóruns a serem acessados desde outubro de 2004, dispostos, como num menu, para quem interessar possa.

Dessa forma este trabalho lança um olhar pontual sobre dois momentos de funcionamento de alguns fóruns eletrônicos da comunidade “*C.S.Lewis pt*”, consciente de que a dinâmica hipertextual desta comunidade a faz aberta e inacabada.

---

<sup>1</sup> Nos quadros que constam nos anexos deste trabalho, optamos por usar uma mesma data – 05 de dezembro de 2005 – nos fóruns da situação experimental 1 (SE 1) por esta data ser a mais próxima do lançamento do filme ‘*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*’, e por esta alteração não interferir em nada na análise qualitativa da amostragem.

### 2.1.3. A Literatura no Orkut

Não podemos deixar de relatar que tivemos uma feliz surpresa ao vermos como a cibercultura já ultrapassou a barreira do lugar da informação, da diversão, dos negócios, para se tornar também o lugar da reflexão. Pudemos atestar esta realidade pela presente pesquisa que lançou um olhar sobre a literatura sendo socializada em ambiente virtual. Sem deixar de manter uma característica chave do universo virtual que é a liberdade de expressão, aqueles que se tornaram membros atuantes e participantes dos fóruns da “Comunidade C.S.Lewis pt”, expuseram pontos de vista e fizeram declarações deveras pessoais a respeito da experiência como leitores de Lewis e, como cinéfilos, sugeriram verdadeiras pérolas de interpretação e crítica para a versão fílmica de LFG. A importância da expressividade dos internautas fica ainda mais acentuada se nós pensarmos que não estamos entre pesquisadores, mas entre pessoas comuns.

Os internautas que discutem literatura e socializam suas impressões, crenças e experiências como leitores literários, não o fazem buscando avaliação nem tampouco aprovação, o fazem, nos parece, pelo prazer de estarem unidos por um interesse comum, propiciado pela tecnologia, pelo meio que é o ambiente virtual. Da mesma forma, a obra literária escolhida, LFG, foco da grande maioria das postagens feitas, provoca e gera, ela mesma, reflexão, por ser um conto de fadas. Este gênero sempre abordará temas relevantes da existência humana, como nos lembra Coelho (1991:13):

*“Os contos de fadas, **com** ou **sem** a presença de fadas, desenvolvem seus argumentos dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida, etc), e têm como eixo gerador uma **problemática existencial**”*

C.S.Lewis não foge a regra e, com sensibilidade e sutileza, através de LFG, trata destas questões existenciais / religiosas, que dizem respeito a adultos e crianças, envolto no encanto de um mundo que está logo

ali, no fundo falso de um guarda-roupa... São essas descobertas feitas pelos internautas sobre uma obra literária do gênero conto de fadas, que estavam disponíveis, para quem quisesse conhecer, nos fóruns da comunidade “C.S.Lewis pt” do portal Orkut, que se tornaram a razão desta pesquisa.

## 2.2. O Fórum Digital

Há quem considere que vivemos não somente na civilização da informação, mas também “na ‘civilização da imagem’, resultante da explosão do vídeo. Há uma inflação de imagens submetidas ao jogo da sociedade de consumo” (MAGALHÃES, 2005:46). Uma das primeiras conseqüências dessa explosão tecnológica que povoa nossas vidas de imagens, é povoá-la também da escrita que tornou-se o principal instrumento de contato entre as pessoas que se conectam virtualmente. Nunca se escreveu tanto no mundo inteiro! Esta visão baseia-se na afirmação: “A revalorização da escrita com a introdução da tecnologia eletrônica é um fato, independente do que signifique falar / ler / escrever” (VIEIRA, 2005:29). E o ambiente fórum digital é um dos que mais propicia essa experiência de escrita, dialógica, ultrapassando a experiência de escrita muitas vezes casual e descomprometida. É o que nos aponta (PAIVA, 2006) quando diz que o “*dialogismo* [dos fóruns eletrônicos] refere-se à idéia de que os enunciados produzidos pelos interlocutores respondem a enunciados anteriores, direcionados a um público específico, o que vai de encontro à noção de ocorrência isolada de produção discursiva”. Vivemos, assim, no mundo da imagem, da informação e da escrita.

Vejamos agora um destes espaços do universo virtual que mais favorece a experiência da escrita, que é o fórum eletrônico.

O que caracteriza o fórum eletrônico ou digital? Por que nesse ambiente a escrita pode ser mais observada? Começamos dizendo que podemos considerar este novo gênero como uma reedição do gênero fórum já existente, porém, atentos, pois o gênero fórum eletrônico, carrega marcas próprias da Internet, que lhe conferem um novo perfil. Vygotsky (1978) já

teorizou que senão o único, talvez o mais eficiente ambiente para que o aprendizado aconteça seja o ambiente social e mesmo quando não se esteja “estudando” propriamente em um ambiente virtual, aplicando a noção dada por ele, não se pode negar que a Internet, que em sua base é uma grande rede de informações, seja fundamentalmente também, um ambiente social formado por um emaranhado de fios que forma uma rede de relações gigantesca, que pode gerar e propiciar aprendizado e reflexão em sua teia.

Além do aprendizado, esse mundo de relações virtuais nos interessa porque são os grupos humanos, reunidos virtualmente, os que escrevem e que dão origem ao novo gênero, o fórum digital ou eletrônico. Quando nos deparamos com a interface do portal Orkut e lá vemos o ícone fórum, presente em cada comunidade criada pelos internautas, sabemos que através dessa ferramenta, a relação entre as pessoas que participam da comunidade pode se estreitar, pois é um espaço aberto primordialmente para a discussão e partilha de assuntos ligados ao tema maior que é a base, a coluna vertebral, dado pelo nome da própria comunidade. Um fórum digital pode ser considerado uma ferramenta de interação entre interlocutores virtuais, nem por isso menos reais, e que uma das razões para a perpetuação e crescimento de uma comunidade virtual seja exatamente a participação freqüente nos fóruns. Quanto mais pessoas aceitarem responder a uma pergunta, ou se sentirem instigadas e motivadas a lançar outra, maiores as chances de mais pessoas aderirem à comunidade e se beneficiarem das informações postadas ali. Acreditamos que o êxito de uma comunidade virtual está no número de visitantes que dela participam através de alguma manifestação escrita, e não simplesmente pela contagem de acessos à página sem qualquer interação ou tentativa de socialização com as pessoas que dela tomam parte.

Os fóruns digitais abrem as portas para que haja, de fato, comunicação e socialização entre as pessoas, a partir de uma temática, sempre observando o princípio da relevância para poderem ter chance de interagir com alguma consistência dialógica. Segundo Xavier (1999), *“a característica essencial do fórum eletrônico é promover a discussão em torno de uma questão social controversa e de servir como instrumento de reflexão e*

*construção coletiva de uma solução para um dado problema*”. E as discussões virtuais acontecerão fundamentalmente a partir do texto escrito.

Porém, por que considerar o gênero fórum digital um desdobramento do gênero fórum tradicional, mas como um novo gênero, e não o mesmo gênero em ambiente diferente? Primeiramente, porque o gênero fórum, quando presencial, tem por característica o academicismo e a formalidade, obedecendo a um padrão que dificilmente será quebrado. Onde houver um fórum presencial, haverá uma ordenação para a apresentação de um número de trabalhos e pesquisas abalizados sobre determinado tema. Na dinâmica do fórum presencial, após a exposição de um assunto, haverá um tempo de debate com a participação dos presentes, perguntas serão feitas aos expositores, até que, coletivamente, se chegue a alguma conclusão diante do questionamento ou do tema proposto inicialmente. No fim, *“as decisões ali tomadas gozariam de legitimidade e deveriam ser adotadas consensualmente por todos os seus participantes”* (XAVIER, 1999). Assim se comporta, em poucas palavras, um fórum presencial, de caráter científico ou acadêmico.

O gênero fórum tradicional tem seu espaço na sociedade e permanece como tal, com pragmática e linguagem próprias, porém se distancia bastante do gênero fórum digital. Para além das marcas lingüísticas e sociais que são distintas do fórum presencial, o *‘enquadre cognitivo ou a contextualização’* segundo Marcuschi (2002), dos gêneros virtuais (não somente do fórum, mas deste também), apresentam características particulares. Segundo o mesmo autor, o gênero pode ser visto como *“texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, ‘relativamente estável’ do ponto de vista estilístico e composicional, servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social”*. Por percebermos que o fórum eletrônico corresponde, em todos os itens, à caracterização apontada por Marcuschi, passamos a ter segurança para concordar que estamos diante de um novo gênero lingüístico quando falamos do gênero fórum eletrônico ou virtual.

A experiência de nos debruçarmos sobre o portal Orkut para a feitura deste trabalho, nos foi confirmando esta convicção, pois, o gênero fórum *“tem como função dar suporte a uma comunidade discursiva”* (PAIVA, 2006), e lá, inserido em cada comunidade do portal, da qual o internauta ou orkuteiro participa ou é membro, ele se desenvolve. Nos fóruns há espaço para se postar uma pergunta ou solicitação, um ponto de vista ou inquietação na busca de interação com outros membros da comunidade. Há os que perguntam e os que respondem. Há os que interagem com vários outros membros da comunidade enquanto outros participam uma única vez. Mas, reiteramos, o fórum eletrônico é um *instrumento comunicativo com propósitos específicos*.

Na interação entre as pessoas, parece haver sempre a esperança de que alguém responda, participe, dialogicamente, mesmo não havendo qualquer segurança de que isso acontecerá. Há o desejo de se passar do monólogo ao diálogo. Segundo O’Hear & Sefton-Green (2002) *“há uma crença comum, sustentada por autores, que em algum lugar do ciberespaço existe uma audiência à espera do seu trabalho”*<sup>2</sup>. Quando o interesse é despertado e a troca entre os interlocutores acontece, percebe-se que não só o suporte que sustenta o gênero fórum eletrônico se altera, mas também a maneira como os interlocutores interagem. O nível de linguagem que se observa no fórum digital é bastante informal, aceitando também a participação de qualquer pessoa que queira se expressar, sem que haja a menor expectativa de que seja um especialista ou que tenha estudado o assunto anteriormente. Nesse sentido, o fórum digital pode acolher no espaço virtual que ocupa, a participação do simples curioso e do maior especialista no assunto, com toda gama de variações possíveis entre os dois pólos, que poderão expor pontos de vista e trocar idéias, em espírito de colaboração, sem exigência de qualquer requisito prévio, como normalmente aconteceria num fórum presencial. Cremos que uma eventual seleção natural dos participantes de um fórum acontecerá, à medida que a troca de mensagens se intensificar, e os participantes forem se expondo e trocando experiências, fazendo o fórum

---

<sup>2</sup> Tradução livre do original: “...there is a common belief held by the authors that somewhere in cyberspace exists an audience for their work”.

tomar corpo. Mas a participação inicial em um fórum eletrônico é aberta a todos que tiverem interesse pelo assunto tratado. A tendência é que aqueles que pouco ou nada tiverem a contribuir se calarão, supostamente farão perguntas aos mais entendidos do tema e, talvez, com a mesma rapidez com que se cadastraram para fazer parte do fórum, se desvincularão do mesmo, ou, ao contrário, permanecerão, como observadores. O ambiente virtual comporta diferentes atitudes por parte dos participantes dos fóruns, pois a palavra escrita é registrada e guardada, podendo ser acessada a qualquer momento. Sabe-se quando um tema, pergunta ou assunto é proposto para ‘provocar’ o início de um fórum eletrônico, porém não se pode precisar quando ele findará, ou se findará, o que não aconteceria em um fórum presencial.

A avaliação do custo-benefício para se continuar ou não participando de um fórum virtual tende a se assentar em critérios mais pessoais e subjetivos diversamente da participação em fóruns presenciais. Os fóruns digitais, por serem reais e imateriais, simultaneamente, são acessíveis e deixam de sê-lo ao simples escolher da tecla ‘delete’. O sociólogo polonês que estuda as relações e as ações humanas a partir do advento da comunicação via computador, cita em um dos seus livros, que uma das vantagens decisivas das relações eletrônicas, segundo uma jovem que ele entrevistara, é que “*sempre se pode apertar a tecla de deletar*” (BAUMAN, 2006:13). Quais as vantagens e as desvantagens da rapidez com que estas escolhas podem ser feitas e suas conseqüências, seriam questões para outros trabalhos. Sabemos, porém, que o vínculo e compromisso de participação e engajamento entre as pessoas de um fórum virtual para aquelas de um fórum presencial, diferem visceralmente, deixam de ser *interpessoais* para se tornarem *hiperpessoais* (Marcuschi, 2002), pois, “*o impacto da Internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente*” (CRYSTAL, 2002). Como dissemos no parágrafo anterior, o fato das postagens dos internautas serem, majoritariamente, escritas, propiciam que os encontros e participação nos fóruns possam ser síncronos ou não, interferindo no tecido do que seja o fórum virtual como também nas relações estabelecidas entre seus participantes.

À guisa de ilustração, de como o próprio ambiente do fórum virtual vai selecionando, valorizando ou ‘deletando’ certos participantes, houve um internauta que participava da comunidade “*C.S.Lewis pt*”, cujo fórum respondia à pergunta: *o que vocês acharam do filme?*, postada na situação experimental 2 (SE 2) deste trabalho, que foi simplesmente ignorado pelos demais participantes do fórum. Observando as circunstâncias que deram margem a esta reação por parte de quem interagiu no fórum naqueles dias, podemos relatar que a pergunta fora postada imediatamente após o lançamento do filme ‘*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*’, em 9 de dezembro de 2005. Quando no dia 29 de janeiro de 2006, o orkuteiro *Adriano* membro da comunidade “*C.S.Lewis pt*”, entra no fórum e pergunta: ‘*de que filme vocês estão falando?*’, recebe como resposta um solene silêncio por parte dos demais participantes, que continuam trocando idéias sem dar-lhe qualquer atenção, nem no momento, nem depois. Afinal, era de se esperar que *Adriano* soubesse de que filme se falava e o silêncio se torna bastante eloquente e significativo. Ele é marginalizado pelos outros membros da comunidade o que gera, como resultado, a recusa de continuar participando do fórum de maneira explícita. *Adriano* não escreve novamente, nem insiste em esclarecer sua dúvida – fica impossível saber se ele permaneceu lendo as mensagens e a troca de idéias entre os membros da comunidade que participavam do fórum – mas, seu caso ilustra o comportamento *hiperpessoal* que ocorre na Internet, que tem suas regras, porém, não é previsível como aconteceria entre membros de um fórum presencial. Sua dúvida ou mera curiosidade manifesta na pergunta postada não acionou a colaboração dos internautas.

Recapitulando: “*através dos fóruns (digitais) as pessoas opinam, se expressam, criam laços, debatem, e se sentem encorajadas à comunicação*” (WICKSTROM, 2003), e o fazem através de linguagem muito mais flexível, que permite a não obediência cega às regras gramaticais ou à ortografia, com bastante liberdade lingüística. O conteúdo do que é dito é o primordial neste gênero digital, que dá “*abertura irrestrita para o livre dizer*” (XAVIER, 1999), e não para quem diz. O espaço do fórum digital pode ser considerado, assim, um espaço de fato real e democrático, menos hierárquico abrigando participantes que não dependem da legitimação ou da definição de

seus papéis sociais para poderem participar ou exercer o direito de expressão, exigindo, porém, de seus membros, a criação de laços, a expressão dialógica, a participação efetiva pela escrita, caso contrário, se auto-excluirão da interação ou serão excluídos naturalmente. Não somente o espaço, o suporte, onde a comunicação entre as pessoas acontece chama-se fórum, mas a maneira como se comunicam faz surgir o novo gênero lingüístico fórum eletrônico, ou digital.

Não podemos deixar de mencionar, que quem cria comunidades no ambiente virtual são internautas que se beneficiam de um portal, não sendo diferente no caso do Orkut, seguindo instruções e passos de preenchimento de informações requisitados pelo portal. Ao fazer nascer uma comunidade, o internauta passa a ser chamado de *moderador* e mesmo *dono* da mesma, e seu nome, endereço eletrônico como membro do Orkut, e a data da criação da comunidade, passam a constar na primeira página de acesso à comunidade. O moderador é quem decide em que seqüência as perguntas dos fóruns serão postadas, quais mensagens devem ser excluídas – principalmente no caso de intolerâncias raciais e outros assuntos politicamente incorretos, não plausíveis num ambiente aberto a todos como é o caso da Internet – sendo inclusive responsável por aceitar ou não que novos membros se vinculem àquela comunidade, checando seus perfis. O moderador também participa ativamente dos fóruns, se quiser, não deixando de exercer seu primeiro papel de usuário e membro da comunidade, além daquele de dono.

Voltando ao tema da caracterização do fórum virtual, antes de finalizar, gostaríamos de citar, mais uma vez, Paiva (2006), cuja definição do que seja o protótipo do fórum on-line, vem ao encontro do que assumimos como base de análise neste trabalho, e que se adéqüa perfeitamente aos fóruns postados na comunidade “*C.S.Lewis pt*” do Orkut:

*“O fórum on-line é um gênero virtual que reúne, em página da Internet, interações escritas de uma determinada comunidade discursiva em forma de hiperlinks ou de seqüências de textos, com identificação de tópicos, dos participantes, seus endereços*

*eletrônicos e datas das contribuições. (...) Essas mensagens podem circular livremente ou serem censuradas por um moderador que tem o poder de excluir mensagens e de determinar como elas vão aparecer na tela”.*

Em Paiva evidencia-se, então, que o fórum digital é um gênero novo, que pode ser considerado *hipertexto* já que contém os escritos em forma de *hyperlinks*. Como caracterizar, porém, o hipertexto de um fórum virtual? Temos ciência que a visão do que seja um hipertexto não é consensual entre os pesquisadores que observam e analisam o fenômeno dos novos gêneros escritos surgidos no ambiente virtual. Esta nomenclatura cunhada por Theodor Nelson, em 1964, como “*sistema contínuo de documentos interconectados*”<sup>3</sup> vem sendo objeto de polêmica. Para Marcuschi, em 1999, o hipertexto é, “*sobretudo, uma nova forma de textualização e não de leitura*”. E mais adiante ele dirá:

“O termo *hipertexto* foi cunhado por Nelson em 1964, para referir uma *escritura eletrônica não-sequencial e não linear*, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real. Assim o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma seqüência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor. Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final. O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura / leitura eletrônica multilinearizado, multiseqüencial e indeterminado, realizado em um novo espaço”

Do que pudemos estudar, constatamos que há três elementos básicos na noção de hipertexto e hipertextualidade, comuns a outros autores, como Illana Snyder (2002), que nos parecem um ponto de apoio seguro sobre o qual concordar e assentar as bases de qualquer estudo posterior, que são: a *não-linearidade*, a *virtualidade* e a ligação por *links*.

---

<sup>3</sup> Tradução livre do original inglês: hypertext ‘an ongoing system of interconnecting documents’

Estudos sucessivos têm ampliado a aprofundado a percepção do que seja o hipertexto, deixando para trás a noção superficial primeira do ‘texto escrito no computador’, afirmando que o suporte tecnológico propicia o surgimento de uma maneira nova de enunciação, agora **enunciação digital**, que é o hipertexto. Este, não mais somente escrita, vai permitir a fusão de várias linguagens pré-existentes, como o texto, o som e a imagem, no mesmo espaço de percepção que, no caso das páginas anexadas à web, é a tela do computador. Segundo Xavier (2007), há uma simples equação enunciativa a ser apresentada, que é a responsável pela grande revolução gerada pela fusão de recursos lingüísticos com recursos semióticos, que é o: **TEXTO + IMAGEM + SOM = HIPERTEXTO -> MODO DE ENUNCIÇÃO DIGITAL.**

A discussão do texto literário nos fóruns da comunidade do Orkut por se dar como **enunciação digital**, precisará – e foi – analisada como aberta, pois permite aos internautas escolhas de caminhos de participação e de auto-exclusão, conforme suas vontades e necessidades individuais, variando do léxico à temática, do diálogo à observação. Estas características do hipertexto se refletem na maneira como o texto literário é socializado, conferindo-lhe caráter próprio, bem distinto da discussão presencial em sala de aula, ou nos fóruns presenciais. Se já falamos em não-linearidade e virtualidade, podemos agregar a imaterialidade, a ubiqüidade, a (hiper)intertextualidade e a multisemiose como outras importantes características do hipertexto presentes nas postagens dos internautas da comunidade “*C.S.Lewis pt*”. Segundo Xavier (2007), elas:

“permitem uma grande mobilidade ao usuário que poderá acessá-los de qualquer ponto da página, sem compromisso com qualquer linearidade (...). São essas idas e vindas, esses movimentos sem ritmo determinado que permitem ao hiperleitor mover-se livremente pela página da web, assim como dançam as

diversas linguagens que compõem o espaço digital”.

Dessa maneira, o texto literário ganha por ser discutido virtualmente porque, pela liberdade do acesso ao conhecimento, muito mais pessoas podem ler e falar sobre ele, ou ao menos tomar conhecimento sobre a obra literária da qual se fala. Como feliz ilustração podemos citar a doutora em C.S.Lewis, Gabrielle Greggersen que, participante da situação experimental 2 (SE2), tece o seguinte comentário na primeira linha de sua postagem no fórum que participa, em 15/08/2005: “*É bom ver gente curtindo os mesmos livros, não é?*”. Ao introduzir sua participação desta maneira, com uma pergunta e usando uma gíria, ela deixa evidente a marca da interação escrita livre que caracteriza o gênero fórum virtual. Cremos que sua fala não se apresentaria com esse nível de informalidade e de dialogismo já na primeira manifestação, se estivesse participando de um fórum presencial.

Para finalizar, temos consciência que ao término dessa pesquisa outras considerações já terão sido feitas entre os estudiosos sobre a hipertextualidade e a enunciação digital entre os novos gêneros surgidos através do letramento digital, incluindo, nesta lista, o gênero fórum eletrônico. Importa para nós, contudo, no momento, concluir que podemos considerar, os fóruns de discussão da comunidade “*C.S.Lewis pt*”, como espaços de hipertextualidade que deram sustentação ao gênero fórum online.

#### **2.4. C.S.Lewis e as “Crônicas de Nárnia”**

Clive Staples Lewis, autor das Crônicas de Nárnia, nasceu em Belfast, Irlanda do Norte, em 1898. Por não gostar de seu nome, desde os quatro anos pediu para ser chamado de Jack, e era assim conhecido entre familiares e amigos íntimos. Tinha um irmão dois anos mais velho, Warren, com quem, desde a infância, partilhou interesse por histórias, desenhos e criação de “contos maravilhosos”<sup>4</sup>. Seriam amigos por toda a vida e desde

---

<sup>4</sup> Segundo Coelho (1991, 14) “os *contos maravilhosos* são narrativas que, sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares,

pequenos demonstrariam ter imaginação fértil e criatividade. Criaram um “*Mundo Animal*”, onde ratos e coelhos se tornam cavaleiros a fim de matar gatos, e também escreveram histórias e fizeram desenhos sobre a Índia. Quando indagado se estas experiências da infância já não eram um esboço do que seria Nárnia no futuro, Lewis nega e, em sua autobiografia declara que, o único ponto comum que há entre o Reino de Nárnia e o Mundo de sua imaginação infantil, são os monstros antropomorfizados. Inegavelmente, porém, o mundo da literatura fantástica e do conto de fadas o atraiu desde menino.

Declarava de si mesmo ser produto de inúmeros livros, lidos desde a primeira infância, por incentivo dos pais. As oportunidades literárias que o cercaram iam desde clássicos, passando pela ficção tanto adulta quanto infantil, à mitologia grega, romana e nórdica. Em suas próprias palavras:

*“Sou um produto de... livros infindáveis. Meu pai comprava todos os livros que lia e jamais se livrou de nenhum deles. Havia livros no escritório, livros na sala de estar, livros no guarda-roupa, livros (duas fileiras) na grande estante ao pé da escada, livros num dos quartos, livros empilhados até a altura do meu ombro no sótão da caixa-d’água, livros de todos os tipos, que refletiam cada efêmero estágio dos interesses de meus pais. (...) Nada me era proibido. Nas tardes aparentemente intermináveis de chuva, eu tirava das estantes volume atrás de volume. Encontrar um livro novo era para mim tão certo quanto, para um homem que caminha num campo, é certo encontrar uma nova folha na relva”.* (Lewis, 1998).

A mãe de Lewis terá influência decisiva sobre o filho, tendo ele descrito os pais como “letrados e inteligentes” para a época. Aos nove anos quando perde a mãe vítima de câncer, Lewis já tinha sido encaminhado por ela

---

objetos mágicos, gênios, duendes, etc), e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática, concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas, poder material, etc. Geralmente, a *miséria* ou a *necessidade de sobrevivência física* é o ponto de partida para as aventuras da busca”. (Os grifos são da própria autora).

para aprender o francês e o latim. A família era protestante, presbiteriana, mas quando da morte de sua mãe, Lewis cai em isolamento, mais ainda pela inadaptação paterna diante da viuvez precoce, busca refúgio na leitura e, neste contexto, começa um processo de perda da fé. Pouco tempo depois é enviado para sucessivos colégios internos, como era costume da época, e em sua autobiografia descreve estes anos como de muito sofrimento. Sua adolescência e juventude serão marcadas pela visão pessimista sobre o ser humano e pela busca incessante da Alegria, no intuito de reencontrar algo que marcara sua infância. Seu refúgio sempre serão os livros, os clássicos e a literatura. Poesia, filosofia, mitologia, lia tudo. Na juventude acaba na companhia do Professor Kirkpatrick, amigo de seu pai, que se tornará tutor de Lewis preparando-o para passar nos exames para entrar na Universidade de Oxford. Lewis o considerará como aquele que realmente o ensinou a pensar lucidamente e a expressar-se com precisão, sem exageros ou generalizações. Lewis também serve como voluntário na I Guerra Mundial e, em 1925, com 26 anos, torna-se professor de Literatura Medieval e Renascentista em Magdalen College, Oxford, onde permanecerá até 1954. Lecionará as mesmas matérias na Universidade de Cambridge e muitos dos seus trabalhos serão premiados, principalmente no campo da crítica literária.

Na busca pela Alegria, aprofunda estudos sobre várias filosofias e sobre a filosofia e acaba encontrando a Deus, novamente, como adulto, depois de declarar-se ateu por vários anos. Ele, finalmente, (re)encontra a fonte da Alegria. Estamos em 1930. Em 1931 por influência de amigos cristãos, protestantes e católicos, muito especialmente de J.R.R.Tolkien, Lewis volta à fé cristã, como anglicano, e, a partir de então, todas as suas obras e escritos procurarão transmitir valores presentes na revelação cristã. Os dois amigos lecionarão juntos por quase trinta anos e partilharão não somente a fé cristã, mas o amor e o interesse pela mitologia, a arte de contar histórias e, em especial, a arte dos contos de fadas. Edwards (2005) nos conta:

*“Lewis credits a Tolkien ajudá-lo a ver que seu amor pelos mitos e contos de fadas simultaneamente o cegaram e o prepararam para o entendimento final de que os Evangelhos narram a autêntica, testemunhada história de um “mito*

*verdadeiro” (...) A história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro: um mito que age em nós da mesma maneira que outros, mas com a tremenda diferença de que este realmente aconteceu: e deve-se estar aberto a aceitá-lo dessa maneira, lembrando que é um mito de Deus enquanto os demais são mitos dos homens, ou seja, nas histórias pagãs é Deus expressando-se aos homens através das mentes dos poetas, usando as imagens que encontra ali, enquanto no Cristianismo é Deus expressando-se a si mesmo através daquilo que chamamos “coisas reais”.*

Sendo assim, Tolkien e Lewis consideravam os contos de fadas como veículos ou meios perfeitamente adequados para expressar verdades eternas. A produção de Lewis no campo da literatura fantástica será a que mais se destacará internacionalmente. Os contos de fadas ou as sete “*Crônicas de Nárnia*”, serão os mais eloqüentes representantes da literatura fantástica criada por Lewis. O Reino de Nárnia é inerentemente um universo espiritual através do qual as convicções cristãs de Lewis são transmitidas sem ser, porém, “*uma alegoria que contém paralelos um para um entre personagens e eventos do Evangelho... Nárnia é uma “suposição”... Para habitar nesse mundo a postura deve ser de quem **recebe** e não de quem **usa** essa grande história*” (EDWARDS, 2005).

As sete “*Crônicas de Nárnia*” foram escritas entre 1940 e 1954. Elas podem ser lidas separadamente, pois têm, cada uma, histórias independentes, porém, se lidas em seqüência, formam uma grande narrativa fantástica. A cronologia sobre a ordem com que as crônicas foram escritas é palco de algumas discussões porque o próprio Lewis divergia nas informações que dava. No entanto, a melhor maneira para se ler as “*Crônicas de Nárnia*”, é a que se segue: “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*”, “*Príncipe Caspian*”, “*A Viagem do Peregrino da Alvorada*”, “*A Cadeira de Prata*”, “*O Cavalo e seu Menino*”, “*O Sobrinho do Mago*” e “*A Última Batalha*”. Estes livros tipificam o estilo alusivo de Lewis que se serve de várias fontes para dar vida a sua imaginação. A fonte primeira será a Sagrada Escritura:

*“A Bíblia é a fonte primeira para as alusões presentes nas Crônicas (...) as outras fontes em ordem decrescente são a literatura, outras línguas / formas arcaicas do inglês, eventos da própria biografia, mitologia nórdica, mitologia greco-romana, autografia (empréstimos da produção não ficcional), história, filosofia e eventos da época” (Hinten, 2005).*

Partindo destas fontes, há uma tentativa de classificação que considera “O Leão”, “O Sobrinho” e “A Batalha” os mais bíblicos, “A Cadeira” e “O Cavalo” os mais biográficos, “O Peregrino”, o mais literário, e “Caspian” o mais lingüístico”.

C.S.Lewis, como um especialista em literatura renascentista e medieval, ao escrever as “Crônicas de Nárnia”, segue a tradição de reescrever velhas histórias em vez de criar novas, enriquecendo-as com sua vasta erudição. No entanto, segundo relato pessoal, não planejou escrevê-las, nem tampouco reescrever a vida de Cristo para crianças, no formato de conto de fadas. Ele próprio relata (HINTEN, 2005:9):

*“Algumas pessoas parecem crer que eu tenha começado e me perguntar como poderia dizer alguma coisa sobre o Cristianismo para as crianças; depois tenha escolhido os contos de fadas como instrumento; a seguir tenha coletado informações sobre a psicologia infantil e tenha decidido qual seria a faixa etária do meu público alvo; então teria listado verdades cristãs básicas e escolhido “alegorias” que se encaixassem a elas. Isso tudo é pura fantasia. Eu não conseguiria escrever seguindo esse modelo. Tudo começou com imagens na minha mente. Todos os sete livros de Nárnia, e os outros três livros de ficção-científica, começaram através de imagens em minha mente. A princípio não eram histórias, somente imagens.*

## **2.5. C.S.Lewis na Internet**

Apesar de já termos comentado, na introdução deste trabalho, a respeito do caminho até chegarmos à busca da literatura no

universo virtual, gostaríamos de enfatizar a importância deste salto de observação do mundo real da sala de aula, para o mundo virtual dos fóruns de discussão de uma comunidade do portal Orkut. Como chegar a supor que uma obra com características narrativas medievais, escrita há décadas, pudesse ser discutida de maneira hipertextual?

A descoberta do autor e sua obra levaram a pesquisadora à experiência com alunos intermediários e avançados de inglês como segundo idioma, que se interessavam em ler a obra original em inglês com menor resistência, por ser literatura infantil. Qual era o fascínio que esse gênero literário exercia sobre os alunos, que os motivava a ler? Foi com esta primeira questão que chegamos ao mestrado. No entanto, mesmo estando em ambiente universitário, não encontramos entre colegas e professores ninguém que tivesse ao menos ouvido falar em C.S.Lewis, muito menos de sua obra, mesmo tendo sido ele conterrâneo, colega de profissão e de trabalho, amigo pessoal por mais de 30 anos de J.R.R.Tolkien, tão em voga após a trilogia do “*Senhor dos Anéis*”. Neste contexto e neste período, fomos convidados a participar da rede de relações virtuais do portal Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) e lá, após aceitar o convite para fazer parte da rede de amigos de uma pessoa, por curiosidade, encontramos numa primeira pesquisa, nada menos do que seis comunidades virtuais interessadas em C.S.Lewis e sua obra literária<sup>5</sup>.

Foi este acontecimento que fez com que quiséssemos dar o grande salto de mudança de enfoque na questão de pesquisa: como um texto literário era socializado em ambiente virtual? E para que o salto fosse dado e a pergunta respondida, era necessário que se ampliasse o campo de pesquisa e estudo, tendo que olhar não somente para autor e obra, letramento tradicional, literatura e interpretação, mas para estas mesmas realidades no ambiente virtual. A troca de enfoque da pesquisa, buscando investigar como uma obra literária é discutida em ambiente virtual por puro interesse de seus participantes, (sem coerção externa ou qualquer tipo de benefício direto), é digno de interesse tanto pelo objeto em si, ou seja, como uma obra literária é

---

<sup>5</sup> Este relato se encontra em mais detalhes no capítulo sobre Metodologia.

vista por não especialistas no assunto, quanto pelo interesse em saber quem são essas pessoas, quais são as características que podemos apreender de seu discurso e que estão presentes em ambiente virtual específico. Mais ainda, que universo é esse, chamado Internet que propicia de forma tão democrática e rápida o encontro entre pessoas para tratar de um tema comum? Segundo Wickstrom (2003) “*simplesmente mudar o meio para o virtual não necessariamente muda o padrão do discurso*”, mas a curiosidade em estudar esse meio que revoluciona hábitos, interfere no letramento, aproxima as pessoas e é suporte na educação, entre outras coisas, inclusive para a discussão literária, deu corpo a essa pesquisa.

Não se pode esquecer que a “*sociedade cria tecnologia e é criada por ela*” (MORRISETT, 2003) e “*a Internet é sem dúvida uma das mais influentes descobertas na história da comunicação*” (BARTON, 2005). Nesse contexto de mão-dupla onde temos sociedade e tecnologia, vimos nascer as relações virtuais via Internet e, muito especificamente, o portal Orkut que propicia o encontro de milhares de pessoas interessadas em uma mesma obra literária que muito dificilmente – para não dizer jamais – se encontrariam pessoalmente para debater ou no mínimo, comentar sobre obra e autor, assunto comum. À guisa de ilustração, quando o portal foi acessado pela primeira vez, em setembro de 2004, a comunidade “*C.S.Lewis pt*” contava com 3.500 membros, oito meses depois, já contava com 4.700 membros, mostrando o dinamismo presente na Internet e como autor e obra ainda continuam exercendo interesse, também entre o público comum.

Para a execução desse trabalho houve o incentivo externo e aleatório à pesquisa, que foi o lançamento do filme “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*” em dezembro de 2005 pela Walt Disney Productions, que acirrou nos participantes da comunidade do Orkut comentários e curiosidade de como aconteceria essa adaptação fílmica de obra literária, já tão cara aos participantes da mesma comunidade. A partir dos comentários postados ali, foram observados quais elementos simbólicos e alegóricos eram mais importantes na obra literária para os visitantes, e que

*“não poderiam deixar de estar presentes no filme”*, segundo palavras textuais de uma das perguntas postadas no fórum da comunidade.

No ambiente virtual foi possível observar assim, mesmo que em diminuta fatia, como um texto literário pode ser discutido despreziosamente, porém, com aguçada pertinência, por pessoas comuns, de diferentes faixas etárias e crenças religiosas, de diferentes regiões do Brasil, unidas tão somente pelo interesse comum, gerados por C.S.Lewis e pelo conto *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*.

## **2.6. A Experiência de Leitura Literária**

Há vários enfoques a serem abordados quando pretendemos analisar uma obra literária e ela se distingue de outros textos, porque carrega em si características próprias. Obras literárias, acreditamos, são obras escritas no tempo, mas que o ultrapassam, estão inseridas em determinada cultura cujos limites não a restringem. Elas têm enredo e personagens, princípio e fim, mas não se esgotam em si mesmas, podendo ser lidas em várias camadas, causando impacto em quem as lê e a elas se expõe, podendo ser, por sua vez, também reinterpretadas e revisitadas. A literatura fala do ser humano e para o ser humano no que há de essencial, e deixa sua marca a quem dela se aproxima. É o que nos diz Langer (1995) quando afirma:

*“toda literatura – as histórias que lemos como também aquelas que contamos – suprem-nos de uma forma que podemos imaginar o potencial humano. No seu melhor sentido, a literatura é intelectualmente provocativa tanto quanto humanizante, permitindo-nos usar vários ângulos de visão para perceber pensamentos, crenças e ações”.*

Levar as pessoas – e as crianças e os jovens em especial – à experiência de leitura literária deveria ser um dever, tanto quanto levá-las ao letramento e à inclusão digital, pois *“a leitura verdadeira, é aquela que traz*

*novas informações e estimula o diálogo, que encanta o leitor e o desafia a ler mais e mais” (VIEIRA, 2005:48). E esse papel de aproximar pessoas de textos e textos apropriados para as diferentes situações, idades e contextos, será exercido especialmente pelo professor, que para fazê-lo, deverá ele mesmo já ter começado sua própria educação literária. Assim ele saberá diversificar livros, textos e gêneros para introduzir seus alunos no universo literário, ajudando-os a ultrapassar a barreira do desconforto e levando-os à habilidade crítica, pois, segundo Langer (1995) “a educação literária tem o potencial de nutrir e de desenvolver a habilidade crítica, servindo-se de seu papel especial de levar o indivíduo a essa experiência”.*

A experiência de leitura pode tratar o significado e a interpretação de um texto de maneira subjetiva ou objetiva. A primeira tem foco na experiência pessoal e a segunda no universo exterior de quem lê, mas, ambas caminham de mãos dadas para levar o leitor à experiência mais completa de entendimento do significado. O que é importante frisar é que a experiência literária requer e gera abertura e reflexão sobre temas existenciais e, em se tratando de literatura infantil e dos contos de fadas, por causa de sua característica básica, da simbologia, dos elementos alegóricos e fantásticos que tem, essa realidade se faz ver ainda mais eloqüentemente, e as *“Crônicas de Nárnia”* são um especial exemplo disso.

Em se tratando do ambiente virtual que exige, primordialmente, a escrita na comunicação entre as pessoas, a literatura tomada como base para discussão, é um dos gêneros mais adequados para propiciar esta troca e ligação entre os internautas. Isso porque, conforme postula Vandrick (2003:280), *“há uma forte interligação entre a leitura e a escrita se a literatura for usada como base”*. Falar de literatura em ambiente virtual, é falar-escrevendo do que se leu, é deixar fluir livremente a palavra nova sobre a palavra ruminada oferecida pela literatura, num exercício de reciprocidade onde a palavra alimenta e faz brotar a palavra. O meio virtual propicia (também e não somente) este espaço onde acontece a escrita sobre a leitura literária que é diferente das demais. Diferente e única porque *“lemos*

*para nos lembrar que somos humanos, precários e finitos, e a palavra redimensionada que encontramos na poesia e na ficção propicia a nosso próprio léxico interior a construção do sentido para a existência” (SERRA, 2001:40).*

E aqui se encontra a constatação de uma intuição ocorrida durante a análise dos dados deste trabalho, que nos parece pertinente. A fruição e o deleite da leitura literária não se dá *on line*, pois nada se compara a experiência de se ter um livro em mãos, porém, o universo virtual *on line* propicia que seus usuários, jovens, adultos ou até crianças, leiam e escrevam hipertextualmente, sobre praticamente tudo. Sendo a literatura uma esfera complexa de comunicação humana que, coincidentemente, mais perfeitamente favorece a união da leitura com a escrita, fica fácil, portanto, inferir ***que a literatura é um dos instrumentos, ou uma instância discursiva das mais propícias a se beneficiar do ambiente virtual como meio de produção de escrituras***, mesmo que estas tenham fortes marcas próprias.

O que a princípio poderia parecer um risco, falar livremente sobre obra literária na Internet, ou numa comunidade virtual, revela-se, ao contrário, um ganho para quem se propõe a fazê-lo. A longo prazo, nos parece, na medida que o letramento digital de fato alcançar grande parte da população, que quem sairá ganhando é a educação como um todo, tendo como beneficiados diretos os alunos de todas as faixas etárias. E não é com pouca satisfação que vemos Xavier (2004) em consonância com outros autores como Don Tapscott, Lanhan, Landow e Tuman, confirmar o lampejo de nossa observação feita através deste trabalho, ao dizer:

*“o uso do hipertexto e da Internet na escola afetará o ensino, a aprendizagem e os programas escolares de forma determinante, desafiando os conceitos e as atividades pedagógicas vigentes no que se refere à **escrita e à literatura** [grifo nosso]. Esses autores, concebendo o hipertexto como uma ferramenta de aprendizagem, afirmam que ele transfere aos estudantes muito mais responsabilidade no acesso, seqüenciação e construção de sentido da informação”.*

Mesmo que estas informações e reflexões sejam geradas por um texto literário, lido e debatido, ou simplesmente comentado por internautas, sem nenhuma outra pretensão que não seja a troca livre de diferentes pensares.

### 2.6.1 Os Contos de Fadas

O conto de fadas era um dos gêneros que Lewis e Tolkien mais apreciavam porque viam nele **o veículo mais perfeitamente adequado para expressar verdades eternas**. Através da imaginação que cria mundos de fantasia, as pessoas, situações e coisas aparecem em sua potencialidade real e mais genuína. Porém, quando e onde nascem os contos de fadas? Desde a Antiguidade, em todas as culturas, há formas populares de narrativas, tais como fábulas, mitos, lendas, sagas, contos, romances, contos maravilhosos e há também, os contos de fadas. Estes dois últimos se destacam porque dão visibilidade a duas atitudes humanas presentes desde tempos imemoriais que são a luta do eu em busca de sua realização interior, e a realização exterior em nível social. Estes dois gêneros vêm sendo utilizados para classificar os *“milhares de narrativas que constituem o acervo da chamada Literatura Infantil Clássica”* (COELHO, 1991:12).

O eixo sobre o qual gira um conto de fadas é sempre uma problemática existencial. Haverá sempre obstáculos ou provas a serem vencidas até que o herói alcance sua auto-realização existencial (vemos isso com clareza no personagem Peter de LFG), seja pelo encontro com a sua verdadeira identidade, seja pelo encontro com um ideal, que pode ser representado por uma princesa. Quanto à origem,

*“os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais, eternos (...) [porém], a despeito de muitas pesquisas desenvolvidas, foi impossível determinar quais teriam sido os textos-matrizes ‘puros’, tal o amálgama de*

*fontes que se fundem nas narrativas recolhidas” (COELHO, 1991:13,17).*

O famoso conto maravilhoso, oriental, das *“Mil e Uma Noites”* foi divulgado no mundo europeu no século XVIII, no mesmo período que as fadas se tornaram populares. Oriundas da criação poética da cultura celta, estas fascinantes figuras femininas

*“tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações-limite, quando já nenhuma solução natural seria possível. Podem ainda encarnar o Mal e apresentarem-se como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxas”. (ibid,31).*

Dependendo do período histórico vivido, as fadas têm presença mais marcante ou caem no esquecimento, acontecendo o mesmo com os contos de fadas. No século XIX, os contos de fadas passam a ser direcionados para as crianças, como forma de entretenimento, e os irmãos Grimm, são aqueles que recolhem da memória popular as antigas narrativas acumuladas através dos séculos por tradição oral, coletando também centenas de textos espalhados por toda a Alemanha. Os mais conhecidos contos de Grimm na língua portuguesa são: *“A Bela Adormecida”, “O Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira” e “Os Sete Anões e a Branca de Neve”*. No século XX quando há o rompimento com o positivismo e o racionalismo, os contos de fadas saem do recesso e voltam a ser redescobertos, no nível do simbólico. Foi nesse período propício que C.S.Lewis escreve *“As Crônicas de Nárnia”* e J.R.R.Tolkien, a trilogia *“O Senhor dos Anéis”*. Devido a influência da cultura celta<sup>6</sup> sobre a região que conhecemos hoje como Grã-Bretanha, ficam explicadas as raízes históricas que fazem da Inglaterra e da Irlanda o berço de

---

<sup>6</sup> “Pelo estudo de sua língua, ficou provada a filiação dos celtas ao tronco indo-europeu. Embora não tivesse deixado nenhuma organização política e econômica importante, o celta foi dos povos da Antigüidade que mais influência teria exercido sobre os demais, no que concerne à convivência humana, à espiritualidade, à religiosidade ou, mais amplamente, à exaltação do imaginário” (Coelho, 1991:38)

grandes escritores como os dois acima citados, e também James Joyce, e sua inigualável obra literária, Lewis Carrol, o pai de “*Alice no País das Maravilhas*” ou, na atualidade, J.K.Rowling, a mãe de “*Harry Potter*”.

## 2.7. O Letramento Digital

O advento da Internet veio inaugurar, entre tantos aspectos que dizem respeito à escrita e à leitura, um novo perfil de leitores que se diferenciam daqueles ditos “*tradicionais*” que tinham no livro o meio eloqüente de representação destas mesmas atividades, a leitura e a escrita. Segundo Kress (2005) o espaço virtual cria “*visitantes não só leitores*”, que por sua vez geram “*um sentimento de fragmentação na audiência*”, ampliando quase ao infinito o universo de pessoas que acessam qualquer tipo de informação na web. Não podemos mais afirmar com precisão quem são os leitores / visitantes desta ou daquela página ou site na Internet. Potencialmente e democraticamente, todo texto é passível de ser acessado por qualquer usuário da Internet, inclusive o texto literário.

A Internet tem gerado novos gêneros, como é o caso do e-mail, ou tem reeditado outros, como é o caso do fórum, agora fórum eletrônico, que têm levado estes mesmos leitores / visitantes a se associarem mutuamente, em grupos menores, movidos em geral, por interesses comuns. Esta seria a principal característica do portal Orkut que, além de ser um lugar de encontro virtual entre as pessoas, é também um local onde pessoas se unem em comunidades de interesse comum, como foi o caso da comunidade “*C.S. Lewis pt*”, como já comentamos. Nessa comunidade todos os membros são fãs do irlandês, C.S.Lewis, em especial das “*Crônicas de Nárnia*”, que são contos de fadas direcionados à qualquer idade. Neste contexto surgiu a pergunta: como será a relação destas pessoas com o texto literário, já que segundo Marcuschi (2004), “*as novas tecnologias não mudam os objetos, mas as nossas relações com eles?*” Como o ambiente da Internet poderia facilitar ou propiciar a “conversa” sobre um texto literário, já que o texto literário é o motivo e a causa para as pessoas se agruparem?

Com a Internet, profundas mudanças foram e continuam sendo sentidas na natureza da leitura e da escrita, e o grande desafio é a convivência de ambos: o letramento dito tradicional e o letramento digital, que não se excluem ou se sobrepõem, mas se conjugam. Segundo Leu (1999), “*elementos tradicionais do letramento continuarão a ser importantes nos novos letramentos (...) que se constroem sobre*” os primeiros. “*A leitura e a escrita assumirão novas formas à medida que o texto se combina com novas fontes de mídia*” (ibid) sem, no entanto, prescindir do letramento vinculado ao papel, ao livro e ao lápis. Ao contrário, para se fazer melhor uso da leitura e da escrita digitais, como acontece quando se precisa localizar a melhor informação dentre as tantas disponíveis na Internet, ou se avaliar a utilidade da mesma, há que se valer de estratégias aprendidas com o texto tradicional. A capacidade de avaliar a utilidade de um hipertexto ou de localizá-lo com rapidez, depende do letramento tradicional, já que os novos letramentos exigem que se leia mais criticamente.

### **2.7.1. As Características do Letramento Digital**

Uma das características mais importantes do letramento digital, é que ele está em contínua mudança e é socialmente mais aberto na sua construção, do que o letramento tradicional. Se, por um lado, a avaliação crítica e o conhecimento estratégico de leitura do letramento tradicional são imprescindíveis para que se navegue pelos hipertextos e hiperlinks com objetividade e proveito, por outro lado, não se pode negar que o letramento digital, segundo Kress (2005) veio trazer mudanças revolucionárias de natureza semiótica “*dos modos de representação e dos meios de disseminação*”. Ou seja, “*do meio livro pelo modo escrita, para o meio tela, pelo modo imagem*”. Há quem considere esta postura de Kress um tanto quanto extremista, pois o que a realidade nos demonstra, é que o meio livro *convive* com o meio tela, e o modo escrita vem incorporando em sua prática muitos elementos do modo imagem.

Não podemos deixar de lembrar que os modos de representação e os meios de disseminação sempre acontecem dentro de

contextos sociais e culturais, que com eles interagem e por eles são influenciados. Essa transposição de modo e de meio para tela e imagem causada pela tecnologia digital, traz conseqüências também revolucionárias em dois âmbitos: na figura do autor e no modo como se lê. Ou seja, o núcleo do letramento tradicional é tocado visceralmente. Antes quem escrevia tinha segurança de quem seria seu público, dependendo do gênero adotado, e tinha domínio sobre o que escrevia. O modo escrita em papel obedecia a padrões rígidos de numeração, índice, capítulos, páginas, linhas e, obviamente, uma ordem lógica interna lexical e gramatical de palavras do idioma no qual um texto era escrito. Era uma ordem firmemente codificada que era apresentada ao leitor. Essa escrita e leitura tradicionais ainda permanecem e, como já dissemos, são fundamentais para que a experiência de letramento digital possa ocorrer satisfatoriamente<sup>7</sup>. Mas o que passou a acontecer com a leitura e a escrita depois que a tecnologia barateou seus custos e levou o computador e a Internet para milhões de usuários em todos os ambientes de trabalho, para dentro das casas, em todos os continentes, das crianças às pessoas da terceira idade? Sem dúvida esta pode ser considerada uma revolução copérnica, irreversível, com conseqüências de desafiadora mensurabilidade devido às múltiplas facetas que possui. O que podemos afirmar, contudo, em consonância com Xavier (2004) é que *“o letramento digital instaura diferentes funções (tudo aquilo que o letramento pode fazer pelo indivíduo) e usos (tudo o que o indivíduo pode fazer com o letramento) no contexto social em que é adotado”*.

### 2.7.2. A leitura e a escrita digital

As *“home-pages”* da Internet vieram causar uma reviravolta na noção linear que se tinha sobre leitura e escrita, porque ao contrário do papel, o meio tela do computador é um meio aberto e um *“novo universo semiótico”* (KRESS, 2005). Neste universo não há mais somente o escritor a propor determinado conhecimento a seus leitores, mas estes mesmos leitores

---

<sup>7</sup> “A condição fundamental para a apropriação do letramento digital é o domínio do letramento alfabético pelo usuário. Há uma irrefutável conexão entre o ‘novo’ tipo de letramento com o ‘velho’, uma explícita relação de condicionalidade entre ambos que aumenta a importância e amplia o uso do alfabético em razão da chegada do digital” (Xavier, 2004)

também serão aqueles que constroem ou delimitam seus conhecimentos a partir da gama de informações acessadas, e que foram colocadas à disposição para serem acessadas por qualquer leitor. Citando Kress, mais uma vez:

*“Uma “home-page” não é organizada segundo a lógica tradicional da página escrita, mas segundo a lógica que se baseia na imagem. As páginas da “web” e de uma “home-page” têm inúmeros pontos de acesso, “entry-points”, enquanto que a página tradicional tem somente um ponto de acesso. Essa diferença faz com que o(s) autor(es) da página da “web” tenha(m) em mente que os leitores chegarão a ela vindos de espaços sociais e culturais bastante diferentes, com interesses bem diversos, não necessariamente podendo o autor da página prever antecipadamente quem seriam”.*

As mudanças são revolucionárias também no que dizem respeito ao vocabulário e à organização, pois não há quem se entitule “web escritor”, mas “web designer”, não se lê na Internet, mas se navega e visita as home-pages, e não se fala tanto em páginas e textos, mas em mensagens. Quanto à organização, passou-se de uma página densamente impressa para páginas multimodais que mesclam texto, imagens e até som, sem se falar em “layout” da página, nomenclatura ligada ao desenho e não à diagramação, e da escrita que dominava o texto, passou-se à imagem e ao texto dominando a tela.

A noção de espaço e tempo se altera dramaticamente também, porque no texto escrito impresso não há possibilidade de mudança. Há até espaço para o leitor, ao interagir com o texto, dar a ele significados pessoais e inusitados a partir da leitura que fez, sem, porém, poder alterar o que está dito e que foi proposto pelo autor, e que será sempre apresentado ao leitor daquela mesma maneira, independente do tempo e do espaço. No universo digital a primazia não é mais **só** do texto, mas também da imagem, e a interação se faz quase imperiosa com o leitor dando a ele a opção de representação que mais lhe convém, imagem, texto ou ambos. “O leitor faz seu caminho através do assunto apresentado na página, e ordena essa leitura de

*acordo com os princípios que emergem do mundo e da vida que ele tem*” (KRESS, 2005). Como na leitura em papel, a ação do leitor sobre a tela do computador na Internet pode variar e se alterar por tempo indefinido, sem depender de qualquer espaço ou tempo, mas agora ele pode interferir na escrita do texto, passando de uma atitude receptora passiva da leitura tradicional, para uma ação de co-autoria.

É claro que sabemos que todas essas assertivas têm seus limites, pois, obviamente um leitor / internauta não pode interferir ou alterar ou escrever na “home-page” do banco do qual ele é cliente, nem tampouco no site de alguma biblioteca ou da universidade que frequenta, no entanto a escolha do que acessar e quando acessar continua sendo escolha sua, como e quando quiser. Mesmo nos sites e “home-pages” institucionais há sempre um ícone que convida o visitante a se comunicar, a interferir, a perguntar, tirar suas dúvidas com os responsáveis por aquele domínio virtual. É o que Xavier (2004) chamará de *“aprendizes que se transformam em leitores-autores”*.

Por fim, contextualizando com as perguntas que este trabalho propõe responder, principalmente no que se refere ao que caracteriza o fórum digital, cremos que ele, por abrigar e fomentar a escrita e a leitura hipertextuais, pode ser considerado, como concebe (Xavier, 2002), *“como espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido”*. Os leitores-autores que produzem hipertextos, o fazem porque contam um suporte tecnológico, na tela do computador, que lhes permite esta prática multimodal, múltipla, não linear, com pouca noção de autoria e de hierarquia, que lhes dá maior liberdade de expressão como também de autonomia e responsabilidade.

## **2.8. A Simbologia de “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”**

Devido à erudição e experiência profissional como professor de literatura medieval e renascentista, C.S.Lewis era um homem cercado por livros antigos e, muito tempo da sua carreira passou explicando, estudando e criando alegorias e alusões através dos livros que escrevia. Estes

livros contavam estórias dentro de outras estórias, principalmente aquelas que estão carregadas de elementos míticos e simbólicos presentes em diferentes culturas no desenrolar da história da humanidade, os quais Lewis sabia manejar com maestria, estivessem estes elementos presentes nas obras de ficção científica, ou nos contos de fadas mais conhecidos de sua autoria que são as *“Crônicas de Nárnia”*. Sua grande paixão eram os contos de fadas e o mundo da literatura fantástica.

Para se entender com mais clareza os recursos usados por Lewis, é importante que alguns conceitos estejam claros. Por exemplo: o que é uma **alusão**? É uma referência direta ou indireta a alguma outra coisa, que pode ser uma pessoa, um evento, um ditado ou uma obra literária<sup>8</sup>. Dessa forma, muitas das escolhas por nomes e mesmo certas frases ditas em diálogos nas histórias de Nárnia, remetem a textos, poesias, vocabulário de séculos anteriores ao XX, muitas vezes caídas em desuso. O exercício de fazer alusões ao escrever, nunca foi proposital, mas fruto de uma vasta cultura literária. E alegorias? Elas estariam presentes nas obras de Lewis? Em dezembro de 1959 ao responder à pergunta se as Crônicas seriam **alegorias**, e em especial a figura do Leão, ele diz: *“o Leão não é uma alegoria como algumas pessoas pensam, quer dizer, eu não pensei, ‘vamos representar Cristo como Aslan’; eu digo “supondo que haja um mundo como Nárnia, e supondo que como o nosso, ele precisasse de redenção, vamos imaginar que tipo de Encarnação e Paixão e Ressurreição Cristo teria lá. Entende?”* (HINTEN, 2005). Por isso, podemos dizer que as *“Crônicas de Nárnia”* contêm alusões e elementos alegóricos, mas não equivalências. Essas alegorias se apresentam desde as mais óbvias como é o caso da figura do Aslan, mas há aquelas que só poderão ser percebidas se se conhecer muito da literatura apreciada por Lewis. As *“Crônicas”* podem ser lidas em vários níveis e aí está umas das marcas da genialidade do autor: nem adultos ou crianças saem prejudicados, pois o tema e o enredo de cada livro é total e facilmente

---

<sup>8</sup> Segundo o dicionário Aurélio: 1-**Alusão**: Referência a alguma pessoa, coisa ou fato, sem mencioná-lo expressamente. Figura em que se faz apreciação indireta de uma pessoa, ou de um seu ato ou estado, mediante referência a outra, bem conhecida e, freqüentemente, personagem histórico, lendário ou literário. 2-**Alegoria**: Ficção que apresenta um objeto para dar idéia de outro. Obra artística ou literária, que oferece uma coisa para sugerir outra.

compreendido por qualquer um que o leia, sem ser uma obra infantil. Há estudiosos de Lewis, inclusive, que divergem na percepção de algumas alegorias de sua obra, como é o caso do fauno, Sr.Tumnus, que não é uma outra maneira das crianças dizerem barriga (“tummy”), ou tumor (“tumor”) como chegaram afirmar alguns, mas são as duas últimas sílabas do nome do deus romano Vertumnus. É sabido que Lewis vai buscar na mitologia, muitos nomes para os personagens de Nárnia.<sup>9</sup>

Partindo do entendimento de que as alusões e alegorias não são paralelos exatos, mas suposições, podemos crer que personagens, nomes, objetos e contextos nas histórias de Nárnia, simbolizam outras realidades concretas mesmo que não visíveis. Começemos pelo mais importante de todos. Aslan, um Leão, simboliza Cristo, “o Leão da tribo de Judá”, como em Apocalipse 5,5 e o nome Aslan significa leão, em turco. As crianças podem simbolizar os apóstolos, mas, como não há paralelo exato, Susan vai morrer no final e Edmund, que facilmente é reconhecido como Judas, o traidor, se arrepende ao se encontrar com Aslan e não morre, ou se suicida, movido pelo desespero, mas torna-se um cavaleiro fiel e honrado. Peter será facilmente identificado com S.Pedro, o líder do grupo, e Lucy com o evangelista S.João, já que este inclinou a cabeça sobre o peito de Jesus e é conhecido como o apóstolo do amor. Também Lucy será sempre a mais suave e delicada de todos, sempre atenta à presença de Aslan e com quem ele gastará mais tempo. Há quem identifique o nome Lucy como uma referência à afilhada Lucy Barfield a quem Lewis dedica a obra completa das “Crônicas”.

---

<sup>9</sup> NOTA: A noção de que seja **alusão** e **alegoria** merece especial atenção. Existem duas noções para os termos: a **lingüística** e a **metafísica**. A noção lingüística representa o que C.S.Lewis faz em todas as “Crônicas”, e é aquela cuja definição está presente no verbete do dicionário Aurélio e que corresponde ao ‘lugar-comum’ de compreensão dos internautas, sendo a noção adotada no corpo desta pesquisa. Quando C.S.Lewis, porém, nega fazer alegoria ou alusão ao falar de Aslan e Jesus, o que pode parecer um paradoxo, ele está se referindo ao que Burke (1995, 25) vai categorizar ao dizer: “*um segundo tipo de alegoria poderia ser descrito como metafísico ou místico, pois assume alguma espécie de conexão oculta ou invisível entre dois indivíduos ou eventos*”. Assim Aslan não é ficção nem figura literária de Jesus Cristo, mas a mesma pessoa que se manifesta de maneira distinta em dois mundos distintos. Por isso, Aslan só pode ser considerado alegoria metafísica de Jesus Cristo.

O nome do professor Digory Kirk, que aconselhará Peter e Susan a não desconfiarem de Lucy quando ela disser que conhecera Nárnia, só será revelado no penúltimo livro escrito, *“O Sobrinho”*, e tem duas explicações para o seu nome que misturam elementos de lingüística, literatura e dados biográficos. Kirk pode ser o apelido de Kirkpatrick, o tutor que tão positivamente marcou a vida do autor, como também significa *“igreja”* em escocês antigo, mostrando que a igreja, no caso o professor, pode ser um caminho para se levar ao Aslan.

A feiticeira chama-se Rainha Jadis, que em francês medieval significa *“antiga”*, recebe esse nome que combina com um ser que tem mais de mil anos. A maldição do inverno que nunca termina, Lewis traz dos povos antigos escandinavos cujo maior temor era não ver a primavera chegar. O chefe da polícia, um pastor alemão, é chamado de *“Maugrin”* que significa *“boca destruidora”*. O nome daquela que deveria ser a capital de Nárnia, *“Cair Paravel”*, é formado de **cair**, uma antiga palavra nórdica, trazida para o inglês medieval que significa **ir**, e de **caravel**, uma corruptela de *“caravels”* (caravelas).

Um outro elemento muito interessante presente em LFG, é Papai Noel, para total ira de Tolkien, que o considerava um elemento intruso no universo das lendas que pretendiam relatar a vinda de Cristo ao mundo. Houve, inclusive, uma ilustração de um livro sobre Nárnia que mostra Lewis quando criança ao lado de um de seus brinquedos prediletos: um jumento carregando Papai Noel. Não sabemos se foi essa lembrança que fez Lewis querer introduzi-lo em LFG, mas sabemos que Lewis não se incomodou de colocar juntos e misturados elementos religiosos e míticos. Os quatro presentes que Papai Noel dá às crianças fazem um paralelo com os dons espirituais que são dados àqueles que pertencem a Aslan. Esse movimento de troca mútua entre os mundos espiritual e secular, cumprido por Aslan e Papai Noel, é caracteristicamente lewisiano.

Segundo palavras do próprio autor, a Mesa de Pedra, não representa, mas **é** a Mesa de Moisés onde o sacrifício é oferecido, e onde

Aslan será sacrificado. A Mesa de Pedra encontra-se no alto de um monte, assim como o Calvário, onde Cristo livremente ofereceu sua vida. Os personagens que cercam a mesa na hora do sacrifício de Aslan, são um misto de humanos, de animais, de criaturas mitológicas. Como diferenciar quem serviria ao bem e quem serviria ao mal? No decorrer de todas as “*Crônicas*” e não somente em LFG, as criaturas com cabeça humana e corpo de animal são boas, aquelas cujo corpo é humano, mas a cabeça é animal, são más, pois simbolizam o compromisso com a paixão em detrimento da razão.

O capítulo em LFG que descreve o sacrifício de Aslan e fala da “*Magia Profunda*”, refere-se à traição imperdoável, e é o mais bíblico de todos. Da mesma forma sua ressurreição, tendo somente Lucy e Susan como testemunhas, segue a descrição dos evangelhos. Quando a Mesa se quebra temos a alusão ao fim da lei e da maldição, pelo véu do templo que se rasga em dois, como está descrito em Mateus 27,51. O efeito do sacrifício e da ressurreição é sentido especialmente em Edmund, cujas feridas e atitudes são curadas em nível psíquico, emocional, físico, espiritual e social.

Em termos alusivos, LFG é assim o mais bíblico e o mais nórdica, mitologicamente falando, das “*Crônicas de Nárnia*”. As escolhas dos símbolos nórdicos acontecem porque o enredo acontece durante o “*inverno eterno*”, maldição da Feiticeira, que será quebrada com o sacrifício e a entrega de Aslan, que trará de volta a primavera.

## Capítulo 3

### Metodología

***“Never exaggerate. Never say  
more than you really mean”***

***“Education without values, as useful  
as it is, seems rather to make man a  
more clever devil”***

***(C.S.Lewis in “Letters to Children”)***

### 3.1. Natureza da Pesquisa

Estudo de caso de cunho etnográfico.

### 3.2. Constituição da Amostra / Procedimentos

#### 3.2.1. Coleta de dados – Situação Experimental 1: Perguntas e Respostas (SE 1)

O contato e a observação das mensagens postadas na comunidade “C.S.Lewis pt” do Orkut, se deu, a princípio, aleatoriamente, movida pela curiosidade. Em 2005, quando a acessamos pela primeira vez, essa comunidade tratava principalmente da troca de depoimentos sobre os livros de Lewis já lidos, de suas frases mais marcantes, dando informações sobre livrarias e sebos onde os livros, em sua maioria esgotados, podiam ser comprados. A comunidade falava de reminiscências em tom de certo saudosismo. A partir do segundo semestre de 2005, quando a mídia impressa começou a divulgar notícias sobre o lançamento do filme sobre as “*Crônicas de Nárnia*”, produzido pela *Walt Disney Productions*, os temas postados na comunidade passaram a girar em torno da expectativa de como seria a adaptação do primeiro filme da série, intitulado “*As Crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*”.

A maior parte dos leitores e de fãs de C.S.Lewis, teve o seu primeiro contato com estes contos de fada ainda na infância, e, na maioria das vezes, através dessa primeira crônica, o que cercava a expectativa do lançamento do filme de elementos e componentes emocionais muito genuínos e fortes pois, “*através da literatura, aprende-se a explorar as possibilidades e a considerar opções para si mesmo e para a humanidade. Chega-se a encontrar-se a si mesmo, a imaginar o outro, perceber a diferença e buscar a justiça*” (LANGER, 1995). E quanto mais jovem se tem contato com a literatura, mais fortes são as lembranças dessa experiência prazerosa e reflexiva gerada por ela, muitas vezes pela primeira vez.

Servindo-me dessa circunstância favorável, decidi coletar os dados entre os dias 2 e 25 de dezembro de 2005, respectivamente a semana que antecedia e as duas semanas que se seguiram ao lançamento do filme, com especial atenção para o dia 9 de dezembro de 2005 que foi o dia da estréia do filme em todo o mundo. A coleta seria feita no horário da noite, no fim do terceiro expediente, para poder contar com a participação do maior número possível de membros da comunidade cujos horários eram desconhecidos.

Como os fóruns eletrônicos gozam de duas características próprias, quais sejam, “*uma maior capacidade de abrangência espacial – ubiqüidade – e participação irrestrita por qualquer indivíduo – universalidade – em torno de questões que lhe dizem respeito*” (XAVIER,1999), achei por bem assumir a postura de observador participante, lançando no fórum perguntas que poderiam gerar dados para a pesquisa. O advento do filme gerou a oportunidade de discutir os elementos da obra literária, principalmente a percepção de símbolos e analogias, através dos personagens, partindo de perguntas que antecederam a estréia do filme, e de perguntas para quem já havia assistido à adaptação do conto narniano para a linguagem fílmica. Todas as respostas dadas às questões seriam objeto de análise do trabalho.

A primeira pergunta postada em 22 de setembro de 2005 foi: **qual o seu personagem preferido?** Ela visava simplesmente um primeiro contato com os visitantes da comunidade, buscando perceber o interesse destes. Ainda não havia sido revelada a identidade da “mestranda”, ou seu interesse em fazer pesquisa de qualquer ordem. Foram obtidas 16 respostas entre os dias 24 de setembro e 08 de dezembro de 2005.

A segunda pergunta, postada em 07 de dezembro de 2005, às vésperas do lançamento do filme, foi: **só responda quem vai ver o filme: que cenas e personagens vocês mais anseiam ver na tela? O que não pode faltar no filme?** Dessa vez os membros da comunidade foram incitados a participar porque esta era uma pesquisa. Foram 06 as respostas recebidas no dia 08 de dezembro. Mais 06 pessoas responderam à mesma pergunta no

dia 09 de dezembro assim que chegaram do cinema, descrevendo a experiência, descaracterizando a intenção primeira da pergunta que era antecipar quais cenas e personagens do livro não poderiam deixar de estar presentes no filme. Quando os internautas responderam à questão, eles estavam chegando do cinema.

Mais duas perguntas foram postadas em dias posteriores. A primeira, no dia 09 de dezembro, **O que vocês acharam do filme?**, recebeu 33 respostas entre os dias 09 e 16 de dezembro. E a segunda, no dia 11 de dezembro: **Quem é quem no filme? Uma charada?**, recebeu 11 respostas entre os dias 11 e 25 de dezembro de 2005.

Em síntese, na primeira fase foram colhidas 22 respostas às duas perguntas feitas no fórum, que antecederiam a exibição do filme, e 48 respostas foram colhidas às duas perguntas feitas após o lançamento do filme *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*, que corresponderam à segunda fase, perfazendo um total de 70 respostas analisadas.

Esta passou a ser chamada de **Situação Experimental 1: Perguntas e Respostas (SE 1)** que, mesmo rica em dados, trazia a marca da presença observadora e participativa da pesquisadora podendo ser consideradas respostas induzidas, ou no mínimo, conversas induzidas, já que as perguntas dos fóruns não podiam ser analisadas como postagens e participações genuinamente livres, espontâneas, encontradas no universo virtual, aleatoriamente.

### **3.2.2. Coleta de Dados – Situação Experimental 2: Depoimentos Livres (SE 2)**

A partir da situação experimental 1 (SE 1) coletada, nasce a curiosidade e a necessidade da comparação: será que haveria outros fóruns falando das *“Crônicas de Nárnia”*, de C.S.Lewis, do conto LFG feito filme, que tivessem sido criados por internautas ‘orkuteiros’ da comunidade *“C.S.Lewis pt”* (na época já com mais de 5 mil membros), sem nenhum outro motivo que não

fosse o prazer de falar de um interesse comum? Será que os quadros desta pesquisa poderiam ser respondidos aleatoriamente através de outros fóruns da mesma comunidade?

Em outubro de 2006 decidimos, então, dar mais consistência à pesquisa proposta, buscando dados espontâneos sobre a mesma temática. Encontramos dois fóruns que por si só atraíram o nosso interesse: o primeiro trazia o nome do livro pesquisado: **‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa’**, e o outro repetia a pergunta já feita pela pesquisadora na SE1: **‘O que vocês acharam do filme?’**. Nascia assim a ***Situação Experimental 2: Depoimentos Livres (SE 2)***, que contava com dados encontrados ao acaso na grande comunidade *“C.S.Lewis pt”*, postados sem qualquer interferência explícita de fins acadêmicos.

Os dois fóruns encontrados aleatoriamente, em outubro de 2006, têm entre si datas distintas de participação dos seus membros, o que vai interferir diretamente na maneira com que os temas são tratados. O fórum 1, denominado **‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa’**, tem postagens anteriores ao lançamento do filme, o que propicia a discussão e a troca dos relatos se voltarem para a experiência literária das obras de C.S.Lewis, vividas por alguns desde a infância, na expectativa do que viria a ser a adaptação fílmica do *best seller* LFG. Estas postagens variam entre os meses de julho a setembro de 2005, e contam com a participação de 14 sujeitos que se manifestam 18 vezes.

Neste fórum sobre o livro, coincidentemente, há a feliz participação da pesquisadora Gabrielle Greggersen, que não se identifica e só discretamente comenta ter feito uma tese sobre o livro LFG. Na verdade, esta vem a ser sua tese de doutorado que versa sobre a antropologia filosófica de C.S.Lewis e que consta na bibliografia deste trabalho. Desta forma, sendo somente Gabrielle, evidencia-se a forma democrática e nova, ubíqua e universal, hipertextual na feitura, leitura e uso com que se apresenta o fórum no ambiente virtual em comparação com que aconteceria numa realidade

presencial, acadêmica, que contasse com a presença de uma *expert* em Lewis. Ambas situações seriam reais, porém, espacialmente e hierarquicamente diversas. No caso do fórum eletrônico, como dissemos no capítulo teórico ao tratar deste assunto, parece não haver necessidade de apresentações formais que legitimam a participação de uma ou outra pessoa no fórum, estando este aberto à manifestação e interferência de todos através de meios igualitários. Todos têm igual direito de expressão e se utilizam dos mesmos meios tecnológicos. A consistência e a pertinência da contribuição de cada internauta é que poderá variar enormemente, tornando-o mais ‘escutado’ que outros ou simplesmente deixado de lado, ou ainda fazendo-se mais ouvinte que participante, devido à própria insegurança ou ignorância, no sentido primeiro da palavra. O veículo e o espaço virtual, porém, são iguais para todos aqueles que conseguem acessá-lo, fazendo do fórum digital um espaço fundamentalmente universal e, em certo sentido, igualitário, mesmo que não homogêneo.

O fórum 2 da situação experimental 2 (SE 2) fazia a mesma pergunta postada pela pesquisadora na situação experimental 1 (SE 1): ‘**O que vocês acharam do filme?**’. Como resposta, contamos com a participação de 13 sujeitos num total de 16 postagens, entre os dias 31 de dezembro de 2005 a 31 de janeiro de 2006, ou seja, logo após o lançamento do filme no mercado mundial que aconteceu no dia 09 de dezembro de 2005.

A possibilidade de observar as postagens de internautas orkuteiros em duas situações distintas, propiciou um olhar menos subjetivo e indutivo, permitindo que a análise sobre o texto literário no universo virtual fosse mais realista e carregada de boas surpresas. Não houve confronto entre os dados coletados, mas cruzamento entre eles. Nas informações presentes, a busca de que elas nos permitissem responder às questões de pesquisa referentes especialmente à simbologia, tendo como foco mais acentuado **o que foi dito** e não *quem disse* ou *quando disse*.

Assim, tivemos um total de 80 sujeitos participantes das situações experimentais 1 e 2 (SE 1 e SE 2), sendo importante ressaltar que

mantivemos os mesmos nomes por eles usados no Orkut, por se tratar de domínio virtual, por natureza público.

### 3.2.3. Opções Metodológicas

Como foi exposto na introdução deste trabalho, ao fazer a opção de observação de uma obra literária discutida no ambiente virtual, para além de ambientes acadêmicos tanto no que se refere ao espaço físico quanto temporal, como experiência sem fins avaliativos e sem sofrer a supervisão de um professor ou orientador de qual ordem fosse, nos vimos diante de um dilema: qual metodologia usar? Das metodologias existentes que dão escopo aos trabalhos científicos, qual delas melhor se adequaria à análise de um corpus real cuja amostra se apresenta e é colhida na imaterialidade do universo virtual, que é a realidade com a qual nos deparamos em comunidades de assuntos livres, presentes no Orkut? A partir destes questionamentos, constatamos que haveria necessidade de ajustar e / ou adaptar metodologia pré-existente e, de certa forma, correr riscos ao percorrer um caminho novo de observação, de coleta e análise de dados. Foi assim que este trabalho voltou-se para o método etnográfico cuja origem, como se sabe, remonta a pesquisas de antropologia e de sociologia, que descrevem grupos e culturas com grau cultural comum, por considerá-lo o que melhor se enquadra no paradigma qualitativo, ou de interpretação de dados quantitativos, que tratam “*do comportamento no seu contexto social*” (CANÇADO, 1994).

Estamos cientes que o contexto social que abriga o comportamento e a fonte do corpus deste trabalho, ultrapassa os parâmetros do que se considera observação presencial, como seria a de uma pesquisa tipicamente etnográfica na área da educação (por exemplo, de uma sala de aula), da antropologia (uma tribo indígena) ou da sociologia (uma ‘tribo’ urbana). Mesmo assim, optamos pela pesquisa de cunho etnográfico como escopo para a observação do ciberespaço porque consideramos os fóruns virtuais de discussão como **contexto social**. Neste sentido Lévy (1999:130) estabelece que:

*“a comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza. (...) As comunidades virtuais realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido da criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço”.*

Também o papel do pesquisador há que ser revisto já que o clássico pesquisador etnográfico seria aquele que olha, observando, e faz perguntas, através de questionários e de gravações, às pessoas que participarão do corpus da pesquisa e que, posteriormente, analisa o material coletado. A decisão entre assumir um papel de observador participativo ou não na pesquisa é considerado um *continuum* entre dois pólos, já que *“este tipo de pesquisa depende crucialmente de um relacionamento de confiança entre pesquisador e o pesquisado”* (CANÇADO, 1994). Em ambos os casos se abole por completo a noção de neutralidade na pesquisa, mas fica implícita, em qualquer hipótese, a presença do pesquisador.

O que dizer, porém, do pesquisador que se debruça sobre o que há de antigo e de novo no ciberespaço, quanto à linguagem, à escrita, às relações humanas, os comportamentos, a gênese de novos gêneros, etc? Como se comportará este pesquisador? Haverá neutralidade? Que relação ele terá com as pessoas que comporão a fonte de dados a ser observada? Como se dará esse relacionamento de confiança? Partindo do pressuposto que os fóruns virtuais fazem parte de um contexto social mesmo que desafiador e complexamente novo, e que a investigação etnográfica *“sugere que o fenômeno a ser estudado não pode estar divorciado de seu contexto, sendo este um grande provedor da construção de sentido que se dará aos dados”* (GEERTZ, 1989, apud ARAÚJO 2006), Araújo (2006) afirma, que o pesquisador etnográfico será conduzido à atividade de interpretação *“se a interpretação está construindo uma leitura do que acontece”*. A partir desta visão etnográfica **interpretativa dos dados assumida pelo pesquisador**, ele não mais necessitará conquistar a confiança dos entrevistados como nas pesquisas

presenciais, e mesmo que venha a participar ativamente de um fórum virtual, como foi o caso da situação experimental 1 (SE 1) descrita nesta pesquisa, sua atividade será fundamentalmente fazer uma *“análise etnográfica”* dos modos de relação que acontecem no ambiente virtual, como pontua Marcuschi (2004), e do que é produzido ali. Um pesquisador que analisa dados de uma sala de aula não o faz neutramente por ter participação ativa, mesmo que calado, durante todo o processo de coleta dos dados. Paralelamente, o pesquisador etnográfico que trate de algum assunto referente ao ciberespaço não pode mais fazê-lo *sobre* ele, mas somente se inserir-se *nele*. Seu papel continuará o mesmo da pesquisa etnográfica clássica, se formos considerar as etapas de estabelecimento de um campo a ser pesquisado, qual a participação e papel terá nele o pesquisador, a definição de quem serão os observadores-informantes, passando depois para a coleta dos dados e, por fim, à análise e interpretação destes. O que muda, no entanto, é o estabelecimento de relacionamento com os observados e o próprio campo a ser observado que é simultaneamente real e imaterial, concreto e fluido, que se encontra e que pertence ao ciberespaço, conforme denomina e explica Lévy (1999), que *“coloca em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais de quem está conectado a ele”*, vindo a gerar a *“cibercultura”*.

Não é à toa que os portais que dão acesso a toda sorte de informação, de entretenimento e de conexão entre as pessoas, chamam-se portais, pois, necessariamente eles precisam ser ultrapassados para se chegar ao que se busca e ao inusitado e surpreendente do universo virtual mapeado por hiperlinks. O pesquisador que se aventura, portanto, a estudar o ciberespaço, sob qualquer perspectiva, poderá usar a metodologia padrão da pesquisa etnográfica, tendo consciência, porém, que está se aventurando em campo novo, instigante, dinâmico e que de maneira bastante simples, mas objetiva, abre portas e poderá contribuir para o desdobramento da metodologia etnográfica através da qual escrutina e observa o ciberespaço, dando-lhe novo perfil. É o que gostaríamos de poder fazer através deste modesto trabalho que fala da literatura sendo socializada no ciberespaço.

## Capítulo 4

### Análise dos Dados

***“Na verdade espero Aslan vir nos buscar e ele não vai vir de dentro do guarda-roupa; e com certeza, quando este capítulo chegar, essa história nunca vai chegar ao fim, e viveremos felizes para sempre... Pena que o livro não me fez, nem ao menos, arrumar meu guarda-roupa! Mas deu para sentir o amor e o carinho de Aslan, para quem seremos eternas crianças”.***

*(depoimento de Avelar no fórum da SE2, presente na Comunidade “C.S.Lewis pt”, postado em 14/08/2005 às 10:19 no portal [www.orkut.com](http://www.orkut.com))*

## 4.1. Quadro Geral

Para chegar à análise dos dados, partimos da perspectiva do cruzamento e junção das duas situações experimentais, na busca do que estes dados poderiam revelar sobre o que tinha sido dito a respeito de uma obra literária mundialmente conhecida, no ambiente virtual, inseridos em um site de relacionamentos, o Orkut, e não em ambiente escolar sob a supervisão ou avaliação profissional de um educador. Não tínhamos como foco de interesse imediato, a comparação entre as duas situações experimentais que se diferenciavam pela participação explícita da pesquisadora em uma delas, e sua ausência em outra, mas a partir destas mesmas duas situações, colocadas juntas, analisar duas realidades: quais aspectos simbólicos deste conto de fada mais eloqüentemente eram percebidos por seus membros e por eles comentados? E, a segunda questão: sendo o ambiente desta discussão os fóruns virtuais, como eles se caracterizariam como novo gênero? Propiciariam eles a troca ou não da experiência da fruição da leitura?

### **4.1.1. Agrupamento dos dados em quadros: Distribuição Geral das Postagens por Sujeito da Comunidade “C.S.Lewis pt”: Situação Experimental 1 (Perguntas e Respostas) e Situação Experimental 2 (Depoimentos Livres):**

O que parecia, a princípio, uma mera seqüência de respostas às perguntas feitas como ponto de partida para uma discussão e troca de pontos de vista, precisaria ser analisada para além das obviedades do texto, no sentido de ultrapassar a observação linear e superficial do discurso. Como fazê-lo? Como construir uma rede de relações que fizesse saltar o sentido encoberto, as vozes mais tênues dos discursos presentes? O primeiro passo era quantificar o número de postagens por sujeito e o número de sujeitos cujas declarações seriam objeto de análise. A esta contagem denominamos **Quadro Geral**, e ele representou o primeiro exercício de manuseio dos dados. Gostaríamos de repetir aqui os números totais dos sujeitos e das postagens das duas situações experimentais, ainda vistas separadamente. Abaixo encontra-se a síntese desta contagem.

Na situação experimental 1 (SE 1) houve 53 sujeitos que postaram 70 mensagens no decorrer dos 4 fóruns, e na situação experimental 2 (SE 2), houve 27 sujeitos que postaram 34 mensagens participando de dois fóruns.

<b>TOTAIS DE DADOS DA SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1</b>					
<b>SUJEITOS</b>	<b>Fórum 1: Quem vai ver o filme?</b>	<b>Fórum 2: Qual o seu personagem preferido?</b>	<b>Fórum 3: Quem é quem no filme?</b>	<b>Fórum 4: O que acharam do filme?</b>	<b>Nº de postagens</b>
<b>53</b>	<b>10</b>	<b>17</b>	<b>10</b>	<b>33</b>	<b>70</b>
<p><b>Nota:</b> A situação experimental 1 (SE 1), refere-se às postagens colhidas da comunidade C.S.Lewis pt, presentes no ORKUT, a partir de perguntas postadas pela pesquisadora, tornando-a observadora participativa dos quatro fóruns. Os nomes dos sujeitos são reais conforme se apresentaram na comunidade que é de domínio público, não exigindo sigilo.</p>					

Na SE 1 houve a participação de 30 homens e de 23 mulheres, representando, respectivamente, 57% de participação masculina e 43% de participação feminina.

<b>TOTAIS DE DADOS DA SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2</b>			
<b>SUJEITOS</b>	<b>Fórum 1: 'O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa'</b>	<b>Fórum 2: O que vocês acharam do filme?</b>	<b>Nº de Postagens</b>
<b>27</b>	<b>18</b>	<b>16</b>	<b>34</b>
<p><b>Nota:</b> A situação experimental 2 refere-se às postagens colhidas da comunidade C.S.Lewis pt, presentes no ORKUT, de dois fóruns aleatórios, escolhidos em função do tema proposto, sem a participação da pesquisadora. Os nomes dos sujeitos são reais conforme se apresentaram na comunidade que é de domínio público, não exigindo, portanto, sigilo.</p>			

Na SE 2 a situação se inverte, havendo 63% de participação feminina com 17 representantes, e 37% de participação masculina com 10 representantes. Para os nomes e 'nicks' ambíguos nas SE 1 e SE 2, levamos em consideração as fotos dos participantes para inseri-los em um ou noutro grupo. Foi o caso de *Guardian*, *Deh*, *Nii San-Hatori* e *Anônimo*.

#### **4.2. Blocos Temáticos mais Frequentes nas Postagens dos Sujeitos (Situação Experimental 1 e 2): QUADRO 1**

O passo seguinte foi ler o material atenta e repetidas vezes, buscando reconhecer unidades de sentido claros e explícitos que estivessem no texto, que se referissem à obra literária “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*” (LFG), e que fossem comentados pelos membros da comunidade, mesmo quando a referência fosse o filme e não o livro. Como nosso objetivo é a percepção do texto literário em ambiente virtual e não a percepção da linguagem fílmica sobre a mesma obra, não levamos em consideração a comparação feita pelos internautas entre esta e a linguagem literária, nem tampouco os elogios, decepções ou críticas, expectativas superadas satisfatoriamente ou frustradas com relação ao filme. O que é dito e o que não é dito, levando em conta a análise do discurso, sobre os personagens, protagonistas e antagonistas, sobre o enredo, como, e se é percebida a simbologia, e qual é o ambiente que cerca este conto de fadas é o que nos interessaria na eleição do que consideramos como tópicos discursivos dos sujeitos das duas situações experimentais, observadas em conjunto e não mais separadamente.

Partindo do título da obra, começamos a contar quantas vezes falava-se, nominalmente, do Leão Aslan e de tudo que se referisse a ele. Depois, sucessivamente, passamos a contar todas as unidades de sentido que apontassem para a Feiticeira e para o Guarda-Roupa. Mas ainda havia outros assuntos que se referiam à narrativa e que não poderiam ficar de fora, e que eram como desdobramentos dos títulos, embutidos nele, mas não de menor valor. Falamos assim das quatro crianças, Peter, Susan, Edmund e Lucy, do Reino de Nárnia, dos animais antropomorfizados, em especial do Sr. Tumnus, e do ambiente inverno na qual se desenrola toda a história. Após este exercício meticuloso de contagem, partimos para a fase de agrupamento das unidades de sentido, e chegamos a seis grandes grupos de tópicos discursivos e ramificações, que se encaixavam exatamente nos agrupamentos sugeridos acima, a saber, *O Leão Aslan, As Crianças, O Guarda-Roupa, Os animais, O Inverno e A Feiticeira*.

Neste ponto do trabalho, fizemos um segundo exercício de observação que se apresentou crucial quando levado a termo, a respeito do material da amostra que tinha sido deixado de fora. Queríamos ver se havíamos sido traídos pela não observação de algum tópico discursivo evidente, porém, inesperado. Deparamo-nos então, com uma enorme quantidade de postagens que falavam sobre o escritor, o professor de literatura, o cristão convicto, e amante dos contos de fada, C.S.Lewis de quem os internautas eram fãs e leitores vorazes, de cujas obras literárias falavam com entusiasmo. Acabávamos de encontrar o sétimo agrupamento temático a se juntar aos outros seis: *C.S.Lewis e Obras Literárias*.

Ao quantificarmos todas as unidades de sentido por agrupamento ou blocos temáticos, chegamos ao surpreendente total de 344 postagens das duas situações experimentais. Estávamos com dados suficientes para ver a proporção que cada bloco temático possuía em relação ao número total de postagens, presente na amostragem coletada. Estava pronto o **Quadro 1** que se encontra sintético, logo abaixo, e a seguir, completo. Os totais mais importantes que ilustram o exercício metodológico de transformação de dados lingüísticos em dados numéricos, que darão sustento à análise qualitativa que se segue, são estes:

<b>QUADRO SINTÉTICO</b>		
<b>BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>POSTAGENS</b>	<b>PORCENTAGEM</b>
<b><i>Aslan</i></b>	156	<b>45%</b>
<b><i>As Crianças</i></b>	69	<b>20%</b>
<b><i>C.S.Lewis e Obra</i></b>	48	<b>14%</b>
<b><i>O Guarda-Roupa</i></b>	29	<b>8%</b>
<b><i>A Feiticeira</i></b>	19	<b>6%</b>
<b><i>Os Animais</i></b>	16	<b>5%</b>
<b><i>O Inverno</i></b>	07	<b>2%</b>

<b>QUADRO 1</b>				
<b>BLOCOS TEMÁTICOS MAIS FREQUENTES NAS POSTAGENS DOS SUJEITOS (SITUAÇÕES EXPERIMENTAIS 1 E 2)</b>				
<b>BLOCOS TEMÁTICOS</b>	<b>Nº DE POSTAGENS SE 1</b>	<b>Nº DE POSTAGENS SE 2</b>	<b>TOTAL DE POSTAGENS</b>	<b>PERCENTUAL %</b>
<b>A: O LEÃO ASLAN / O SACRIFÍCIO REDENTOR E A RESSURREIÇÃO DE ASLAN</b>	134	22	156	45
<b>B: AS CRIANÇAS / OS IRMÃOS / PROF.KIRK / A HUMANIDADE / ADÃO E EVA / QUATRO REIS / LUCY / SUZANA / PEDRO</b>	63	6	69	20
<b>C: C.S.LEWIS / LITERATURA / AS CRÔNICAS DE NÁRNIA / 'O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA / OBRA DE ARTE</b>	29	19	48	14
<b>D: O GUARDA-ROUPA / NÁRNIA / PASSAGEM PARA NÁRNIA / O OUTRO MUNDO</b>	10	19	29	8
<b>E: A FEITICEIRA / SATANÁS / O DEMÔNIO</b>	19	0	19	6
<b>F: SR.TUMNUS / ANIMAIS / CASTORES / CAMUNDONGOS / SEREIAS</b>	15	1	16	5
<b>G: INVERNO / NATAL / PAPAÍ NOEL / PRESENTES</b>	7	0	7	2
<b>TOTAIS</b>	<b>277</b>	<b>67</b>	<b>344</b>	<b>100%</b>
	80% dos dados	20% dos dados		

### 4.3. O que foi dito sobre O Leão, O Sacrifício Redentor e a Ressurreição de Aslan: QUADRO 2

Abaixo seguem os comentários dos internautas que participaram dos fóruns das duas situações experimentais, que falam sobre Aslan e de assuntos correlatos ao Grande Leão de Nárnia.

<b>QUADRO 2</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE O LEÃO, O SACRIFÍCIO REDENTOR E A RESSURREIÇÃO DE ASLAN</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Lucas	a) 'Representação Direta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo...o Grandioso e Poderoso Rei Aslan'
2 - Fernando	a) '(...) a Mesa de Pedra é acima da terra e não embaixo dela no filme (...). O sangue de Aslan não aparece (...). Os camundongos falantes roem as cordas de Aslan na Mesa.'
3 - Noemi	a) 'o Rei Aslan'
4 - Dino	a) 'Aslan com certeza é fantástico...ele é esplêndido, o Grande Leão de Nárnia'
5 - Judas	a) 'Cara, Aslan é true. Aslan é muito foda'
6 - Deh	a) 'Aslan é mto show...'
7 - Angélica	a) '(...) não sabemos qdo Aslan irá voltar. A feiticeira e Aslan eu acho óbvio q são Satanás e Jesus' b) 'Aslan morre por alguém que não poderia se salvar'.
8 - Ikarus	a) 'Qdo a presença de Aslan começa a fazer o inverno de Nárnia acabar aos poucos (o Natal acontece e aparece o Papai Noel...) uma alusão clara à de que Jesus Cristo, o motivo do natal, é representado por Aslan' b) '(...) O sacrifício de Aslan tb me traz expectativa'.
9 - Tatiana Adamov	a) '(...) Aslan, que é a personificação do senhor Jesus, mesmo' (crônica) sobre o nascimento, sacrifício e ressurreição de Jesus Cristo'
10 - Elaine Castilho	a) '(...) existe um paralelo muito claro ao sacrifício de Jesus, pois o leão quando vai para o sacrifício está visivelmente triste, assim como a Bíblia diz que Jesus estava (...) e o sacrifício nem preciso falar, né? Foi açoitado, não reagiu para se entregar por nós, e seguido de sua ressurreição... preciso falar mais?'
11 - Priscilla	a) '(...) tendo Aslan com(o) a figura central da história'. '(...) o Leão morre, (...) Ele renasce, a mesa de pedra quebra e depois (...) a ressurreição de Cristo é o âmago do cristianismo...'
12 - Saulo Rodrigo	a) 'Aslan ficou demais! Terrível, mas com uma mansidão no rosto, uma paz...'
13 - Daniel	a) 'A mensagem de Cristo está ali no sacrifício de Aslan' b) '(...) de fato a parte do sacrifício não ficou muito bem enfatizada (...)'
14 - André	a) 'É lindo, pensar que Aslan deu a vida por Edmundo' b) '(...) o filme deixou muito a desejar essa parte do sacrifício de Aslan (...)'
15 - Hugo	a) 'Aslan era o grande regente de Nárnia...Aslan vai dar vida aos que estavam petrificados...Edmundo diante de Aslan muda de vida mesmo, mudança profunda'.

16 - Dayana	a) 'Fantástica aquele parte em que a feiticeira (demônio) está afrontando Aslan (Jesus) e este só dá um rosnado...tipo 'cala a boa' b) '(...) Outra passagem emocionante é aquela em que Aslan está indo para o 'abatedouro' (...) quando o mal parece triunfar, as pedras rolam e a ressurreição acontece'. '(...) é exatamente o que Jesus fez por nós !!!!!' '(...) qdo ele sai cabisbaixo a noite para encontrar a feiticeira na mesa de pedra, dá para sentir sua tristeza(...)'
17 - Márcia	a) 'Fascinante'. b) '(...) O que não pode faltar? A cena de Lúcia e Suzana brincando com o leão depois da Mesa de Pedra partida...'
18 - Fernando	a) '(...) a Mesa de Pedra é acima da terra e não embaixo dela no filme (...). O sangue de Aslan não aparece (...). Os camundongos falantes roem as cordas de Aslan na Mesa.' b) '(...) realmente faltou explicar o sacrifício de Aslan (...)'
19 - Victor	a) 'A cena do sacrifício ficou a melhor. Ficou sombria (...) e não tem sangue (...). Gostei muito da cena. Era a que mais esperava, e a que mais me satisfiz (...)'
20 - André Antônio	a) '(...) embora a mensagem do sacrifício de Aslan não ter ficado tão evidente (...)' b) 'se vêem um filme aonde um leão morre e ressuscita (...)'
21 - Rogério M.Jr.	a) '(...) falar do verdadeiro(s) aslan para elas, de modo que possam saber mais sobre Jesus e sobre sua morte'.
22 - Nathalie	a) '(...) A cena do sacrifício de Aslan achei muito boa (...)'
23 - Flávia	a) 'A feiticeira não entende que o sacrifício de um inocente, liberta um condenado, e trás o inocente de volta à vida. Aí está a mensagem da Cruz!'
24 - Kézia x Lucy.	a) '(...) Lewis teve q eleger alguém para mostrar + - a queda, pra explicar pq Aslan deveria morrer e ressuscitar'
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - Jader	a) 'me decepcionei com a voz de Aslan no filme'
2 - Anônimo	a) '(...) vi o filme e chorei, chorei muito! Principalmente com o RUGIDO DO LEÃO RESSUSCITADO, puxa!' b) '(...) a ressurreição do leão é bem valorizada [no filme], abre a discussão para o sacrifício e remissão'.
3 - Leone	a) '(...) sempre que passo por alguma situação me lembro de Aslan (Jesus) e de como ele sempre estah ao nosso lado quando os problemas surgem'
4 - Avelar	a) 'Na verdade, espero 'Aslan' vir nos buscar, e ele não vai vir de dentro do guarda-roupa. (...) deu para sentir o amor e o carinho de 'Aslan', para quem seremos eternas crianças'
5 - Grazielle	a) '(...) Achei o filme super legal (...) me emocionei bastante, principalmente na parte que Aslan morre e depois ressuscita'
3 - Nilson	a) 'Para nós a história da A Feiticeira, o Leão e o Guarda-Roupa foi a primeira semente plantada por Deus para descrever o plano da salvação'.
6 - Ana Carolina	a) '(...) o Leão tudo de bom! Majestoso e bondoso!'

Chegamos ao mais significativo dos quadros, pois, a frequência com que os participantes dos fóruns falam sobre Aslan, chega quase à metade de tudo o que foi dito sobre toda a estória: 45%. E o que foi dito sobre o grande Leão do Reino de Nárnia? Quem é ele para o internauta desta comunidade? De onde vem esse nome? O que significa?

É pouco provável que o leitor leigo conheça as circunstâncias que geraram a explicação para o nome Aslan. Em Português se escreve com **m** e no original, em Inglês, Aslan com **n**. Aslan significa **leão** em Turco. Na época que antecedeu a criação de LFG, na década de 40, o professor de Literatura Medieval da Universidade de Oxford, C.S.Lewis, foi orientador de um aluno árabe, M.A.Manzalaoui, que estudava as traduções do Árabe para o Inglês de obras literárias do século XIX, de uma em especial, conhecida como '*Arabian Nights*'. Crêem os estudiosos de Lewis que este contato com o universo árabe, pouquíssimo tempo antes de começar a escrever as "*Crônicas de Nárnia*", o teria inspirado a escolher o sugestivo nome para o protagonista e personagem mais amado e importante dos sete livros: o Grande Leão Aslan, Rei de Nárnia.

Após contato com a autobiografia de Lewis e aprofundando as leituras de estudiosos sobre sua vida e obra literária, chegamos muito rapidamente à constatação de que ele "*tinha seu coração centralizado nos mitos e nos contos de fada*" (EDWARDS, 2005:07), mesmo tendo sido conhecido pelos extensos trabalhos acadêmicos sobre Literatura Inglesa Medieval e Renascentista. Seu grande trunfo como escritor e as obras que lhe deram fama internacional, não somente na Europa e nos países de língua inglesa, mas em todos os continentes, foram os livros que giravam em torno de mitos e da literatura fantástica, tendo como fonte de inspiração a temática cristã, em especial as "*Crônicas de Nárnia*". Nelas, a criatividade, a maturidade literária e a liberdade do imaginário criam consistência e as imagens recorrentes e cenas que permaneceram por tempos em sua mente, desde a juventude, transformam-se em histórias, em contos de fadas, como ele mesmo nos conta. Taxativamente Lewis nega ter pretendido escrever um livro catequético (muito menos uma série, os livros foram surgindo um a um) com o intuito de evangelizar ou de pregar o Cristianismo. Tampouco queria criar personagens que fizessem alusão direta a personagens bíblicos, do Antigo ou do Novo Testamento, para induzir as crianças a lerem a Bíblia ou torná-la mais acessível a elas. Ao contrário, Lewis parte do seu próprio imaginário, relatando que desde os 16 anos guardava em sua mente a imagem de um fauno segurando uma sombrinha e alguns pacotes, num bosque coberto de neve. Até

que um dia, por volta dos 40 anos, diz para si mesmo, que tentaria fazer uma estória daquela cena. Assim nasceu LFG. Como Aslan entrou na narrativa? Lewis responde (EDWARDS, 2005:8)<sup>10</sup>:

*“A princípio tinha vaga idéia de para onde a estória se encaminharia. Mas, de repente, Aslan foi se aproximando e entrando. (...) eu não sei de onde o Leão apareceu e porque Ele veio. Porém, no momento que Ele entrou, todos os elementos da estória se juntaram e, rapidamente, Ele trouxe atrás de si as outras seis Crônicas de Nárnia”.*

A presença de Aslan tornou-se essencial em todas as Crônicas, porém, como vimos, elas não foram criadas *intencionalmente*, ou *artificialmente* com um propósito evangelizador. Lewis foi amante da literatura fantástica, dos contos de fadas, da mitologia greco-romana e nórdica e, como cristão convertido adulto, era natural que valores do Evangelho se misturassem a seu imaginário criativo. É o que ele mesmo nos relata em Hooper (1993 apud MAGALHÃES FILHO, 2005):

“O homem imaginativo em mim é mais velho, mais continuamente ativo e, nesse sentido, mais fundamental que qualquer um dos outros, o religioso e o crítico. (...) Foi ele que, após minha conversão, levou-me a encarnar a fé religiosa de modo simbólico ou mitopoético. (...) Também é claro que foi ele quem me levou, nos últimos anos, a escrever a série de contos narnianos, destinados às crianças; não porque eu estivesse preocupado com o que elas queriam ouvir, ou que me comprometeria a fazer adaptações [...], mas porque o conto de fadas foi o melhor gênero literário que encontrei para expressar o que pretendia dizer”.

A primeira *“Crônica de Nárnia”* a ser escrita foi exatamente LFG e é considerada, juntamente com a derradeira, *“A Última Batalha”*, a mais bíblica das sete estórias, e aquela cuja presença de elementos mitológicos

---

<sup>10</sup> Tradução livre do original: “At first I had very little idea how the story would go. But then suddenly Aslan came bounding into it. (...) I don’t know where the Lion came from or why He came. But once He was there he pulled the story together, and soon He pulled the other six Narnian stories in after Him”.

nórdicos, como o inverno sem fim imposto pela Feiticeira, é também significativa. Esta presença bíblica, porém, não representa um paralelo absoluto. Nem todos os personagens e ambientes de LFG encontram correspondência com outros, citados na Bíblia. LFG é uma obra que flui naturalmente onde o autor apresenta o que lhe parece ser o essencial da fé cristã, ou seja, o sacrifício redentor de Jesus Cristo, sua morte e ressurreição.

A força da criação de Lewis tem como fonte seu imaginário e a fertilidade de sua imaginação, pois ele escreve LFG, a partir de uma cena que lhe fica na memória e que, no momento devido, se transforma em narrativa na qual a simbologia cristã se ‘infiltra’. Aslan surge, meio à revelia, e toma o fio condutor de LFG e de todas as demais Crônicas, fazendo com que todos os contextos e cenas das histórias tenham elementos e símbolos do Cristianismo, fazendo com que se tornem contos de fadas reconhecidamente cristãos. Mas este resultado mais do que *buscado* foi *encontrado*, segundo as palavras do próprio autor quando diz:

*“Quando comecei ‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa, não creio que tenha previsto o que Aslan iria fazer ou sofrer. Acredito que ele apenas insistiu em comportar-se de seu próprio jeito, como Jesus. É claro que compreendi isso, e toda a série de crônicas [de Nárnia] tornou-se cristã”.* (Hooper 1993, apud Magalhães Filho, 2005).

Chegamos ao ponto de nos debruçar sobre o que os sujeitos desta pesquisa disseram sobre Aslan, tendo em vista a pergunta que norteia o trabalho. Estamos analisando o **Quadro 2**. As duas situações experimentais, SE 1 e SE 2, estão dispostas separadamente só por questões estéticas e para poder facilitar que se verifique na íntegra o que foi dito por cada membro da comunidade que participou dos fóruns. As letras **a**, **b** ou **c**, que no quadro se encontram em vermelho, designam momentos distintos de participação do internauta, que aceitou ou acionou o *footing*<sup>11</sup> da colaboração,

---

<sup>11</sup> Termo usado por Paiva (UFMG) no artigo “Fóruns *on line*: intertextualidade e footong na construção do conhecimento” significando “o processo através do qual relacionamos os enunciados a momentos, lugares e sujeitos sociais particulares, incluindo, neste sistema, nosso próprio eu e suas múltiplas formas de expressão em interação”, e que adotaremos, daqui para frente, na descrição do processo de interação entre os membros dos fóruns da “Comunidade C.S.Lewis pt.”

uma, duas ou três vezes. É bom lembrar que os sinais de reticências entre parênteses entremeando todos os quadros, referem-se a partes das mensagens que eram pouco funcionais como unidades de sentido, tendo em mente o foco deste trabalho, no momento que fazíamos o enxugamento das postagens, categorizando-as. Achamos por bem transcrever literalmente todas as postagens conforme se apresentaram nos fóruns, com abreviações e eventuais imprecisões lingüísticas, sintáticas ou lexicais.

Diante do **Quadro 2** e de todos que se seguiriam, até o 8, vimos que estávamos diante de um *texto* que exigia ser visto como “*espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade*” (Orlandi, 2003:72). Não estávamos diante de ‘meras e inocentes’ palavras ditas ocasionalmente no ciberespaço. Era papel da pesquisa tentar “*compreender como ele [o texto] produz sentido, (...) como pode ser lido, (...) como os sentidos estão nele*” (ORLANDI, 2003:72). Tendo em mãos o quadro com as postagens referentes a Aslan, foi possível perceber então, que o sentido produzido por elas girava em torno de três grandes temas: **quem é Aslan, o que Aslan faz e como Aslan é**. O passo seguinte seria ‘peneirar’ quais unidades lexicais, expressões, palavras, enfim, que mais significativamente carregavam sentido e ilustravam o que era dito sobre Aslan e que unia o grande discurso presente em 30 postagens (24 da SE 1 e 6 da SE 2) que formavam o **Quadro 2**. O resultado obtido encontra-se na tabela abaixo:

<b>1- QUEM É ASLAN</b>	<b>2 - O QUE ASLAN FAZ</b>	<b>3 - COMO É ASLAN</b>
Senhor	Nasce	Grandioso
Salvador	Morre por alguém	Poderoso
Rei	Sacrifica-se	Fantástico
Leão	Redime	Esplêndido
Jesus Cristo	Ressuscita	Manso
‘True’	É a figura central da história	Pacífico
	Ele voltará	Sofredor

		Fascinante
		Carinhoso
		Bondoso
		Majestoso
		Muito show

#### 4.3.1. Quem é Aslan

Para os participantes da comunidade “C.S.Lewis pt” que aderem aos fóruns que compõem o material desta pesquisa, Aslan é percebido como Salvador, como o próprio Jesus Cristo. Aslan é a “*Representação Direta de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo*” (1-Lucas) ou a “*personificação do senhor Jesus, mesmo*” (9-Tatiana Adamov). As postagens não põem em dúvida este paralelo levando-nos a crer não que os internautas tenham conhecimento aprofundado sobre as intenções de Lewis ao escrever, mas que sejam eles mesmos a ter uma experiência de fé cristã que lhes faz reconhecer o paralelo com tanta propriedade. Somente uma pessoa completamente alheia aos elementos da história e à simbologia cristã acharia dificuldade em reconhecer a ligação entre o personagem Aslan e a pessoa de Jesus Cristo.

Outro aspecto importante: Aslan é um *leão*, um animal, mas é percebido como *Pessoa*, e não como um animal antropomorfizado, ou seja, com características humanas, como é o caso dos castores ou dos lobos, oficiais da Feiticeira. O Leão Aslan é percebido como símbolo de *alguém*, tendo em vista aquilo que ele é e faz, e foi escolhido por Lewis não só porque o *leão é o rei das selvas*, como se crê no imaginário dos contos de fadas, mas porque a Bíblia faz essa associação, explicitamente.

#### 4.3.2. O símbolo do Leão e o livro do Apocalipse

Para melhor entendermos o símbolo do leão, lançamos um olhar sobre o livro do Apocalipse, ou da Revelação, como também é conhecido, para termos mais segurança do terreno simbólico no qual pisamos. Entre os profetas maiores do Antigo Testamento, como Daniel, Isaías, Jeremias, e

também entre os menores, como Amós, vemos que eles falam repetidamente sobre leões em sentido literal e em sentido simbólico positiva e negativamente, mas somente no livro do Apocalipse há a menção explícita de Jesus Cristo ressuscitado, como o Leão da Tribo de Judá, uma Pessoa: *“Não chores! O Leão da tribo de Judá, o descendente de Davi, achou meio de abrir o livro e os sete selos”* (Apoc. 5,5). Há cinco citações no Apocalipse sobre leão, mas somente esta se encontra em maiúscula o que nos leva a crer, que se trata de um pronome pessoal, portanto referindo-se a uma Pessoa não somente pelo que simboliza, mas até como sinal do sistema lingüístico no qual transitamos, que é a língua Portuguesa. Outra marca que confirma a referência a Jesus, no trecho citado do Apocalipse, encontra-se na expressão *descendente de Davi*, presente nos evangelhos, em especial de Mateus e Lucas, quando dizem, por exemplo: *“Ele então exclamou: Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!”* (Lucas, 18,38), ou *“com grande indignação dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas que assistiam a seus milagres, e ouviam os meninos gritar no templo: Hosana ao filho de Davi!”* (Mateus 21, 15).

Também é o Apocalipse que vai nos dar eloqüente exemplo de outros dois títulos dados a Aslan que se referem a Jesus: Rei e Senhor: *“Ele traz escrito no manto e na coxa: ‘Rei dos reis e Senhor dos senhores!’* (Apoc 19,16). *Kyrios*, Senhor em grego, era um título dado somente aos imperadores e representava sinal de grande audácia e fé da Igreja primitiva proclamar publicamente que Jesus, que havia sido crucificado, era agora o Senhor. O testemunho mais forte, porque revestido de autoridade, nos foi dado por S.Pedro na manhã de Pentecostes, quando disse: *“A este Jesus, Deus o ressuscitou: do que todos nós somos testemunhas. Que toda a casa de Israel saiba, portanto, com a maior certeza de que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo”* (Atos 2, 32.36). Jesus trazia sobre si desde a concepção, o selo da divindade e do grande mistério de se fazer homem, Salvador, sendo Deus, concebido pela ação do Altíssimo, em colaboração humana na pessoa de Maria, aquela que encontrou graça diante de Deus de maneira única e particular. É o que o arcanjo Gabriel diz à Virgem Maria no momento da Anunciação: é para dar ao menino o nome de *Yoshuá*, Jesus em hebraico, que significa *aquele que salva*, pois ele também será chamado Filho

do Altíssimo e receberá o trono de Davi como herança (cf. Lucas 1, 30-37). Quanto à realeza de Jesus, ela é surpreendentemente declarada diante de Pilatos, após a noite de flagelação: *“És, portanto, rei? Respondeu Jesus: Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade, ouve a minha voz”* (João 18,37).

Estas realidades bíblicas guardadas pela Tradição até que os textos fossem escritos e definidos em um cânon, e que são a base da revelação judaico-cristã no nascimento do Cristianismo, vêm percorrendo os séculos e podem ser constatadas como conceitualmente reais para as pessoas que participavam do fórum sobre LFG, quando se fala sobre Aslan. Elas chegaram até nossos dias e, pelo que os internautas desta comunidade revelam, parece-nos, que Jesus Cristo é real, não símbolo, e é reconhecido no símbolo Leão Aslan que incorpora em si todos os demais atributos referentes à Pessoa de Jesus: Senhor, Salvador, Rei e Cristo. Para identificarem o símbolo como tal, os leitores de LFG deveriam ter contato e conhecimento da *matriz* que gerou o símbolo que são as leituras bíblicas, ao menos do Novo Testamento. Acreditamos que as postagens observadas nos provam o conhecimento efetivo, mesmo que não de estudo sistemático, e o envolvimento afetivo dos leitores e membros da comunidade com a pessoa de Jesus Cristo e com o adorável Aslan. (6-Ana Carolina) diz: *“(...) o Leão tudo de bom!”* e (4-Avelar) confessa: *“deu para sentir o amor e o carinho de 'Aslan”*. Já (3-Leone) afirma claramente a ligação entre símbolo e realidade quando diz: *“(...) sempre que passo por alguma situação me lembro de Aslan (Jesus) e de como ele sempre estah ao nosso lado quando os problemas surgem”*.

A exceção fica com (5-Judas) quando nos diz: *“Cara, Aslan é true. Aslan é muito foda”*. A força da gíria, o uso do inglês e a escolha do palavrão como adjetivo qualificativo, não deixam de expressar a admiração por Aslan e o *footing* colaborativo no fórum, mas destoam por completo do discurso esperado e colhido dos outros participantes, cuja linguagem denota serem pessoas ‘convertidas e cristãs’, para quem Aslan, o Leão, é símbolo de alguém conhecido previamente. De (5-Judas) ficamos com a espontaneidade do

linguajar presumidamente jovem e a quebra de paradigma do discurso previsível.

Ao falarmos de Aslan estamos falando de Jesus Cristo Salvador, aquele que por amor salva alguém, como comenta a orkuteira (7-Angélica): *'Aslan morre por alguém que não poderia se salvar'*, porque reconhecemos nele, Aslan, o símbolo apresentado de forma alegórica, a respeito de Jesus. cremos que há uma hegemonia na percepção da simbologia por parte de todos os membros da comunidade que participaram do fórum falando sobre Aslan, fundamentada na explicação dada por Ugo Vanni, um dos maiores especialistas vivos sobre o livro do Apocalipse. O último livro do Novo Testamento foi escrito por S. João Evangelista, que tinha sua matriz cultural no judaísmo do Antigo Testamento, e que usou o grego da *koiné* [koinh] para redigi-lo. É um livro difícilíssimo, passível das mais absurdas interpretações se não forem levados em conta os desvios lingüísticos que geram o discurso simbólico. Quem nos fala da passagem do valor lingüístico de um termo para o seu valor simbólico, é Ugo Vanni (1998,2). Ele nos diz:

“Há no âmbito das expressões literárias, um discurso que podemos chamar de realístico: se dá quando os vários elementos que o compõem, mantém intacta, no decorrer deste mesmo discurso, a identidade exata de significado que eles têm no âmbito do sistema lingüístico no qual o autor opera. Quando, porém, esta identidade não é mais respeitada, mas acontece, no âmbito do mesmo sistema lingüístico, um desvio, uma mudança considerável, o discurso torna-se **simbólico**. O deslocamento de valor usual, esta mudança de identidade, que os termos assumem na linguagem simbólica, é evidenciado pela própria terminologia: **alegoria** (*avllagoreu,w*: ‘digo de outra forma’), **metáfora** (*metafe,rw*: ‘levo para além’), **alotropia** (*avv,loj,ter,pw*: ‘me dirijo para outro lugar’), etc”.

Sendo assim, consideramos que Aslan, na linguagem simbólica, é uma alegoria de Jesus Cristo, noção esta que é percebida nas falas e nas vozes presentes nas amostragens colhidas no **Quadro 2** apresentado acima.

#### 4.3.3. O que Aslan faz

Os mesmos que reconhecem em Aslan o símbolo de Jesus Cristo, vêem nos percalços vividos pelo Leão, similar obra operada por Jesus. Há que se ler as sete *“Crônicas de Nárnia”* para se ter a visão completa de quem é Aslan e de como ele age, o que faz, como se relaciona, quais são seus planos. Em LFG há o núcleo central para o qual toda a vida de Aslan converge, que é salvar Edmundo. Paralelamente, a grosso modo, a vida de Jesus converge para a sua morte e ressurreição, inseparáveis em suas realidades, movidas por uma única razão: amor livre ao Pai e à Humanidade. As analogias são fortes e contundentes. Aslan, ao oferecer-se em sacrifício, dá-se livremente e quebra a grande maldição que havia sobre Nárnia. (7-Angélica) acertadamente comenta: *“Aslan morre por alguém que não poderia se salvar”*. Da mesma forma, Jesus no Evangelho, diz textualmente: *“Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai”* (Jo 10,15b.18)

Coincidentemente, a disposição das postagens dos internautas, a respeito de Aslan, no enxugamento feito a partir do **Quadro 2**, descreve com exatidão a síntese do que se entende como a plenitude da *história da salvação* da Humanidade, que é quando a vinda do Filho de Deus, Jesus, aconteceu no tempo. Mais uma vez se comprova a analogia. Dizem os internautas sobre Aslan: Ele *“nasce, morre por alguém, sacrifica-se, redime, ressuscita, é a figura central da história e voltará”*. Neste interessante fio condutor cronológico que se percebe por trás dos verbos e dos signos lingüísticos, há muito mais de Jesus do que de Aslan porque em LFG não se menciona o nascimento ou a criação do Leão, e muito menos que ele voltará. Todavia, tanto em Jesus quanto em Aslan, fala-se do núcleo maior da,

teologicamente conhecida, *Economia da Salvação*, que foi a morte e a ressurreição de ambos, fatos da História no que diz respeito ao primeiro, e da estória, quanto ao segundo. Nestes dois acontecimentos se encontra o núcleo fundador da fé cristã que Lewis apresenta em LFG, e que pode ser percebido por cristãos e não cristãos: um inocente redime um pecador e seu sacrifício tem valor absoluto porque Ele é Deus, é Senhor, é o Rei Aslan, símbolo de Jesus Cristo. É o que (11-Priscila) confirma ao dizer: “o Leão morre, (...) Ele renasce, a mesa de pedra quebra e depois (...) a ressurreição de Cristo é o âmago do cristianismo...”.

Para citarem e comentarem a respeito dos outros dois acontecimentos, ou seja, sobre o nascimento e a segunda vinda de Jesus, os membros que participam dos fóruns não se baseiam na obra literária LFG, mas em seu repertório cultural e experiência pessoal de fé, pois, Lewis, como já dissemos, não pretendeu fazer uma cópia dos relatos bíblicos em forma de conto de fadas, para evangelizar explicitamente. Ao contrário, ele quis abordar o mito e a realidade da salvação humana através da simbologia cristã, a qual havia aderido na vida adulta após anos de ceticismo e ateísmo. A criatividade com que Lewis trata os símbolos é considerada genial porque atemporal e perceptível ao leitor de tenra idade ou àquele intelectual que reconhecerá as alusões contidas no texto, nos nomes dados, nos diálogos, nos personagens, que remetem aos símbolos cristãos como também à mitologia e à literatura medieval. É o que afirma Vanni (1998,2) quando diz:

*“A criatividade do autor tende a suscitar no leitor, ou em quem o escuta, uma correspondente criatividade de resposta. (...) A criatividade do autor que realiza o símbolo tem um desenvolvimento e se exprime com elementos constantes, seja no âmbito do sistema lingüístico em que o autor se move, seja na sua parte específica, para além do sistema”.*

Pelo que escrevem e como se expressam, fica patente que quem participa e comenta sobre Aslan, sua morte e ressurreição, é um grupo de cristãos conscientes que crêem preparar e esperar a volta do Senhor no

tempo e na vida real, e que O consideram a figura central da História. Já como leitores das “*Crônicas*”, ao se aventurarem no Reino de Nárnia, reconhecem a criatividade e a simbologia usada por Lewis, atestam que Aslan é a figura central dos enredos, para quem todas as aventuras e peripécias convergem.

#### 4.3.4. Como é Aslan

O simbolismo teriomorfo (em forma de animais) do livro do Apocalipse é impressionante. Fala-se do leão, da águia, de gafanhotos, de cavalos, de rãs, serpentes, escorpiões, de um pássaro, sem contar do dragão, do monstro e da besta-fera. No entanto, o animal mais citado é o *cordeiro* (avni,on): 29 vezes! Vanni (1998,6) explica que “*em alguns casos os animais são vistos em sentido realístico e próprio*”, como acontece com as feras e os cavalos, ou os leões com letra minúscula, como já vimos, “*mas os animais freqüentemente são diferentes daquilo que esperaríamos e são protagonistas de ações superiores*”. Se assim aconteceu com o leão, citado seis vezes, somente uma vez com letra maiúscula, referindo-se a uma pessoa, o que não se dirá do cordeiro? Também o Cordeiro, com maiúscula, refere-se ao próprio Cristo Ressuscitado, escatológico, como no capítulo 21 do Apocalipse, àquele que mansamente ofereceu-se em expiação de muitos, como profetizara Isaías no capítulo 53, versículos 6 e 7, quando diz: “*Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, seguíamos cada qual nosso caminho; o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós. Foi maltratado e resignou-se, não abriu a boca, como um **cordeiro** que se conduz ao matadouro e uma ovelha muda na mão do tosquiador*”.

Quando Aslan é sacrificado na Mesa de Pedra, lugar do sacrifício no Antigo Testamento e símbolo da Cruz, na figura do Leão esconde-se a ação e o coração do Cordeiro que falam da mesma Pessoa, de Jesus Cristo. É por isso que poderíamos facilmente associar à majestade de Aslan, os adjetivos *grandioso, poderoso, fantástico, fascinante, esplêndido*, como fizeram os internautas, sem deixar de fora os outros atributos que falam de *bondade, mansidão, carinho, paz e sofrimento* e que, aparentemente, não correspondem à imponência do Leão. O que acontece, é que o Leão e o

Cordeiro são a mesma Pessoa! Os orkuteiros reconhecem estas características em Aslan e percebem que o sacrifício simbólico refere-se ao sacrifício real. Que o imponente e poderoso Aslan é, simultaneamente, dócil e misericordioso. Vale a pena observar as postagens destes internautas, que confirmam a percepção dos traços ambivalentes em Aslan, Leão e Cordeiro: (12-Saulo Rodrigo): *“Aslan ficou demais! Terrível, mas com uma mansidão no rosto, uma paz...”*, (10-Elaine Castilho): *“(...) existe um paralelo muito claro ao sacrifício de Jesus, pois o leão quando vai para o sacrifício está visivelmente triste, assim como a Bíblia diz que Jesus estava (...) e o sacrifício nem preciso falar, né? Foi açoitado, não reagiu para se entregar por nós, e seguido de sua ressurreição... preciso falar mais?”* e (23-Flávia): *“(...) o sacrifício de um inocente, liberta um condenado, e trás o inocente de volta à vida. Aí está a mensagem da Cruz!”*.

O único comentário que pode parecer, a princípio, destoante, é o de (6-Deh) quando diz: *“Aslan é mto show...”*, por ser discurso nada confessional, bíblico, evangélico, religioso ou teológico. No entanto, ele tem a força pouco delimitada, mas genuinamente abrangente da gíria, do elogio pertinente e certo do lugar-comum, e representa o pensamento mediano das pessoas que conheceram Aslan no cinema, antes de serem apresentados a Ele através da fruição da obra literária. *‘Cara, Aslan é true, Aslan é muito show’* nos parecem também, as vozes dos que fizeram a experiência afetiva com o Leão personagem, mas ainda não fizeram, pelas mais variadas razões, o salto do símbolo para a experiência real, ‘conhecendo’ Jesus pela fé. São comentários cheios da espontaneidade da descoberta *“do rugido do leão ao qual se compara a voz do cordeiro”* (VANNI, 1998), e de quem conversa sobre literatura na Internet não como quem sabe, mas como quem aprende. Fica evidente, no comentário deste orkuteiro, como a Internet se presta e dá suporte livre à expressão de seus usuários, permitindo uma verdadeira socialização de assuntos inclusive da literatura, sem restrições de ordem lexical ou exigindo registros ou jargões. A gíria aqui, evidencia esta liberdade de expressão e socialização do tema a partir no suporte virtual.

#### **4.4. O que foi dito sobre C.S.Lewis e Obras Literárias: QUADRO 3**

Abaixo segue o **Quadro 3** com as postagens, na íntegra, de tudo o que foi dito pelos internautas a respeito de C.S.Lewis e sua obra nas duas situações experimentais nos fóruns estudados.

<b>QUADRO 3</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE C.S.LEWIS E OBRAS LITERÁRIAS</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Bruno	a) 'não creio que ele [C.S.Lewis] tenha escrito o livro [LFG] como se fosse a Bíblia contada de outra forma. (...) Não penso que ele se prendeu aos personagens da bíblia para escrever'.
2 - Ligia Y.	a) 'é muito claro que Lewis baseou seus personagens aos personagens da Bíblia. (...) Talvez não sejam TODOS os personagens que têm relação com a Bíblia, mesmo porque Lewis tb usa figuras da Mitologia...A intenção de Lewis era contar a história de Jesus em outra história (...) Mas ele não levou ao pé da letra'.
3 - Tatiana Adamov	a) '(...) estou começando a ler as crônicas agora (...) e a cada página vejo uma referência bíblica, embora não acredite que o autor quisesse fazer uma ligação direta dos personagens (...) hoje quero é mais terminar os sete livros, estou encantada com a forma de redação do autor' b) '(...) acho que será assim que a mensagem do C.S.Lewis será passada...'
4 - Alexandre (a)	a) '(...) ninguém pode negar q o livro é os ensinamentos e verdades bíblicas escritas com uma história (...)'
5 - Elaine Castilho	a) 'Puxa só cego não entenderia que LFG é uma alegoria (crônica) (...) existem os personagens mitológicos e etc...Mas acredito que não passam de alegorias'.
6 - Kézia x Lucy.	a) '(...) tem que ler as crônicas. É muito mais legal ir identificando [os personagens] (...)
7 - Angélica	a) '(...) o lewis fez uma analogia mas não tão rígida. Que homem super ultra criativo'.
8 -Priscilla	a) '(...) Lewis escreveu com o intuito de ensinar cristianismo tendo Aslan como figura central na historia. Quem não leu não deve ter entendido muita coisa...O que será que Lewis acharia do filme...?' b) '(...) Agora o livro dois (que na verdade é o um) eu acho quase impossível eles fazerem, imagina só a Disney...'
9 - Mateus	a) '(...) ouvi dizerem que estão produzindo todas as obras! Será? O.o'
10 - Hugo	a) '(...) Não acho que houve um comprometimento real em dizer o que Lewis disse...Eles não tomaram partido pela verdade'.
11 - André	a) '(...) se a Disney está disposta a filmar todas as "CRÔNICAS DE NÁRNIA" (eu amo esse nome. Soa bonito, né?)'
12 - Reginaldo	a) '(...) o número de expectadores certamente será muito maior que o número de leitores das Crônicas de Nárnia'.
13 - André Antônio	a) '(...) É claro que para os amantes dos livros de Lewis, um filme como esse nunca será satisfatório'.

14 - Rogério M. Jr.	a) '(...) ter um livro de um dos maiores gênios da literatura cristã lançado por uma empresa do porte da Disney é um dos maiores prêmios que os fãs de Lewis podiam receber'.
15 - Talita	a) '(...) As Crônicas de Nárnia fazem parte da minha vida desde pequena! Meu pai lia para minhas irmãs e eu. Achei ótimo ir ao cinema com ele e relembrar esses momentos'.
16 - Gustavo	a) '(...) foi a melhor adaptação de uma obra literária!' b) 'Talvez não veremos filmes sobre as outras crônicas...'
17 - Saulo Rodrigo	a) '(...) O livro é mt mais rico, vc pensa mais, imagina mais, reflete mais (...)'
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - Gabriele (pesquisadora)	a) '(...) Lewis costumava dizer que há um laço secreto que une os livros que lemos por afinidade (...). A propósito, minha tese sobre LFG foi publicada...'
2 - André (b)	a) 'Só vim conhecer Lewis aos 18 anos, e só li as crônicas com 20. É uma pena...minha infância poderia ter sido diferente. Acho que agora eu sou mais infantil do que era dez anos atrás...'
3 - Milane	a) 'A primeira literatura de C.S.Lewis que li foi na minha adolescência...Já as Crônicas de Nárnia minha oportunidade está sendo agora e estou curtindo muito, já estou no IV volume...Se eu tivesse lido o Leão, a feiticeira e o guarda-roupa na minha infância, com certeza eu teria tentado entrar em Nárnia através do meu guarda-roupa...rsrsrs'.
4 - Anônimo	a) 'Já li alguns livros de C.S.Lewis, gostei muito (...). Não tinha lido As Crônicas de Nárnia, mas vi o filme e chorei, chorei muito!' b) '(...) é hora de nós que cremos que Deus levantou um servo como Lewis, orarmos...'
5 - Carlos	a) '(...) tenho relido as Crônicas de Nárnia ultimamente...e me emociono...'
6 - RosiMeire	a) '(...) meu marido me apresentou as obras de C.S.Lewis...ele está lendo para mim. Estou me sentindo uma criança ativada pela curiosidade a cada capítulo...'
7 - Nii-San Hatori	a) '(...) está chegando o filme...vcs terão a chance de aprender mais dessa obra de arte!!!!'
8 - Fernando	a) '(...) creio que Lewis sempre se baseou em simplicidade, e esta é a sacada de sua obra, o tempo todo: a simplicidade das crianças é a grande linha narrativa...'
9 - Lívia	a) '(...) Acho que parte da riqueza da obra está na nossa imaginação que nos permite criar o nosso mundo de Nárnia com todos os personagens (...)'
10 - Avelar	a) 'O livro é o máximo. Li há 2 anos, com 22 anos de idade, em inglês e emprestado. Li a série toda, mas O LB[F]G, é o melhor e o mais divertido'.
11 - Marta	a) 'Li o livro (...). No que se refere ao filme: eu amei! (...) pouca gente conhece a vida e a obra de C.S.Lewis aqui no Brasil, falta de informação e cultura, né?'
12 - Nilson	a) '(...) Para nós a história da A Feiticeira, o Leão e o Guarda-Roupa foi a primeira semente plantada por Deus para descrever o plano da salvação...'
13 - Dea	a) '(...) para um filme baseado num conto q. não tem a intenção de ser evangélico, a mensagem foi bem impactante...'

Explicamos, na introdução deste capítulo, como foram compostos os blocos temáticos a partir das postagens dos internautas que constituem o *corpus* da pesquisa. Os seis primeiros blocos, não surpreendentemente, giravam em torno de temas diretamente relacionados ao livro “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*”. Ao nos voltarmos, porém, uma segunda vez sobre os dados, na busca de algo evidente que tivesse passado despercebido, fomos surpreendidos ao constatar que os internautas falavam significativamente sobre o autor do livro, C.S.Lewis, e de sua obra em geral. Os 14% de frequência do tema, o colocava na posição de terceiro lugar entre os blocos temáticos. De certa maneira não deveria haver tanta surpresa no encontro deste bloco temático já que a comunidade mãe que abrigou todos os fóruns citados chama-se “*C.S.Lewis pt*” e não “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*”. Contudo, como os dados costumam ‘esconder o ouro’, a persistência na garimpagem obteve bons resultados.

Ao analisarmos o que os internautas falavam sobre Lewis e a experiência de leitura de suas obras, em especial de LFG, mas também das outras seis “*Crônicas de Nárnia*”, além de comentários sobre a adaptação para filme da obra, que não nos interessa neste momento, vimos que havia três grandes assuntos que sustentavam este bloco temático. Seriam eles: ***O que foi dito sobre C.S.Lewis, O que C.S.Lewis fez em LFG e Como perceber o que Lewis disse em LFG?*** Comentaremos abaixo cada um destes assuntos a partir da interação dialógica entre os fãs de Lewis, propiciada pelos fóruns.

#### 4.4.1. O que foi dito sobre C.S.Lewis

Há como que dois prismas sob os quais C.S.Lewis é visto e admirado por seus leitores, participantes dos fóruns, prismas estes que se supõem, mas que são distintos: o primeiro deles poderia ser denominado

**‘Lewis apologista cristão’** e o segundo **‘Lewis escritor’**. Apesar de Lewis, de fato, ter se convertido ao cristianismo na vida adulta, voltando à origem anglicana de sua família, tornando-se renomado escritor cristão desde então, como foram G.K.Chesterton e J.R.R.Tolkien, seus amigos católicos, as postagens e afirmações dos internautas parecem surgir mais de suas próprias convicções religiosas projetadas sobre o ‘genial Lewis’, apologista de valores e símbolos cristãos, do que do fruto de conhecimento fundamentado em pesquisa sobre as intenções de Lewis ao escrever LFG, com o propósito explícito de fazer apologia sobre os principais aspectos da fé cristã. Uma das razões para afirmarmos isso, é porque as opiniões se contradizem e muitas vezes nem se definem. Vejamos alguns exemplos de quem tem dúvidas: (2-Ligia Y.) *“é muito claro que **Lewis baseou seus personagens aos** [sic] **personagens da Bíblia** [grifo nosso]”*. Mais tarde a mesma pessoa retoma o discurso e acrescenta, em dúvida: *“(...) **Talvez não sejam TODOS os personagens** que têm relação com a Bíblia, mesmo porque Lewis tb usa figuras da Mitologia... **A intenção de Lewis era contar a história de Jesus em outra história** [grifo nosso](...) *Mas ele não levou ao pé da letra”*. Da mesma forma (3-Tatiana Adamov) comunga com a dúvida sobre a clara intenção de Lewis de fazer paralelo entre personagens bíblicos e personagens literários com fins evangelizadores, quando diz: *“a cada página **vejo uma referência bíblica**, embora **não acredite** que o autor quisesse fazer uma ligação direta dos personagens”*.*

Outros internautas não terão dúvida ao afirmar qual seria a intenção de Lewis ao escrever como cristão: (13-Dea) *“(...) [LFG] conto q. **não tem** [grifo nosso] a intenção de ser evangelístico...”*, (1-Bruno) *“não creio que ele [C.S.Lewis] tenha escrito o livro [LFG] como se fosse a Bíblia contada de outra forma. (...) **Não penso que ele se prendeu** [grifo nosso] aos personagens da bíblia para escrever”*.

Já a postagem de (8-Priscilla) nos ilustrará como Lewis é percebido como pregador do cristianismo, e como os personagens por ele criados baseavam-se, sim, na bíblia. Ela comenta: *“(...) Lewis escreveu **com o intuito de ensinar cristianismo** tendo Aslan como figura central na historia*

[grifo nosso]”. Lewis também é percebido e admirado como autor cristão que faz apologia através da escrita e, como tal, o que ele escreve é tido como verdade, devido ao seu comprometimento com a Verdade. Ao se adaptar, porém, o texto escrito de LFG para a linguagem cinematográfica, por exemplo, há dúvida, por parte do público leitor, sobre a permanência do compromisso ético de divulgação da Verdade por parte do roteirista, ligado a *Walt Disney Production*, como questiona (10-Hugo): “(...) *Não acho que houve um **comprometimento real** em dizer o que Lewis disse... Eles [que fizeram o roteiro do filme] não tomaram partido pela verdade* [grifo nosso]”.

Isso posto, mesmo que haja clara insegurança por parte dos internautas, de quais tenham sido as intenções de C.S.Lewis ao escrever LFG, todos concordam que ele deseja passar uma ‘mensagem’ que brota do texto literário e que contém verdades bíblicas. É o que os participantes do fórum nos asseguram ao dizer: (4-Alexandre) “(...) *ninguém pode negar q o livro é os [sic] ensinamentos e **verdades bíblicas escritas com uma história*** (...) [grifo nosso]” e (3-Tatiana Adamov): “*estou encantada com a forma de redação do autor*” acrescida da conclusão: “(...) *acho que será assim que a **mensagem do C.S.Lewis** será passada...* [grifo nosso]”. Para todos que compõem este grupo, Lewis é visto como *apologista cristão*, cuja literatura, explicitamente ou não, se compromete com a mensagem dos principais valores e temas do Evangelho de Jesus Cristo.

Os internautas também se apresentam como fãs do *escritor Lewis*, considerando-o expoente da literatura cristã, como é o caso de (14-Rogério M. Jr) que diz: “*ter um livro de um dos maiores gênios da literatura cristã*”. Outros, muito entusiasmadamente, o vêem como um ‘enviado de Deus’ como afirma (4-Anônimo): “*nós que cremos que Deus levantou um servo como Lewis...*”. Consideram-no também criativo, sensível, como nos diz (7-Angélica): “*Que homem super ultra criativo*”, e de escrita simples, encantadora, como pensa (8-Fernando) ao comentar: “*creio que Lewis sempre se baseou em simplicidade, e esta é a sacada de sua obra (...) a grande linha narrativa [sic]...*”. Há quem considere LFG como a maior obra de Lewis, tendo o poder de marcar a infância de uma pessoa para sempre, como nos conta (10-Avelar): “*Li*

a série toda, mas O LB[F]G, é o melhor e o mais divertido”. No quesito escritor, há unanimidade de opiniões a respeito de C.S.Lewis, que o vêem como criador de verdadeira ‘obra de arte’ como afirma (7-Nii San Hatori) ao falar de LFG.

Parte do comentário feito por (3-Milane) e aquele feito por (12-Nilson) no fórum, talvez consigam expressar um outro porque os fãs de C.S.Lewis o admiram tanto como *escritor de contos de fadas* considerados inesquecíveis, e o estimem como autor. Para estes internautas, Lewis, claramente, faz uso do universo simbólico cristão, para dar vazão à criatividade literária de modo a atrair as pessoas à salvação, tornando-o próximo dos leitores, por incitar a experiências e a reflexões de cunho existencial através da literatura, tornando-se, também, de certa forma, responsável pela experiência pessoal de fé e conversão de seu público leitor. “*Se eu tivesse lido o Leão, a feiticeira e o guarda-roupa na minha infância, com certeza eu teria tentado entrar em Nárnia...*” e “*(...) Para nós a história da A Feiticeira, o Leão e o Guarda-Roupa foi a primeira semente plantada por Deus para descrever o plano da salvação...*”. Nestes dois casos fica evidente que o *apologista cristão* e o *escritor* inspirado e competente se mesclam numa só pessoa, C.S.Lewis, que é reconhecido como tal pelo público que lê suas obras e troca idéias no Orkut.

Para finalizar, um outro aspecto que brota naturalmente da observação dos internautas que falam sobre C.S.Lewis e seus livros, é que eles estão trocando experiências e pontos de vista sobre *obras literárias*. Os orkuteiros que participam das SE 1 e SE 2, não deixam de estar socializando o texto literário de maneira descontraída e espontânea, a partir da experiência que cada um tem como leitor e crítico. Cremos que toda literatura tem um papel humanizador, e especialmente as obras de Lewis, ao serem compartilhadas no portal do Orkut, cumprem ainda mais este papel porque, através da escrita dos internautas, mais saberes são colocados a disposição de todos, mais experiências de vida, e reflexões sobre a existência são socializados e abertos a quem se interessar e quiser interagir.

#### **4.4.2. O que C.S.Lewis fez em LFG**

Há postagens fazendo significativas suposições sobre as intenções de C.S.Lewis ao escrever as “*Crônicas de Nárnia*” e em especial LFG. Muitas destas postagens têm sentido diametralmente opostos, como vimos no sub-ítem anterior, mas que, ao serem postadas no fórum, não geraram debate nem confronto entre os internautas. Isso nos leva a crer que não há, por parte de quem se expressa no ambiente fórum do Orkut, outro intuito maior do que o de dialogar, de contribuir no *footing* de interação ao dar seu ponto de vista, ‘achando e não achando’ à vontade, sem ter que *provar* a fonte bibliográfica ou a base da argumentação. O ambiente fórum eletrônico propicia a expressão do pensamento, mas não supõe o confronto para se chegar ao consenso. Este pode acontecer ou não.

Mesmo não havendo unanimidade a respeito das intenções de Lewis ao fazer paralelos entre personagens bíblicos e personagens das Crônicas, todas as vozes que se expressam no fórum, reconhecem e concordam que Lewis toma imagens bíblicas, mitos e símbolos do universo judaico-cristão que fundamentam o cristianismo, para dar vida e consistência aos personagens. Cremos que tanto os internautas que afirmam que Lewis se prendeu aos personagens bíblicos para escrever, como aqueles que pensam ao contrário, que ele não se prendeu, mas fez referência e não ligação direta a eles, percebem, com pertinência, que há *uma história dentro de outra*, como nos afirma (2-Ligia Y.): “*A intenção de Lewis era contar a história de Jesus em outra história*”. Esta percepção é de extrema importância porque **refuta a tese do conto de fadas como ‘cópia bíblica’, ou escrita literal, que o tornaria enfadonho e pobre, dando espaço para a percepção da alegoria, ou seja, da mesma coisa dita de outra forma.** É o que (5-Elaine Castilho) muito aguçadamente percebe e comenta: “*LFG é uma alegoria*”. Ao expressar-se dessa maneira a respeito do texto de LFG, esta internauta dá a Lewis um elogio que, acreditamos, o deixaria lisonjeado, pois, como professor de literatura medieval que foi, ele se deixava conduzir pela metodologia que apreciava a tradição, e que era seguida pela maioria dos autores até o fim do século XIX: “*contar histórias que já haviam sido contadas de um jeito novo*” (Hinten, 2005:6). Para escritores medievais e renascentistas, mais valia o

produto final que a originalidade da obra. LFG tem sua marca de originalidade pela gama de elementos mitológicos e simbólicos colocados magistralmente juntos pelo autor sem deixar, porém, de trazer marcado em seu gênero, o traço da alegoria: ‘um inocente paga por um impenitente, quebrando a maldição que pairava sobre o mundo, fazendo a vida florescer de modo irreversível sobre todos, para sempre’. Em poucas palavras, falamos assim, da belíssima alegoria de Nárnia que é um espelho da vida proposta àqueles que são batizados como cristãos, cuja “*mensagem bem impactante...*”, como comenta (13-Dea), vem há dois mil anos alcançando as pessoas e lhes fazendo reis e rainhas, como nos contos de fadas, ao se tornarem e viverem como verdadeiros filhos de Deus.

Lewis fez uma estória nova abordando o mito da salvação, que está presente em todas as culturas humanas de uma maneira ou de outra, sob a perspectiva dos símbolos e dos fatos históricos que envolvem o cristianismo, convidando os leitores para ‘entrarem no guarda-roupa’, para receberem o mito, com o frescor das crianças. Para ele, porém, o mito da salvação e os símbolos cristãos haviam se tornado *realidade*, os Evangelhos falam da *realidade verdadeira* que se encontra para além e na essência dos fatos e da vida. Segundo Magalhães Filho (2005:114), “*Lewis emprega o termo ‘mito’ para designar aquilo que é verdadeiro em última análise, mas inefável, ou seja, indescritível em termos racionais, podendo ser vislumbrado apenas pela imaginação*”. De maneira concreta e admirável, o véu do Cristianismo havia se descortinado para Lewis, fazendo com que ele cresse que o mesmo poderia acontecer com outros incrédulos. Não se entra em Nárnia quando se quer, comenta sabiamente professor Kirk em LFG, porém, sabe-se que as portas de Nárnia se abrem a todos que lá quiserem entrar. Em LFG cremos que Lewis veio contar às crianças de todas as idades e gerações sobre a beleza, a alegria, e a gratuidade do Cristianismo que não pode ser abarcado pela razão somente, mas que deve ser abraçado e interpretado existencialmente; só dessa maneira, de fato, compreende-se a própria existência. Nos Evangelhos se encontra a essência de todos os mitos dos contos de fadas pelo qual anseia o coração do ser humano, seja ele o de Lucy, nos seus oito anos, seja o do professor Kirk, de cabeça branca, aposentado, solitário, na terceira idade.

Em sua autobiografia Lewis fala da descoberta da fé cristã, e de como ela trata o encontro com a Verdade: **“Aqui, e somente aqui, em toda a extensão do tempo, o mito deve ter-se tornado fato; a Palavra, carne; Deus, homem. Não se trata de uma ‘religião’, nem de uma ‘filosofia’. É o resumo e a realidade de todas elas”** (LEWIS, 1998:240). Porém, é J.R.R.Tolkien grande responsável por ajudar Lewis neste caminho de (re)descoberta da fé, quem defende uma posição que muito nos faz entender o que Lewis fez e pretendeu ao escrever o conto de fada LFG, convidando os leitores a perscrutar o texto mais do que a decodificá-lo, e é o que vem acontecendo há várias gerações quando se encontram com ‘O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa’:

*“Os Evangelhos contêm um conto de fadas, ou uma história de uma classe maior que abarca toda a essência dos contos de fada. Contêm muitas maravilhas, principalmente artísticas, belas e comoventes: ‘míticas’ em seu significado perfeito e completo (...). Essa história, entretanto, passou a fazer parte da História e do mundo primário (...). Essa história é superior, e é verdadeira. A arte foi comprovada. Deus é o Senhor dos anjos, dos homens e dos elfos”* (Tolkien apud Magalhães Filho 2005:109).

#### **4.4.3. Como perceber a simbologia de LFG?**

##### **4.4.3.1. O Papel do leitor**

C.S.Lewis costumava ensinar a seus alunos que um texto é simultaneamente algo dito (*logos*) e algo feito (*poiema*) (Edwards 2005:14), explicando que ao criar um ‘mundo’ e, a partir dele, revelar um ponto de vista do autor sobre o mundo, ele também oferece e convida o leitor a conhecer e habitar – se aventurar? – neste novo mundo, permanecendo ali até quando ele se mostrar interessante, desafiador, agradável. Dessa forma, para Lewis, o papel do leitor era complementar ao papel do escritor e por isso, ele esperava

que os leitores das Crônicas *recebessem* o texto e nele *entrassem*, muito mais do que o *usassem*, *se servissem dele*. Um dos especialistas que estuda os contos de C.S.Lewis nos diz textualmente: “As Crônicas contam uma estória simples na superfície, mas uma estória que na verdade é inteligente e complexa e, portanto, merecedora de várias visitas e releituras” (Edwards, 2005:12). O próprio Lewis serve-se de uma metáfora para descrever e comparar alguém que lê como alguém que *recebe o texto* ou como alguém que *usa o texto*. Diz ele que se assemelha ao turista inglês que, ao viajar para o exterior, só fala inglês e se aproxima de ingleses, toma somente chá, apesar de no lugar haver outras bebidas excelentes, não experimenta nada de diferente dos hábitos, bebidas ou pratos típicos do lugar, sem se deixar alcançar pelos costumes, passando todo o tempo *como turista*, sem querer apreciar o país que visita, como seus habitantes e moradores o vêem e experimentam. Ao voltar para casa, este inglês será o mesmo de quando partiu, sem ter sofrido nenhuma modificação ou aberto qualquer horizonte novo para si após a viagem.

Semelhante fato pode acontecer com a experiência literária, dependendo somente da postura escolhida pelo sujeito, leitor, como relata o próprio C.S.Lewis:

*“eu prefiro escolher a segunda maneira de viajar e de ler porque aí eu serei levado pela leitura para o frescor de novas e desconhecidas alegrias, atmosferas, muitas, inacessíveis... Eu convivo comigo mesmo e com o mundo que me cerca há quase sessenta anos, e não me sinto enamorado por nenhum dos dois como sou pelo desejo de conhecer o mundo acima deles”* (C.S.LEWIS apud EDWARDS 2005:14).

Era por isso que Lewis tanto amava a literatura e esperava que toda obra literária fosse recebida “*por seus méritos próprios*”. O que ele esperava, é que Nárnia e as Crônicas produzissem a união inseparável entre forma literária (poeima) e mensagem (logos), e que elas contribuíssem para o desfrute,

amadurecimento e educação do leitor, cuja postura seria de recepção do texto, sendo por ele modificado, e não de mero expectador do texto.

#### 4.4.4. O Filme e o Livro

Os leitores de Lewis parecem perceber que LFG os atrai para sucessivas releituras, sem perder o frescor do primeiro encontro com o texto, muitas vezes acontecido na infância. A experiência é marcada pela emoção, como nos conta um usuário do Orkut (5-Carlos): “(...) *tenho relido as Crônicas de Nárnia ultimamente... e me emociono...*” e por um deslumbramento de quem descobriu e ‘entrou em Nárnia’, como aconteceu com outro (3-Milane): “*A primeira literatura de C.S.Lewis que li foi na minha adolescência... Já as Crônicas de Nárnia minha oportunidade está sendo agora e estou curtindo muito, já estou no IV volume...*”. Esta atitude receptiva do texto literário por parte dos internautas, mesmo que inconsciente, os leva a distingüir a experiência da leitura como superior àquela da linguagem cinematográfica, como afirma (13-André Antonio): “(...) *É claro que para os amantes dos livros de Lewis, um filme como esse nunca será satisfatório*”. Acrescida à visão de destaque do texto sobre o filme, há quem demonstre *gratidão* pelo lançamento do filme como oportunidade de tornar Lewis e a mensagem cristã divulgados, um meio de aprendizagem a respeito de uma obra de arte. É o que dizem (7-Nii-San Hatori): “(...) *está chegando o filme...vcs terão a chance de aprender mais dessa obra de arte!!!!*”, (14-Rogério M.Jr): “(...) *ter um livro de um dos maiores gênios da literatura cristã lançado por uma empresa do porte da Disney é um dos maiores prêmios que os fãs de Lewis podiam receber*” e (17-Saulo Rodrigo): “(...) *foi a melhor adaptação de uma obra literária!*”.

Mas por que, poderíamos nos perguntar, haveria uma preferência pelo texto literário sobre a versão cinematográfica considerada fidelíssima ao texto escrito? Qual a chave de leitura para se perceber nas postagens dos internautas, um envolvimento maior com o texto de LFG do que com o texto, o som e a imagem veiculados pelo cinema? Não estaríamos diante de uma comparação desigual entre filme e livro, nós que vivemos no século das imagens? Sem recorrermos à teoria, vemos os próprios

participantes do fórum, explicando o porquê consideram o impacto da leitura do conto narniano como superior ao impacto de quem assiste ao filme. Vejamos estas duas postagens: (17-Saulo Rodrigo): “(...) *O livro é mt mais rico, vc pensa mais, imagina mais, reflete mais (...)*” e (6-Kézia & Lucy.): “(...) *tem que ler as crônicas. É muito mais legal ir identificando [os personagens] (...)*”. E há quem acredite que o filme está submisso ao livro caso se queira verdadeiramente compreender do que se trata. É o que nos diz (8-Priscilla): “*Quem não leu não deve ter entendido muita coisa...*”, mas a experiência de (4-Anônimo) parece ser a oposta, quando diz: “*Já li alguns livros de C.S.Lewis, gostei muito (...). Não tinha lido As Crônicas de Nárnia, mas vi o filme e chorei, chorei muito!*”. Ambos, Priscilla e Anônimo, conheceram as obras literárias de Lewis **antes** de irem ao cinema o que os coloca em um mesmo patamar, ou seja, a experiência da leitura de obra literária original, precedendo o contato com a obra adaptada para outra linguagem. A reação emocional de cada um é distinta, mas ambos chegam ao cinema tendo noção a que tipo de estória vão assistir, de quem as escreveu, sendo leitores antes de se tornarem expectadores.

#### 4.4.5. O Imaginário

O segredo da ‘superioridade do texto literário’, cremos, encontra-se no *imaginário*, que é aqui visto como realidade dinâmica de natureza psíquica, que tem a faculdade de alterar e deformar o real, construindo uma nova realidade pelo movimento criativo das imagens. As imagens criadas pelo imaginário mais do que reprodução da realidade exterior, são sua *representação*. Em outras palavras: no imaginário permanecem e através dele criam-se as representações de toda a realidade exterior, feitas através de imagens. A interpretação das imagens por sua vez, se dá através dos símbolos, pois “*a simples imagem é superada pelo símbolo, pois, enquanto a primeira está mais diretamente ligada a seu objeto de referência, o segundo transcende o referente, podendo mobilizar ações pelos estímulos efetivos que produz*” (MAGALHÃES FILHO, 2005:28). Por causa da fertilidade quase infinita do imaginário humano, quando este se depara com obra literária cujo gênero pressupõe a imaginação e o contato com imagens, símbolos e mitos, “*tomados no sentido de representação mental do inefável*” (MAGALHÃES FILHO,

2005:17), como acontece com a literatura fantástica e os contos de fadas, a experiência de deleite e fruição do texto lido será tanto maior quanto for a imaginação do leitor. O reconhecimento que ele fará dos mitos e símbolos presentes no texto, dependerá de inúmeras variáveis, inclusive do contexto social, cultural em que esteja inserido, porém, seja qual for o nível em que a leitura aconteça, a experiência será sempre pessoal e intransferível.

Ao *vermos* uma obra literária, como acontece nas adaptações para o cinema ou para o teatro, anteriormente somente *lida* e *imaginada*, tendemos, na maioria das vezes, à frustração e à decepção por não reconhecermos na tela ou no palco, as mesmas representações criadas pelo indivíduo leitor que é cada pessoa, mas as representações do imaginário do roteirista, do diretor, do cenógrafo, etc. Concordamos e ratificamos a opinião magistral de Jader na SE 2, quando diz: “(...) *Assistir a um filme de um livro é como ler o livro com os olhos de outrem. (...) É natural que ao se ler, minha mente se apegue a determinados detalhes e a mente de outra pessoa se apegue a outros. É a relação de cada um com a obra. (...) A impressão que o livro deixou em mim (...) é algo que eu tenho dificuldade para explicar e que seria impossível reproduzir num filme*”. Não se pode comparar o incomparável já que estamos falando de duas linguagens distintas que são a literária e fílmica, porém, decidimos incluir este ponto de vista socializado no fórum porque percebemos nele uma profunda intuição a respeito do papel do leitor como receptor ativo do texto, e não aquele que tem o livro nas mãos e é capaz somente de decifrar os signos. Os efeitos causados no leitor pelo contato com a obra literária diferem daqueles causados pelo cinema e é do que Jader fala e que Jouve (2002:50) explica:

*“O **ledor** é definido como a parte do indivíduo que, segurando o livro nas mãos, mantém contato com o mundo exterior; o **lido**, como o inconsciente do leitor que reage às estruturas fantasmáticas do texto; e o **leitante**, como a instância da secundaridade crítica que se interessa pela complexidade da obra”.*

Por fim, para concluirmos este tópico mostrando o que os internautas percebem como a simbologia de LFG, resta-nos confirmar ser este um texto repleto de alegorias que remetem ao texto bíblico. É o que nos diz (2-Ligia Y.) ao afirmar: *“A intenção de Lewis era contar a história de Jesus em outra história (...). Mas ele não levou ao pé da letra”*.

Como conto de fadas, LFG merece ser apreciado, sorvido a pequenos goles, como um bom vinho, cujo sabor vai sendo descoberto paulatinamente sem ser revelado de uma só vez. É um texto que desperta a curiosidade do leitor adulto que já foi leitor criança um dia, e que toca em elementos míticos presentes no imaginário, deixando-o livre para a busca e para a descoberta. Algumas postagens ilustram, com precisão, este caminho feito ou caminho em processo percorrido pelos leitores que, mesmo adultos ao entrarem em Nárnia, pela acolhida do texto, como pretendia Lewis, perdem a noção do tempo ou adquirem outra noção do que seja verdadeiramente a maturidade. É o caso da experiência tocante de (2-André) que diz: *“Só vim conhecer Lewis aos 18 anos, e só li as crônicas com 20. É uma pena... minha infância poderia ter sido diferente. Acho que agora eu sou mais infantil do que era dez anos atrás...”*. (14-Rodrigo) por sua vez, sente que a riqueza do texto está no espaço para a reflexão: *“(...) Nem no livro ele [C.S.Lewis] detalhou demais certos temas, tal qual muitos gostariam, pois deixou espaço para que o leitor pensasse por si mesmo (...), nem deixou tudo mastigadinho...”*. (6-RosiMeire) e (15-Talita) ilustram de forma ainda mais contundente esta ‘acolhida e recepção’ de LFG ao ouvirem a estória sendo contada para elas, mesmo sendo adultas, deixando fluir livre a imaginação e expectativa com relação ao enredo e trama dos personagens, ou fazendo memória dessa experiência na infância: *“(...) meu marido me apresentou as obras de C.S.Lewis...ele está lendo para mim. Estou me sentindo uma criança ativada pela curiosidade a cada capítulo...”*, e *“(...) As Crônicas de Nárnia fazem parte da minha vida desde pequena! Meu pai lia para minhas irmãs e eu. Achei ótimo ir ao cinema com ele e lembrar esses momentos”*.

Somos convidados a nos aproximar de LFG com a simplicidade de quem entra em Nárnia pela primeira vez, e mesmo vindo a

conhecer, futuramente, toda a série, não esquecer desta descoberta, do desejo de que o fundo do guarda-roupa traga surpresas. É o que nos conta (10-Avelar): *“O livro é o máximo. Li há 2 anos, com 22 anos de idade, em inglês e emprestado. Li a série toda, mas O LB[F]G, é o melhor e o mais divertido”* e (3-Milane): *“Se eu tivesse lido o Leão, a feiticeira e o guarda-roupa na minha infância, com certeza eu teria tentado entrar em Nárnia através do meu guarda-roupa...rsrsrs”*.

Concluindo, há um certo pesar de que C.S.Lewis seja tão pouco conhecido no Brasil, como lamenta (11-Marta): *“Li o livro (...). No que se refere ao filme: eu amei! (...) pouca gente conhece a vida e a obra de C.S.Lewis aqui no Brasil, falta de informação e cultura, né?”*. No entanto, também há a esperança da pesquisadora e *expert* na antropologia filosófica de Lewis e que participa de um dos fóruns de SE 2, (1-Gabriele), quando diz: *“(…) Lewis costumava dizer que há um laço secreto que une os livros que lemos por afinidade”*, querendo dizer, acreditamos, por analogia, que há também um laço secreto que une as pessoas por aquilo que elas lêem e, nesse sentido, os fóruns da comunidade *“C.S.Lewis pt”* cumpriram muito bem o seu papel, divulgando a literatura e agregando pessoas por afinidade em torno de um escritor, dando corpo e consistência à presença ainda insipiente da *cibercultura*, se pensarmos em termos cronológicos, mas definitiva e irreversível, se pensarmos em termos culturais, relacionais e lingüísticos, no nosso século e nos que virão.

#### **4.5. O que foi dito sobre as crianças: Peter, Susan, Edmund e Lucy: QUADRO 4**

Abaixo seguem as postagens dos internautas nas duas situações experimentais, a respeito das crianças Pevensie: Peter, Susan, Edmund e Lucy, reunidas em um novo quadro para melhor leitura. Apresentamos, a seguir, o que observamos de relevante nos comentários feitos a respeito deles, e que ilustra, sobremaneira, a percepção sobre a simbologia cristã presente no texto e nos personagens.

## QUADRO 4

### O QUE FOI DITO SOBRE AS CRIANÇAS: PETER, SUSAN, EDMUND E LUCY

#### SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)

1 - Milane	a) '(...) desejo muito ver a Lucia, menina destemida e amiga (...) foi o Edmundo e Lúcia que mais me chamaram atenção'. b) '(...) quero ver o Edmundo, a sua cara de traidor e depois de sua pessoa arrependida. (...) Edmundo e Lúcia que mais me chamaram a atenção'
2 - Marcia	a) '(...) O que não pode faltar? A cena de Lucia e Susana brincando com o leão...'
3 - Luciano	a) '(...) gosto da humanidade simples das crianças.'
4 - Fernando	a) '(...) há um bombardeio sobre Londres, e as crianças são levadas de trem ao interior da Inglaterra...é bem interessante como Edmundo é colocado já ali neste início e Pedro idem. (...) O professor Kirk é impressionante, igualzinho às ilustrações e àquilo que eu imaginava! (...) o foco é bastante em Pedro, o tempo todo. (...) quando eles [as crianças] já são reis e rainhas de Nárnia. (...) prestem atenção...quando Lúcia é pega 'no ato' por professor Kirk quando tenta voltar para Nárnia pelo armário...' b) '(...) Pedor ficou exaltado demais o filme inteiro (...) mesmo Suzana não me parece ser como no livro, ao menos em termos de temperamento (...)'
5 - Deh	a) '(...) Gosto...da Susana'
6 - Angélica	a) '(...) Os irmãos tb não podiam se salvar...'. b) 'Na minha humilde cabeça, isso me lembra mais o deslize de Adão e Eva'. (...) Edmundo somos nós, ele caiu no conto da feiticeira e comeu o doce'.
7- Elaine Castilho	a) '(...) o leão quando vai para o sacrifício está visivelmente triste (...) logo Lucia e Suzana o acompanham'. b) '(...) [o] Leão (...) foi traído por Judas (Edmundo)...
8 - Kézia x Lucy.	a) 'O professor é Adão (...)'. b) 'Acho q Edmundo é uma representação da humanidade, assim como os outros irmãos e o professor'
9 - Saulo Rodrigo	a) '(...) a Lúcia me encantou...'
10 - Hugo	a) '(...) Também senti que faltou explorar as crianças brincando em Nárnia com os animais (falantes e não falantes)...'. b) '(...) faltou Aslan falando com Edmundo, pois o diálogo no livro é extremamente importante. Lá Edmundo diante de Aslan muda de vida mesmo, mudança profunda'
11 - Lili	a) '(...) Lucy...é sem comentários ela arrasou do início ao fim (...) já o Pedro e a Suzana eu os achei fracos'. b) 'o garotinho q interpretou Edmundo tb não fica atrás...' '(...) deu pra entender a mensagem pelas atitudes de arrependimento do Edmundo depois'
12 - Dayana	a) '(...) a cena dele [Aslan] levando Suzana e Lucia no dorso foi exatamente como imaginei quando li. (...) Os garotos (...) forma ótimos, (...) só a Suzana que ficou mais chata que no livro. (...) O Pedro transmitiu bem nobreza e liderança, Lúcia ficou uma gracinha...' . b) ' Não merecíamos nada, como o Edmundo...'
13 - André	a) '(...) É fácil fazer a ligação entre Aslan, Edmundo e a Feiticeira com nossa vida espiritual...' b) '(...) É lindo pensar que Aslan deu a vida por Edmundo (...)'
14- Fernando	a) 'aquele diálogo entre Edmundo e Aslan ficou fraco demais (...). Edmundo é maldoso sempre e etc...'

15- Marcos	a) '(...) mas o Edmundo realmente foi uma boa escolha pra ser o chato...'
17- TEKA	a) '(...) Eram duas cenas q estava esperando com ansiedade no filme, a ressurreição e a conversa de Aslan com Edmundo, fikei frustrada, mas ateh q gostei!'
18 - Priscilla	a) '(...) o diálogo de Edmundo e Aslan (...) de fato existiu mas não é revelado'.
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - Anônimo	a) '(...) todos se perguntam: pq Edmundo foi chamado de o justo no final. É a pergunta onde o cristão deve entrar e falar: ele foi justificado'.
2 - Paulo	a) '(...) qual seria a simbologia dos quatro reis. Alguém se habilita a um chute?'
3 - Fernando	a) '(...) a escolha das crianças me pareceu perfeita; Lúcia - Lucy - é da forma que eu imaginava!'
4 - Ana Carolina	a) '(...) Amei a interpretação de lúcia a menina era muito boa, na verdade todas as crianças estavam muito bem'.

#### 4.5.1. Peter: O Corajoso

Talvez um leitor mais atento tenha observado que optamos por não traduzir os nomes dos personagens, e o fizemos por crer que não há necessidade da tradução, por serem nomes próprios, e porque as quatro crianças que visitam Nárnia são inglesas e devem ser caracterizadas como tal. É só nos lembrarmos que nos encontros com o fauno Tumnus e com o casal de Castores, as crianças tomam chá com bolo, e não pipoca com guaraná!

Em 1939 quando Lewis faz seu primeiro esboço do que viria a ser publicado em 1940 como *“O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”*, há dois detalhes importantes a comentar: não havia nenhuma menção a símbolos cristãos na primeira versão, e as crianças tinham outros nomes. Por ser obra de arte, podemos inferir que a obra literária ainda não estava madura o suficiente para ser recebida pelo próprio escritor - em primeira mão -, para depois chegar a todos os leitores. De certa forma, podemos imaginar que Aslan ainda não tinha se aproximado... Seja como for, a criança mais velha chamava-se Anne no primeiro original, e ao chamar-se Peter, na versão que chegou até nós, seu perfil assume uma característica muito peculiar que é a liderança, aproximando Peter ainda mais de S. Pedro, o líder dos Apóstolos de Jesus Cristo. Tanto Peter de LFG quanto aquele dos Evangelhos, não se apresenta

como um líder perfeito, mas como alguém que vai sendo amadurecido, à medida que convive e se relaciona com Aslan ou Jesus. Os internautas vão considerar Peter como nobre, destemido e líder, mesmo que no decorrer da narrativa, se perceba o quanto ele se irrita com o irmão Edmund, e se sente incapaz de ir para a guerra lutar contra a Feiticeira, de quem tem medo. Peter não é um super-herói, Peter é um menino. Ele não é o personagem que mais catalisa a atenção dos leitores, mas ele cumpre bem o papel de protetor dos irmãos e de responsabilidade, na hora de comprometer-se a achar e ajudar a salvar Edmund, o irmão mais trabalhoso.

Ao se referirem sobre ele e as crianças, os internautas o fazem tendo em vista tanto o livro quanto o filme, mas preponderantemente o filme. E nessa hora há divergências claras. Há o caso de (4-Fernando) que nos diz: “(...) *o foco é bastante em Pedro, o tempo todo*” e o de (12-Dayana) que reconhece: “(...) *O Pedro transmitiu bem nobreza e liderança*”, que se manifestam positivamente. Porém, mais adiante, em outro momento de interação, o mesmo (4-Fernando) vai dizer: “(...) *Pedor ficou exaltado demais o filme inteiro (...)*”. É difícil interpretar o que significa o termo ‘exaltado’, porém poderíamos dizer que Peter e Susan são os irmãos coadjuvantes do enredo, pois, apesar de Nárnia precisar dos quatro para desfazer a maldição que havia sobre o reino há mais de cem anos, são Lucy e Edmund os que ‘tomam a cena’ quando estão presentes. Pedro é importante, porém, não é protagonista.

#### **4.5.2. As Crianças Pevensie: Filhos de Eva e Filhos de Adão**

Os Pevensie são vistos como família, irmãos, e como crianças, como aqueles com quem facilmente nos identificamos. Eles não se confundem com os demais animais falantes ou personagens mitológicos. Indubitavelmente eles são humanos que chegam à Nárnia, e dessa maneira são percebidos pelos participantes da discussão. É o que atestam (10-Hugo): “(...) *Também senti que faltou explorar **as crianças** brincando em Nárnia com os animais (falantes e não falantes)...*” e (3-Luciano): “(...) *gosto da humanidade simples das **crianças***”.

Esta percepção é de extrema importância na relação que estamos estabelecendo. Lewis coloca na boca do fauno Tumnus, desde a primeira cena em que Lucy chega à Nárnia, que ele está diante de uma *'filha de Eva'*. E mais adiante Edmund será reconhecido pela Feiticeira como *'filho de Adão'*. Este título dado às crianças remete-nos ao livro do Gênesis, quando relata a criação do primeiro homem e da primeira mulher, origem da humanidade. Mostra-nos também o valor do ser humano porque, através deles, de Peter, Lucy, Edmund e Lucy, Nárnia poderá ser liberta da Magia Profunda. Também Aslan não se negará a oferecer-se em sacrifício para resgatar um *'filho de Adão'*. Assim, o que pode parecer um simples detalhe na boca do fauno é, na verdade, o reconhecimento de uma grande distinção e eleição que é percebida e reconhecida pelos internautas. Mais uma vez é (4-Fernando) que comenta sobre a realeza dos *'filhos de Adão'* e das *'filhas de Eva'*: *"quando eles [as crianças] já são reis e rainhas de Nárnia. (...) prestem atenção"*. As crianças serão um dia reis e rainhas.

Também no Novo Testamento, será S. Paulo apóstolo na epístola aos Romanos, que falará do resgate da humanidade inteira pelo sacrifício redentor de um só justo, o *'Novo Adão'*, Jesus Cristo, que deixará como descendência para aqueles, que viverem unidos a Ele, serem chamados filhos do Pai das misericórdias, filhos do Altíssimo, e não mais *'filhos de Adão'*. Assim como o inverno perene de Nárnia está fadado a desaparecer pela presença de Aslan, também, paralelamente, o eterno inverno espiritual sob o qual jazia a humanidade, desapareceu definitivamente há dois mil anos depois da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Tanto em Nárnia quanto neste mundo não há mais necessidade de sermos reconhecidos somente como filhos de Adão e de Eva, mas como reis e rainhas. Na verdade, é (4-Ana Carolina), que com simplicidade resume como *'atuaram'* Peter, Susan, Edmund e Lucy, dando vida àquelas crianças que os leitores de LFG haviam imaginado: *"na verdade todas as crianças estavam muito bem"*.

#### **4.5.3. Susan: A Guerreira**

Como já comentamos, a mais velha das meninas é um personagem coadjuvante, menos importante, se a compararmos com a irmã Lucy, na trama de LFG. Mas ela também é guerreira e corajosa na hora de enfrentar a Feiticeira. Os internautas pouco falam dela e usam dois adjetivos opostos, chamando-a de chata e de agradável ao mesmo tempo. Parece haver uma certa decepção com a imagem de Susan, e com as escolhas feitas pelo diretor do filme para a atuação da atriz que a representa. Percebe-se que ela não corresponde ao que estava presente no imaginário dos leitores de LFG. É o que nos relatam (12-Dayana): “(...) só a Suzana que ficou mais chata que no livro” e (4-Fernando): “(...) mesmo Suzana não me parece ser como no livro, ao menos em termos de temperamento (...)”.

Um dos aspectos mais significativos que dizem respeito à Susan, mesmo ela não sendo tão expansiva ou líder, é exatamente estar sempre ao lado de Lucy. Se todos fossem líderes, quem seriam os liderados? Quem estuda as “*Crônicas de Nárnia*” e especialmente LFG, e que busca os paralelos e analogias com relação aos símbolos e valores cristãos, vê em Peter, Susan e Lucy um paralelo com Pedro, Tiago e João, os apóstolos mais próximos e amigos de Jesus. São eles que serão chamados a acompanhar o Senhor na hora de sua mais extrema agonia, no Getsêmani, ou serão testemunhas de Sua glória na transfiguração no Monte Tabor. Susan e Lucy também podem ser vistas como as mulheres que seguiram Jesus até a hora de sua morte, sendo também as primeiras testemunhas da ressurreição, muito especialmente a Mãe de Jesus, a Virgem Maria, e Santa Maria Madalena. Para os internautas esta presença de Susan e de Lucy junto a Aslan, acompanhando-o até a Mesa de Pedra para o sacrifício, depois velando e chorando sobre o seu corpo morto, e por fim, se rejubilando com ele ao testemunharem sua ressurreição, é apreciada e foi considerada uma das cenas mais esperadas de serem vistas na tela do cinema. É o que nos fala (2-Márcia): “(...) O que não pode faltar? A cena de Lucia e Susana brincando com o leão...” e (12-Dayana): “(...) a cena dele [Aslan] levando Suzana e Lucia no dorso foi exatamente como imaginei quando li”.

Por fim, o que houve foi decepção com a transcrição fílmica do texto que fala sobre Susan. Sua imagem e atuação geram nos internautas reticências para se referirem a ela, como acontece com (5-Deh) ao dizer: “(...) *Gosto...da Susana*” como se duvidasse do próprio ponto de vista. Mas houve também a franca postura de (11-Lili) que comenta: “*já o Pedro e a Suzana eu os achei fracos*”.

#### **4.5.4. Edmund: O Polêmico**

Este é um dos personagens que mais impacto causa nas pessoas porque, em contraste com Lucy, ele representa o que há de mais frágil e miserável da natureza humana, capaz de pecar contra si mesmo e contra seu semelhante, traindo e mentindo sem muito constrangimento. Edmund é mesquinho, egoísta, imaturo e centralizado em si mesmo. Ele implica com seus irmãos, em especial com Lucy. Seu caráter não é tão firme quanto o dela e, conseqüentemente, suas ações têm pouca consistência.

Os internautas o vêem sob uma perspectiva humana e também sob uma perspectiva sobrenatural. Para uns ele representa a própria humanidade, em sua fragilidade e tendência às ações intempestivas e, tantas vezes, maquiavélicas, desde Adão e Eva, os primeiros pais da humanidade. Ele é o que trai os irmãos por um pouco de *‘manjar turco’*, e por isso é facilmente identificado com Judas, que traiu Jesus Cristo, mesmo tendo sido seu discípulo por três anos. Edmund é relacionado à traição, como Judas Iscariotes, ou Adão e Eva. Comungam opiniões semelhantes os orkuteiros que dizem: (13-André): “(...) *É fácil fazer a ligação entre Aslan, Edmundo e a Feiticeira com nossa vida espiritual...*”, (7-Elaine Castilho); “(...) [o] *Leão (...) foi traído por Judas (Edmundo)...*”, (1-Milane): “(...) *quero ver o Edmundo, a sua cara de traidor*” e (6-Angélica): “*Na minha humilde cabeça, isso me lembra mais o deslize de Adão e Eva (...) Edmundo somos nós, ele caiu no conto da feiticeira e comeu o doce*”.

#### **4.5.5. O Manjar Turco: Deliciosa Enganadora Tentação**

Traduzido do inglês, *turkish delight*, esta sobremesa é muito popular na Turquia e no Oriente Médio, sendo conhecida por lá como '*lokum*' (EDWARDS, 2005:42). É uma deliciosa combinação de ingredientes que inclui nozes, frutas, sacarose, farinha, água e açúcar, muito açúcar, tornando-se uma verdadeira tentação. E esta é a simbologia do manjar turco, no texto e no filme: uma tentação que deflagra a fraqueza de Edmund, levando-o a trair os seus, de seu próprio sangue e família, na busca desenfreada por saciar a vontade por mais manjar. Quanto mais ele tem, mais ele quer, e no momento que saboreia o manjar, o prazer é inigualável, porém, como acontece com a recompensa gerada por se cair em tentação, assim que ela passa, ele se sente com o coração, a alma e o estômago vazios. A princípio Edmund se deixa enganar pela Feiticeira e a busca para obter mais 'manjar turco' até que, ao ser preso, cai em si nas garras de quem tinha caído, e recebe um pedaço de pão velho e seco como recompensa por sua fidelidade à Feiticeira. Mas já era tarde demais, não havia mais saída para ele, e ter cedido à compulsão levou-o à prisão. As surpresas de Aslan ainda estavam para chegar para resgatar Edmund.

Os internautas que falam sobre Edmund, não comentam, uma vez sequer, a respeito do manjar turco. Não deixa de ser um silêncio passível de ser comentado. De maneira simples, cremos que esta 'omissão' ou lacuna por parte dos participantes do fórum, poderia ser atribuída ao fato de estarmos lidando com assuntos muito delicados da consciência e da formação da consciência humana. Os internautas se prendem e se impressionem muito mais com a cena em que, após ter sido salvo pelo exército de Aslan, ele, Aslan e Edmund saem para conversar, do que com a experiência de cair e resistir às tentações. Além disso, como apresentar na tela do cinema as tentações pelas quais passamos, sem banalizá-las? Tarefa árdua. É mais fácil sugerir e tocar no tema da conversão, que outra coisa não é senão o encontro, o 'acerto de contas', a confissão e o arrependimento dos próprios pecados, gerado pela queda nas tentações, sendo banhados pela misericórdia divina. Esta experiência pela qual passa Edmund é descrita por Lewis com sensibilidade e sutileza no texto literário (LEWIS, 2000:126). Da mesma forma, o diretor do

filme, muito delicadamente, apresenta a cena de longe, deixando-a muito mais subentendida pelos frutos que gera, do que pela apresentação explícita de palavras e de um diálogo. Há uma internauta (11-Lili), que comenta, mesmo concordando que Edmund era um chato empedernido, sobre essa mudança de vida pela qual ele passa, e que vai muito além da simples mudança de discurso: “(...) *deu pra entender a mensagem pelas atitudes de arrependimento do Edmundo depois*”.

Também importante foi a opção do diretor do filme de reproduzir *ipsis literis* as palavras de Aslan quando encaminha Edmund para os irmãos, após a conversa particular. Aslan diz: “*Aqui está o seu irmão. Não há necessidade de falar com ele sobre o que é passado*”<sup>12</sup>. Dessa maneira, cada leitor ou expectador, tem a oportunidade de (re)pensar sua própria experiência de conversão e a quantos anda seu ‘acerto de contas’ e a ‘amizade com Deus’ e com as pessoas. Mais: essa conversa tem que ser pessoal e particular, deve gerar compromisso mútuo de vida para dar frutos de mudança. É o que (10-Hugo) comenta acertadamente: “*Lá Edmundo diante de Aslan muda de vida mesmo, mudança profunda*”.

Os internautas depositaram grande expectativa em relação a esta cena, da conversa particular entre Aslan e Edmund, esquecendo-se que por se tratar do ‘mistério’, do encontro profundo do filho perdido, príndigo, cansado de se enganar e de buscar ‘manjares turcos’, com seu Pai misericordioso, torna-se praticamente impossível descrever em palavras o efeito do amor nos corações do Pai e do filho, ao se abraçarem. Há os internautas que se decepcionaram, parece-nos, tanto por não entenderem a dinâmica da confissão e do perdão dos pecados, quanto por não captarem as intenções do diretor do filme ao optar pela contemplação da cena, mais do que pela vivência da mesma. Vejamos as postagens mais significativas: (14-Fernando) “*aquele diálogo entre Edmundo e Aslan ficou fraco demais (...). Edmundo é maldoso sempre e etc...*” e (10-Hugo): “*(...) faltou Aslan falando com Edmundo, pois o diálogo no livro é extremamente importante*”.

---

<sup>12</sup> Tradução livre do original inglês: “Here is your brother”, he said, “and – there is no need to talk to him about what is past”.

Outras pessoas não sabem bem o que pensar, revelando, o nível de ansiedade com que se aproximaram de certas cenas do filme, temendo não corresponderem àquilo criado pela imaginação quando da leitura do livro. É o que nos fala (17-TEKA): *“(...)Eram duas cenas q estava esperando com ansiedade no filme, a ressurreição e a conversa de Aslan com Edmundo, fikei frustrada, mas ateh q gostei’.*

Há por fim, aqueles internautas que dão mais ênfase ao que aconteceu de positivo, explicando inclusive o título de nobreza que Edmund recebe na hora da coroação: (1-Anônimo) *“(...) todos se perguntam: pq Edmundo foi chamado de o justo no final. É a pergunta onde o cristão deve entrar e falar: ele foi justificado’.* Há, por outro lado, aqueles que anseiam por ver o arrependimento de Edmund, passo a passo, de traidor a discípulo fiel. Vejamos o que nos diz (1-Milane): *“(...) quero ver o Edmundo, a sua cara de traidor e depois de sua pessoa arrependida”.* Por último, há uma postagem bastante interessante que tira de sobre Edmund Pevensie toda a perversidade da traição aos irmãos e conseqüente sacrifício de Aslan, como se ele tivesse sido o único a traí-lo, dividindo a responsabilidade com todos os seres humanos, passíveis que somos de negar Aslan ou Jesus: *“O professor [Kirk] é Adão (...). Acho q Edmundo é uma representação da humanidade, assim como os outros irmãos e o professor”.* A recompensa que Edmund recebe pela traição é o perdão e a salvação, e esta atitude de Aslan comove um internauta que diz: *“(...) É lindo pensar que Aslan deu a vida por Edmundo (...)”* (13-André). Porém, se este menino arrependido representa a Humanidade, a mensagem da internauta que nos lembra que *“Não merecíamos nada, como o Edmundo...”.* (12-Dayana), é dirigida a cada um de nós. Tanto na ficção quanto na vida real já recebemos tudo, basta aceitar e viver.

#### **4.5.6. Lucy: A Especial**

Os internautas dos fóruns chamam a caçula Pevensie de gracinha, destemida, amiga e encantadora. A maioria dos relatos unem a figura do personagem com aquela vista no cinema que, ao menos para este grupo,

não decepcionou. É o que (9-Saulo Rodrigo) afirma: “(...) a *Lúcia me encantou...*”, como também (11-Lili) “(...) *Lucy...é sem comentários ela arrasou do início ao fim*” e (3-Fernando): “(...) *a escolha das crianças me pareceu perfeita; Lúcia - Lucy - é da forma que eu imaginava!*”, e por fim, (4-Ana Carolina): “(...) *Amei a interpretação de Lúcia a menina era muito boa*”.

Em oposição a Edmund, Lucy parece-nos mostrar que, mesmo sendo a mais nova, a mais inocente, é aquela que assume postura de liberdade e de integridade ao longo de toda a estória. Ela permanece verdadeira e firme quando acusada pelos irmãos de mentirosa, e demonstra preocupação sincera e fraterna com os outros quando se sente responsável pela prisão do Sr.Tumnus, por exemplo. Ela não guarda rancor de Edmund quando o encontra em Nárnia, e está sempre disposta a partilhar suas experiências e descobertas sobre o reino, enquanto Edmund se esquiva, diz meias verdades e dissimula. Eles são irmãos, mas diametralmente opostos. São também os que mais atraem leitores e cinéfilos porque são protagonistas. Somente após encontrar-se com Aslan e ser resgatado da prisão da Feiticeira, é que Edmund será reintegrado entre os irmãos, e terá comunhão de valores e atitudes com eles. A internauta (1-Milane) atesta seu desejo de vê-los na tela do cinema, por serem exatamente isso, os irmãos Pevensie que, unidos a Aslan, conduzem a estória de LFG: “(...) *desejo muito ver a Lucia, menina destemida e amiga (...) foi o Edmundo e Lúcia que mais me chamaram atenção*”.

#### **4.5.7. Lucy: A Discípula Amada**

Se os três irmãos, Peter, Susan e Lucy são, a princípio, comparados aos três apóstolos mais próximos de Jesus (Pedro, Tiago e João) poderíamos considerar Lucy como a representação do evangelista S.João, aquele que, coincidentemente, era o mais jovem entre os apóstolos e o mais íntimo dele, chegando a se autodenominar, *o discípulo amado*, aquele que reclinara a cabeça no peito de Jesus, na última ceia, aquela da instituição da Eucaristia. Lucy é a mais unida a Aslan, aquela que em todos os sete livros das “*Crônicas de Nárnia*” primeiramente perceberá a chegada dele ou a

necessidade de sua presença. Também é com Lucy que Aslan mais longamente conversa e a amizade entre ambos é explícita. Lucy ama Aslan e jamais quer se ver longe de sua presença.

No enredo de LFG, há uma descrição que o Sr. Castor faz sobre Aslan, que revela sua identidade e caráter: ele diz que *‘Aslan é um leão não domesticado’*. Que sentido Lewis quis dar a essas palavras? Segundo Edwards (2005:90) significa que Aslan não pode ser enganado, que há uma liberdade que concede a ele autoridade, e uma autoridade que lhe confere liberdade. Aslan não pode negar-se e muito menos afrontar o Pai (o Imperador Acima do Mar) que, em seu amor, quer quebrar a maldição da Mágica Profunda que reina sobre Nárnia, através da oferta de seu Filho. Sem Aslan, Nárnia morreria. Porém, para que Nárnia sobreviva, Aslan deve contar com a participação dos filhos de Adão e as filhas de Eva, ou seja, com Peter, Susan, Edmund e Lucy, do jeito que cada um é, neste processo de enfrentamento da Feiticeira, mesmo que o principal sacrifício seja o de Aslan. A participação, a companhia das crianças é fundamental para que a estória se desenrole até que os dois filhos de Adão e as duas filhas de Eva sentem nos tronos e reinem sobre Nárnia. Há até um internauta (2-Paulo), que no desconhecimento ou no esquecimento de que as crianças são chamadas assim, tenta encontrar um paralelo simbólico para a coroação dos quatro reis. Ele pergunta aos demais participantes do fórum: *“Qual seria a simbologia dos quatro reis. Alguém se habilita a um chute?”*. Mas não obtém sequer uma resposta.

No aspecto da fidelidade, a presença de Lucy é notável porque ela está presente em todos os momentos cruciais da narrativa, sempre girando em torno de Aslan e daquilo que ele quer ou necessita, tanto nos momentos de grande angústia como nos de alegria. Alguns internautas notam e comentam: (7-Elaine Castilho) *“(...) o leão quando vai para o sacrifício está visivelmente **triste** (...) logo Lucia e Suzana o acompanham”* e (2-Márcia): *“(...) O que não pode faltar? A cena de Lucia e Susana **brincando** com o leão...”*. Vemos assim, o aspecto da fidelidade de Lucy sendo provada no momento da tristeza, na hora do sacrifício, e na alegria da brincadeira quando Aslan surge ressuscitado. Susan está junto mas, com o tempo, ela sairá de cena, tornando-

se adulta, renegando as aventuras de sua infância junto dos irmãos e de Aslan, não participando até o fim de todas as *“Crônicas de Nárnia”*, como se elas tivessem sido pura ilusão.

Lucy, ao contrário, e aí está seu ponto forte, saberá como menina deste mundo e como rainha de Nárnia, distinguir os eventos de lá dos eventos do mundo real, sendo capaz, contudo, de fixar-se no essencial que é encontrar-se com o Leão em ambos universos. Em Nárnia ele se chama Aslan e no nosso mundo, ele mesmo relata, *“eu tenho um outro nome”* e se em Nárnia vocês me *“conheceram um pouco”*, foi para que aqui *“vocês me conheçam melhor”*.

Lewis deixa assim, para os leitores de LFG e das demais *“Crônicas”* de todas as idades, um itinerário claro: seguirem os passos de Lucy ou os de Susan, tirando ‘a prova dos nove’ sobre a verdade encontrada por de trás das portas do guarda-roupa. Seja quando se entra, seja quando se volta de Nárnia: nunca perdermos o desejo de reencontrar e de buscar Aslan, sendo pegos em flagrante neste caminho. Isto é expresso por (4-Fernando) a respeito de Lucy: *“Quando Lúcia é pega ‘no ato’ por professor Kirk quando tenta voltar para Nárnia pelo armário...”*.

#### **4.6. O que foi dito sobre o Guarda-Roupa e o Reino de Nárnia: QUADRO 5**

Se até agora fizemos questão de trazer as realidades do mundo de Nárnia para o ‘nosso’ mundo, buscando quais símbolos e paralelos foram sugeridos por Lewis quando fala das crianças e dos demais personagens quando eles estão ‘lá’ em Nárnia e quando eles estão ‘cá’, nosso enfoque agora se inverte. A análise do quadro que se segue, falará sobre o aspecto mais fantástico (do gênero fantástico) da obra LFG, e que cremos seja o que mais contundentemente fala ao imaginário dos leitores, que é o guarda-roupa que leva à Nárnia, ou seja, as portas que se abrem para o Reino do Leão Aslan.

Como encontrar este guarda-roupa? Onde ele está? Como alcançar Nárnia? Por que tantas vezes o fundo do guarda-roupa não leva à Nárnia? Como abrir estas portas? São muitas as perguntas, e todas elas provocam em nós a excitação causada pela leitura dos contos de fadas. Bettelheim (1989:45) explica que todas as crianças têm necessidade de magia e de contos de fadas porque os contos *“respondem à perguntas existenciais: como o mundo é de verdade? Como devo viver minha vida nele? Como posso ser eu mesmo?”* Diante dos comentários feitos pelos internautas, podemos facilmente inferir que não somente as crianças, mas também os adultos buscam nos contos de fadas, muitas respostas para as perguntas mais importantes da vida, e que mesmo sendo jovens ou adultos, os participantes dos fóruns guardam as lembranças de leitura feitas quando crianças como uma experiência prazerosa e, de certa forma, inesquecível. Quem nos confirma esta ‘intuição’ é Pailliotet & Shaul (2001) ao afirmarem: *“ambos adultos e crianças geralmente apreciam contos de fadas e famílias que lêem estas estórias juntos tendem a aumentar o apreço pela própria herança cultural e herança literária”*.

Esperamos que a entrada em Nárnia através do guarda-roupa, seja um caminho seguro de encontro com as perguntas e as respostas certas, seja em qual mundo estivermos.

<b>QUADRO 5</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE O GUARDA-ROUPA E O REINO DE NÁRNIA</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Fernando	a) '(...) [o filme] parece mesmo o mundo de Nárnia, os animais são bem realistas.(...) quando eles [as crianças] já são reis e rainhas de Nárnia.(...) Lúcia é pega 'no ato' (...) quando tenta voltar para Nárnia pelo armário...'
2 - Dino	a) 'Aslam...o Grande Leão de Nárnia'
3 - Angélica	a) 'O guarda-roupa (...) não leva a Nárnia todas as vezes que eles [crianças] querem'
4 - Ikarus	a) '(...) a presença de Aslam começa a fazer o inverno de Nárnia acabar aos poucos...'
5 - Priscilla	a) '(...) imagina só a Disney fazer um filme onde Aslam cria Nárnia...'

6 - Hugo	a) '(...) que Aslam era o grande regente de Nárnia.(...) Faltou explorar as crianças brincando em Nárnia com os animais.'
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - André	a) '(...) nunca cheguei a ter a idéia de abrir o guarda-roupa para ver se chego a Nárnia. Vou tentar hoje antes de dormir...'
2 - dECO 9	a) '(...) com uns 10 anos (...) eu imaginei e enxerguei akele fundo, que era a passagem pra Nárnia...' (...) trouxe a nostalgia de lembra[r] akela imagem do fundo do guarda-roupa passando pra Nárnia (...)'
3 - Milane	a) '(...) Se eu tivesse lido LFG na minha infância, com certeza eu teria tentado entrar em Nárnia através do meu guarda-roupa...rsrsrs.'
4 - Fernando	a) '(...) O armário nem tinha luz, de acordo com o livro, e nada de coisas sugando para dentro e tal...'
5 - Lívia	a) '(...) ver o trailler do filme depois de ter criado meu próprio mundo de Nárnia foi estranho (...)' b) '(...) parte da riqueza da obra está na nossa imaginação que nos permite criar o nosso mundo de Nárnia com todos os personagens.' c) '(...) eu não olhei no fundo do guarda-roupa pq eu estou grandinha já, mas que me deu vontade de ir prá Nárnia...ah deu e muuuita!!! hehehe.'
6 - Nilson	a) 'Lembro-me de viver entrando no guarda-roupa de meus pais para ver se eu entrava em Nárnia. Alguém já fez isso?'

#### 4.6.1. O Reino de Nárnia

Segundo Hinten (2005:10), que obteve esta informação através de anotações feitas por Walter Hooper, que foi secretário de C.S.Lewis, o Reino de Nárnia recebeu este nome por causa de uma '*ancestral cidade italiana*'. As "*Crônicas de Nárnia*" falam de um reino encantado de conto de fadas que deve ser descoberto não em ordem cronológica, começando do livro um que conta as origens de Nárnia, como se houvesse um mapa como guia, mas, através do guarda-roupa, ou seja, **inesperadamente**. Nárnia deve ser apresentado ao leitor a partir da leitura de LFG, que tornou-se o livro dois, quando as sete crônicas ficaram prontas, e assim pensava o próprio Lewis. Antes de se conhecer e para se conhecer Nárnia, a primeira pessoa a ser encontrada, necessariamente, é Aslan, da maneira como ele se apresenta em LFG, ou seja, sem ser esperado e sem preparação prévia. Podemos considerar este conto como chave de leitura para todas as demais crônicas porque nele, podemos conhecer quem é o Leão e o que ele faz, e passamos a amar o Reino que ele liberta da maldição do inverno eterno.

Não podemos deixar de considerar a opinião de Lewis sobre Nárnia e de como ele sugeria que nós a conhecêssemos. Para ele, segundo Edwards (2005:12),

*“Nárnia não é uma alegoria que indica um paralelo de um para um com os personagens e fatos do Evangelho, mas é uma ‘suposição’ segundo palavras do próprio autor. ‘E se o Filho de Deus tivesse se encarnado em um mundo como o de Nárnia – o que aconteceria? Como os fatos se desenrolariam e como nós o receberíamos dessa vez?’”.*

Partindo dessa perspectiva, podemos considerar que mesmo não tendo a intenção prévia de fazer uma apologia cristã através de LFG, Lewis considera Nárnia como um reino intrinsecamente espiritual onde estão presentes suas convicções cristãs e um perspicaz entendimento da realidade *‘decaída’* da Humanidade, apresentados através de um conto de fadas que desperta o coração dos leitores *“e direciona nossas almas, mentes e forças na direção do céu”* (EDWARDS 2005:12). Conhecemos este reino na medida em que nele penetramos e para ele olhamos<sup>13</sup>. Não basta coletar informações, é necessário participar da aventura! Segundo o ponto de vista de Lewis, que desde a infância envolveu-se e apreciou os contos de fadas, a leitura deste gênero deveria dar-se de maneira *‘ativa’* e expectante a fim de que o leitor transcendesse a si mesmo, abrindo-se a partir do encontro com *‘novos mundos’* e outras inesperadas perspectivas de viagem, na aventura sugerida pelo autor.

#### **4.6.2. O Guarda-Roupa**

Um guarda-roupa: simples peça de mobília que nas mãos e na imaginação de C.S.Lewis passa a dar acesso ao mundo mágico e maravilhoso do Reino de Nárnia. A escolha de um guarda-roupa cujo fundo falso, eventualmente, faz chegar à outra realidade pareceu-nos tão acertada e

---

<sup>13</sup> Tradução livre do original em inglês “look *along* Nárnia, as well as look *at* it”. (Edwards, 2005:XVII)

tão acessível aos leitores de todas as culturas, que não há criança que ao ser apresentada a LFG que não tenha, mesmo que disfarçadamente, chegado o fundo de um guarda-roupa na esperança de ver um poste iluminado ou um fauno carregando uma sombrinha, do outro lado. A prova são os internautas que confessam que teriam feito isso se tivessem tido a oportunidade, como é o caso de (3-Milane): “(...) *Se eu tivesse lido LFG na minha infância, com certeza eu teria tentado entrar em Nárnia através do meu guarda-roupa... rrsrs.*”. Por causa dos risos postados no final do comentário, fica-nos a dúvida se após ter escrito e participado do fórum, em algum momento, nem que fosse por brincadeira e curiosidade, a criança que há em Milane não a moveu a checar o fundo do próprio guarda-roupa...

Para aqueles que estudam a obra e a vida de C.S.Lewis, é muito evidente que um despretenso guarda-roupa foi o

*“seu jeito de sugerir que o transcendente e o eterno estão bem próximos, ‘bem na esquina’, e que há **portas de acesso** ao nosso redor que podem se tornar **o caminho** na direção do sublime e do sobrenatural bastando que tenhamos olhos para ver”* (Edwards, 2005:27).

Creemos que esta simplicidade na percepção do acesso ao mundo da Verdade sobrenatural, deu-se muito em função da própria experiência de ‘capitulação’ perante Deus e Jesus Cristo que Lewis teve e que, discretamente, relata em sua autobiografia. Conta-nos ele que, ao sair para fazer uma caminhada em um jardim, acompanhado do amigo Tolkien, na ida ele cria em Deus, porém, na volta, era outro homem, pois, havia feito uma experiência de fé e tinha a mais absoluta certeza de que Jesus Cristo era o Filho de Deus. Desde este dia Lewis reassume convicta e livremente a fé no cristianismo, até aquela data totalmente negada e esquecida. Dessa forma, o encontro com o Leão Aslan e a entrada em Nárnia, como experiência existencial, deu-se inesperadamente, tendo um amigo como porta e instrumento de acesso. Às vezes, parece-nos, que até o guarda-roupa, na hora de se apresentar, nos surpreende.

Por fim, é importante ressaltar, que Lewis, nunca, em toda a sua vida pessoal ou acadêmica, mesmo depois da descoberta e da vivência da fé, foi ou apresentou-se como um sisudo solteirão inglês, clássico protótipo de professor de Oxford. Ao contrário, sempre buscou “*a Alegria*” e ao encontrá-la por ter se deparado com a fonte da mais genuína alegria, que é a vivência do Cristianismo, torna-se ainda mais livre para escrever. Torna-se um criativo escritor que “*parecia ter um instintivo prazer em misturar e juntar elementos religiosos e míticos*” (Hinten, 2005:15) em suas histórias, como aconteceu quando inclui “Papai Noel” em LFG. Esta sua atitude pouco ‘purista’ chegava a deixar seu grande amigo, também escritor Tolkien, irritado, pois considerava que esta mistura de elementos poderia levar à confusão, mas os relatos de seus fãs e leitores, década após década, desmentem o prognóstico. Vejamos o que pensam os internautas quando falam sobre Nárnia e o guarda-roupa.

#### **4.6.3. As vozes**

Ao observarmos os depoimentos dos internautas, percebemos que há duas vozes mais fortes nas ‘falas’ dos participantes. Estas duas vozes se iluminam e alimentam reciprocamente, dando corpo à experiência interpretativa de construção de sentido. Fica evidente que para falar de Nárnia e do acesso ao Reino através do guarda-roupa há um despertar radical do imaginário, causado pela literatura. Langer (1995:5) categoricamente afirma que:

*“toda literatura – as histórias que lemos  
como também a que contamos – nos provê  
uma maneira de imaginar o potencial  
humano. E no seu melhor sentido, a  
literatura é tanto intelectualmente  
provocativa quanto humanizante,  
permitindo-nos ter vários ângulos de visão  
para examinar pensamentos, crenças e  
ações”.*

Não somente concordamos com esta visão dada sobre a literatura, mas percebemos que as duas categorias de vozes, que chamamos de *voz adulta* e *voz da infância*, representam relatos dos internautas sobre a experiência literária feita no contato com LFG, em fases diferentes da vida.

#### 4.6.4. A voz da Infância

Vejam os que falam a *voz da infância* dos internautas: (1-André): “(...) *nunca cheguei a ter a idéia de abrir o guarda-roupa para ver se chego a Nárnia. Vou tentar hoje antes de dormir...*”. Apesar de ser o adulto que faz memória de nunca ter chegado o fundo do guarda-roupa, nos parece ser a criança aguçada pela imaginação e curiosidade na troca de idéias propiciada pelo fórum, que arrisca agora alcançar Nárnia. André não se desculpa ou justifica, nem faz ironia como adulto, sobre sua decisão, deixa, ao contrário, reticências para quem quiser interpretar o que acontecerá após sua tentativa. Já (4-Fernando) apesar de usar a voz de adulto, comparando o que viu na tela do cinema com o que leu na infância, parece se trair ao fazer memória como criança, pois, ao dizer: “(...) *O armário nem tinha luz, de acordo com o livro, e nada de coisas sugando para dentro e tal...*”, deixa explícito o que **ficou guardado na sua imaginação criança**, já que o que ele descreve, não consta nem no livro nem no filme. Uma outra evidência de que a voz que fala em (4-Fernando) é a voz da criança é ele afirmar que “(...) [o filme] *parece mesmo o mundo de Nárnia, os animais são bem realistas (...)*”. A pergunta natural que se segue só pode ser esta: como ele sabe que o filme e os animais representados na tela correspondem ao Reino de Nárnia? Ele já esteve por lá, para afirmar assim tão categoricamente?

Acreditamos que esta internauta seja a que mais livremente deixa a voz da criança que há nela se expressar, ilustrando com precisão o fenômeno gerado pela literatura infantil e muito especialmente pelos contos de fadas. Ela se expressa em três momentos do fórum: (5-Lívia): “a) (...) *ver o trailer do filme depois de **ter criado meu próprio mundo de Nárnia** foi estranho (...)*. b) ‘(...) *parte da riqueza da obra está na **nossa imaginação** que nos permite criar o nosso mundo de Nárnia com todos os personagens.*’. c) ‘(...)

*eu não olhei no fundo do guarda-roupa pq eu estou grandinha já, mas que me deu vontade de ir prá Nárnia...ah deu e muuuita!!! Hehehe*". A adulta recorda da criação que sua imaginação fez de como seria Nárnia e de quantas vezes quis ir para lá. O tom de exclamação e de riso que usa na postagem final, evidencia de que está relatando uma muito boa e prazerosa experiência. Também a lembrança da imaginação criativa, gerada pelo texto lido e / ou ouvido, não é superado pelas imagens do filme. Esta internauta cria Nárnia e para lá quer ir, pois se sente convidada e atraída, não impelida ou obrigada. Esta é mais uma prova evidente de que Lewis ao escrever LFG não o fez para *'passar uma mensagem moralizante'*, mas como expressão de arte, como expressão do que havia em seu interior, sem sequer supor se seria lido. Escreve mais por uma necessidade interior do que por uma exigência externa e por isso é tão aceito entre as crianças. É o que nos confirma Serra (2001:24) quando diz:

*"somente quando o texto que se lê se apresenta como ato desinteressado e supremo, quando o escritor se expressa não para lhe dizer algo, senão porque não pode deixar de fazê-lo, pode ocorrer no mais interno desse ser íntimo, inviolável, que a criança também é, um milagre de confiança, a revelação, que também lhe é própria, única e particular, de sua moralidade"*.

Das postagens observadas onde se percebe a voz da criança falando no adulto, esta nos parece aquela mais desejosa de saber como foi a descoberta do guarda-roupa e da entrada em Nárnia para o outro internauta, que com ele participa do fórum. Para (6-Nilson) este desejo de entrar em Nárnia lhe parece não somente normal, pois por repetidas vezes tentou fazê-lo, mas também um desejo comum aos leitores de LFG: *"Lembro-me de viver entrando no guarda-roupa de meus pais para ver se eu entrava em Nárnia. Alguém já fez isso?"*.

#### **4.6.5. A Voz do Adulto**

Houve quatro postagens que consideramos como voz de criança, e outras quatro, para fazer o equilíbrio, como voz adulta. “*O guarda-roupa (...) não leva a Nárnia todas as vezes que eles [as crianças] querem*”. Nesta classificação consideramos que, mesmo estando presente a voz da criança, no discurso observado a voz mais forte era a voz adulta. É o caso de (3-Angélica) que não se vê como criança, ou seja, refere-se às crianças como **eles**, numa visível postura (3-Angélica) de distanciamento: “*O guarda-roupa (...) não leva a Nárnia todas as vezes que eles [crianças] querem*”.

#### 4.7. O que foi dito sobre a Feiticeira: QUADRO 6

Ao observarmos as postagens dos internautas a respeito da Feiticeira, tivemos uma inegável surpresa porque pensávamos que ela seria objeto de muitos comentários e interpretações, mas não. Chequemos abaixo:

<b>QUADRO 6</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE A FEITICEIRA</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Ikarus	a) '(...) a feiticeira tb me traz expectativas.'
2 - André	a) '(...) É fácil fazer a ligação entre (...) a Feiticeira com nossa vida espiritual...'
3 - Angélica	a) '(...) A feiticeira (...) eu acho óbvio, q [é] Satanás...' b) 'E Aslan morre por alguém q não poderia se salvar, pq seu sangue já pertencia a Feiticeira de acordo com a Magia Profunda'.
4 - Elaine Castilho	a) '(...) acredito que não passam de alegorias (...) desde a chegada do Leão, onde antes disto só existia inverno e quem governava era a feiticeira (Satanás)...'
5 - Lili	a) '(...) a atriz que interpretou a Feiticeira estava simplesmente fantástica...'
6 - Nathalie	a) '(...) a pupila saltada da feiticeira me deu medo...hehehe e as falas acrescentadas ficaram boas...' b) '(...) Fantástico aquela parte em que a feiticeira (demônio) está afrontando Aslan (Jesus) e este só dá um rosnado...tipo 'cala a boca'!!!'.
7 - Flávia	a) '(...) A FEITICEIRA NÃO ENTENDE QUE O SACRIFÍCIO DE UM INOCENTE, LIBERTA UM CONDENADO, E TRÁS O INOCENTE DE VOLTA À VIDA'.
8 - Saulo Rodrigo	a) '(...) a feiticeira debocha dele [de Aslan], dizendo que ele fez tudo aquilo 'por amor'...Essa parte achei mt boa!'.

## SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)

\* Não houve nenhum comentário a respeito da Feiticeira na SE 2

Na situação experimental 2, por exemplo, ela não foi citada sequer uma vez, representando somente 6% do total de postagens dos internautas. Chama-nos, portanto, atenção, o fato da Feiticeira ter pouco destaque nos fóruns analisados. Outra surpresa, é que há aceitação da figura da Feiticeira apresentada no filme. Sua fala, olhar, impressionam positivamente, sem haver decepção na comparação entre o visto na tela do cinema e o imaginado pela leitura, por parte dos internautas, como pode ser observado nas postagens. Podemos crer que a beleza da Feiticeira de Nárnia, a Rainha Jadis, sua altivez alva e gelada, quebre o paradigma das feiticeiras feias e encurvadas, vestidas de preto com uma verruga no nariz, à la Branca de Neve, que povoam nossa imaginação.

Havia curiosidade de como a Feiticeira seria representada na tela, como comenta (1-Ikarus): “(...) a feiticeira tb me traz expectativas”, e as demais postagens vão ratificar a aceitação da interpretação e direção dadas à personagem, como comenta (5-Lili): “(...) a atriz que interpretou a Feiticeira estava simplesmente fantástica...” e (6-Nathalie): “(...) a pupila saltada da feiticeira me deu medo...hehehe e as falas acrescentadas ficaram boas...”. Os demais comentários sobre a Feiticeira giram em torno da identificação da mesma com o próprio demônio, dando-lhe um cunho de luta espiritual, na perspectiva da simbologia cristã que identifica Aslan com Jesus Cristo. (2-André) ilustra bem esta percepção: “(...) É fácil fazer a ligação entre (...) a Feiticeira com nossa vida espiritual...”. Ela é quem enfrenta Aslan e exige que o sangue de Edmund lhe seja dado por causa de sua atitude de traição, como nos lembra (3-Angélica) ao dizer: “(...) A feiticeira (...) eu acho óbvio, q [é] Satanás... E Aslan morre por alguém q não poderia se salvar, pq seu sangue já pertencia a Feiticeira de acordo com a Magia Profunda”. (6-Nathalie) confirmara esta interpretação de que a Feiticeira simboliza o demônio, acrescentando, porém, a autoridade de Aslan sobre ela: “(...) Fantástico aquela parte em que a feiticeira (demônio) está afrontando Aslan (Jesus) e este só dá um rosnado...tipo 'cala a boca'!!!”.

#### 4.7.1 A Magia Profunda

A Magia Profunda regia Nárnia desde sua fundação e era como uma lei irreversível, talhada na Mesa de Pedra, que rezava que *‘todo traidor tornava-se presa da Feiticeira, podendo ela matá-lo se quisesse’*. A Mesa de Pedra representa aqui tanto as Tábuas da Lei dadas por Deus a Moisés, no Monte Tabor, conforme relato do Antigo Testamento, quanto o lugar supremo da execução, onde Edmund deveria sofrer a pena por sua traição. Mas também representa a Cruz onde Cristo dá a sua vida em favor da Humanidade, e onde Aslan morrerá em lugar de Edmund, salvando-o da morte. Ao falarmos sobre a Magia Profunda e sobre como ela foi desfeita, estamos falando do ápice da simbologia cristã trazida para o conto de fadas por Lewis. O capítulo XIV de LFG é o mais bíblicamente alusivo, denominando-se *“A Paixão de Aslan”*, e nele, o Leão oferece-se no lugar de Edmund, para que a Feiticeira não pudesse mais reinar para sempre sobre Nárnia. O internauta, seguramente um cristão, que reconhece na oferta gratuita de Aslan a imagem do que Jesus Cristo fez por cada ser humano, de Adão e Eva até o último descendente, comenta isso com tanto entusiasmo, que usa caixa alta na postagem que deixa no fórum. Estamos falando de (7-Flávia) que diz: *“(…) A FEITICEIRA NÃO ENTENDE QUE O SACRIFÍCIO DE UM INOCENTE, LIBERTA UM CONDENADO, E TRÁS O INOCENTE DE VOLTA À VIDA”*.

Um dos trechos em LFG mais carregados de emoção, é aquele da Feiticeira Branca diante de Aslan, amarrado, tosquiado, machucado e humilhado, onde ela o provoca dizendo:

*“Quem venceu, afinal? Louco! Pensava com isso poder redimir a traição da criatura humana?! Vou matá-lo, no lugar do humano, como combinamos, para sossegar a Magia Profunda. Mas, quando estiver morto, poderei matá-lo também. Quem me impedirá? Quem poderá arrancá-lo de minhas mãos? Compreenda que você me entregou Nárnia*

*para sempre, que perdeu a própria vida sem ter salvo a vida da criatura humana. Consciente disso, desespere e morra” (Lewis, 2006:171).*

O que a Feiticeira jamais poderia imaginar é que Aslan ressuscitaria. Os internautas têm conhecimento da dinâmica deste sacrifício, acrescentando, porém, um detalhe, que faz ‘toda a diferença’ e que se refere à força motriz, ao sentido primeiro e verdadeiro de todas as atitudes de Aslan, que é o **amor gratuito e livre** por Edmund, e pelo que ele representa. (8-Saulo Rodrigo) comenta a respeito: “(...) *a feiticeira debocha dele [de Aslan], dizendo que ele fez tudo aquilo 'por amor'... Essa parte achei mt boa!*”

Após vencer a morte e ressuscitar, devolvendo a vida a Edmund, Aslan dará condições à Nárnia de, definitivamente, voltar a viver livre, sem o jugo da maldição do falso reinado da Feiticeira Branca. Os dois Filhos de Adão e as duas Filhas de Eva poderão ser coroados como Reis e Rainhas de Nárnia, e Aslan, o Rei dos Bosques, filho do Imperador de Além-Mar e a primavera estarão presentes para sempre. É o Sr. Castor quem recita para as crianças os versos da antiga canção de Nárnia que falava da quebra da maldição e da chegada da libertação:

“Quando a carne de Adão,  
Quando o osso de Adão,  
Em Cair Parável,  
No trono sentar,  
Então há de chegar  
Ao fim a aflição”.<sup>14</sup>

#### **4.7.2. A Mulher**

Lewis deu o nome de Rainha Jadis à Feiticeira Branca. Como já dissemos, Lewis apreciava buscar nomes, mitos e inspiração em várias fontes e culturas, incluindo palavras usadas nos tempos medievais ou

---

<sup>14</sup> Tradução do original em inglês: “When Adam’s flesh and Adam’s bone / Sits at Cair Parável in throne, / The evil time will be over and done”.

textos literários, em históricos da época, para usá-los nas “*Crônicas de Nárnia*”. O escritor Hinten (2005:29,31) que pesquisou por anos a fio onde se poderia encontrar as alusões<sup>15</sup> feitas por C.S.Lewis em seus textos, chega a afirmar: “*Lewis nunca se prendeu a uma única fonte quando podia contar com outras*”. E mais: “*para se ler os livros como Lewis desejaria que fossem lidos, precisaríamos reconhecer as alusões. Se não reconhecemos, perdemos um dos principais traços de sua personalidade, especialmente seu fino senso de humor!*”. Um bom exemplo disso é o nome Jadis, da Rainha, a Feiticeira Branca, cuja origem é francesa e que, no período medieval, significava ‘*de antigamente*’, o que cabia muito bem a um ser (ela não era uma Filha de Eva) com mais de mil anos. Um outro exemplo, é o fato da Rainha lançar sobre Nárnia ‘*a maldição do inverno eterno*’, que remete ao mito escandinavo, conhecido como ‘*fimbulvetr*’, que era o maior castigo que este povo poderia passar, eles que vivem tão perto do Ártico, que era viver numa terra gelada sem primavera.

A Feiticeira teme a presença das crianças e quer destruí-las, porque sabe que se os dois meninos e as duas meninas se sentassem nos tronos o seu reinado findaria. Mais que isso: a sua vida findaria. Qual vida? A sua vida não-humana. A Rainha Jadis não é humana, não é Filha de Eva, mas é descendente de *Lilith*, a primeira esposa de Adão, que é uma lenda. Nela não corre uma gota de sangue humano, pois ela é da linhagem dos “*Jinn*” e dos “*gigantes*” (EDWARDS, 2005:53).

Creemos que esta observação de que a Feiticeira não é uma *mulher* seja importante de ser ressaltada – mesmo que não seja comentada pelos internautas, ou seja, não é do conhecimento do leitor comum – porque tira de sobre a mulher o peso da crueldade e da aproximação com o Mal, como se ela fosse, desde sempre, dele, instrumento. Muito ao contrário, se nos voltarmos para o livro do Apocalipse, aprendemos com Vanni (1988:12) que a

---

<sup>15</sup> Usamos aqui o termo alusão no sentido de referência, direta ou indireta, a alguma outra coisa, podendo ser um evento, uma pessoa, um ditado popular ou a um trecho de obra literária. Não cabe confundir alusões com paralelos simbólicos e / ou míticos que são muito mais exatos, e que são freqüentemente usados nos textos lewisianos. Lewis negava veementemente em carta escrita em 24 de dezembro de 1959, que as “*Crônicas de Nárnia*” fossem alegorias, em especial LFG (Hinten, 2005:106)

**mulher (gunh) que está ligada em todas as literaturas ao amor**, também no último livro da Bíblia, se move explicitamente nesta direção. O termo aparece 19 vezes no Apocalipse e, quando é usado negativamente, ao chamar e descrever a mulher como a *grande prostituta*, é porque o autor sagrado “*retoma os valores sagrados mais significativos da mulher, os inverte, para exprimir adequadamente a negatividade da Babilônia*” (VANNI, 1988:12).

Os valores que dizem respeito à mulher – e que sempre foi a fé ensinada pela Igreja – presentes especialmente no capítulo 12, versículos de 1 a 17 do livro do Apocalipse, falam da

*“capacidade de fazer-se amar, de sofrer, de doar-se, de ser mãe [e que] suscitaram no autor (...) o quadro ideal do povo de Deus que, acolhendo o amor de Deus e respondendo-lhe, enfrentando as dificuldades do caminho no deserto, se esforça em exprimir, na situação histórica de conflito em que se encontra, a sua parte do Cristo escatológico”.*

A mulher bíblica é aquela que não carrega mais a maldição sobre si nem sobre seus descendentes, principalmente depois do **Fiat** da Virgem Maria, que inverte e anula o *não* de Eva. Maria se torna a Mãe do Filho de Deus, e passa a ser o modelo perfeito da Igreja, composta de todos os batizados. A mulher, como imagem da Igreja, é aquela que passa a ser a “*esposa do Cordeiro*” e que aguarda e prepara sua volta definitiva.

Pelo exposto, podemos melhor compreender a sutileza e a importância de sabermos que a Feiticeira Branca é um ser mitológico, fruto da imaginação de Lewis, e não uma pessoa humana, de carne, osso e sangue, muito menos uma mulher.

#### **4.8. O que foi dito sobre o Sr. Tumnus (o fauno) e os animais antropomorfizados: QUADRO 7**

<b>QUADRO 7</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE SR. TUMNUS (FAUNO) E OS ANIMAIS ANTROPOMORFIZADOS</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Milane	a) 'Acho que eu quero ver (...) o fauno e os castores, ahhhhhh quero ver todos..'
2 - Fernando	a) '(...) as sereias na coroação aparecem, mas só indo ao castelo, nadando e rapidamente... b) (...) Faltou explicar dos camundongos falantes: eles roem as cordas de Aslan na Mesa...eles recebem o dom de falar', c) '(...) os ratinhos que podem falar como prêmio por terem sido fiéis e roerem as cordas que prendiam Aslan, das sereias que cantam (...) tudo isto é importante para a série!'
3 - Ana Flávia	a) '(...) + tb amo o Sr.Tumnus...ele é mt legal!'
4 - *+Luiza...	a) '(...) + O Sr.Tumnus eh d++++!!'
5 - Bruno	a) 'Concordo, Aslan e Sr.Tumnus são muito bons, mas não posso esquecer de (...). Adoro esse bichos, são eles que fazem a história se desenvolver e dão um certo humor também...'
6 - Juliana	a) '(...) tb quero mencionar uma personagem pela qual tenho grande simpatia: a Sra. Castor e seu eterno espírito de proteção!'
7 - André	a) '(...) eu nunca tentei relacionar o Sr.Tumnus com personagem bíblico...'
8 - Ligia Y.	a) '(...) o Sr.Tumnus de fato é complicado. Talvez não sejam TODOS os personagens que têm relação com a Bíblia, mesmo porque Lewis tb usa figuras da Mitologia...'
9 - Hugo	a) '(...) Também senti que faltou explorar as crianças brincando em Nárnia com os animais (falantes e não falantes)(...)'.
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - Nilson	a) '(...) o castor estava ótimo e o Leão tudo de bom!'

Lewis traz emprestado das mitologias greco-romana e nórdica, vários elementos para compor as “Crônicas” e assim nós temos animais falantes, sereias, árvores espiãs, monstros, minotauros, camundongos e pássaros, um casal de castores, sem contar um fauno que, embora não pertençam à simbologia cristã, estão presentes no enredo e lá cumprem seu papel de coadjuvantes. Não somente em LFG, mas no decorrer das sete “Crônicas” Hinten (2005:16,17) nos explica que há uma clara distinção entre as criaturas. “*Aquelas com cabeça humana e corpo animal são boas, enquanto as criaturas que têm corpo humano e cabeça animal são más*”. Simbolicamente, isso representa o conceito padrão renascentista da razão vencendo a paixão. A

maioria vem dos exemplos da mitologia greco-romana, mas há também aqueles da mitologia nórdica, como é o caso do anão que acompanha e serve à Feiticeira, e que é chamado por Aslan como *“filho da Terra”*, numa alusão clara à crença de que a origem dos anões era a Terra.

Os animais e criaturas presentes na estória são dificilmente identificados como símbolo de alguma realidade ou personagem bíblico. Os internautas mais observadores e participativos, como é o caso de (8-Ligia Y.), comentam a respeito: *“(...) o Sr.Tumnus de fato é complicado. Talvez não sejam TODOS os personagens que têm relação com a Bíblia, mesmo porque Lewis tb usa figuras da Mitologia...”* e (7- André) que diz: *“(...) eu nunca tentei relacionar o Sr.Tumnus com personagem bíblico...”*.

Seja de qual categoria for e de qual lado estiverem, de Aslan ou da Feiticeira os animais e criaturas dão sustentação para o desenrolar da estória. Mesmo eles não sendo os protagonistas, são essenciais para que a estória aconteça. O internauta (5-Bruno) é quem, muito sucinta e acertadamente comenta: *“Concordo, Aslan e Sr.Tumnus são muito bons, mas não posso esquecer de (...). Adoro esses bichos, são eles que fazem a história se desenvolver e dão um certo humor também...”*. Apesar de terem um papel menor no enredo, há a expectativa de como eles serão representados no filme. É caso de (1-Milane) que diz, antes de assistir ao filme: *“Acho que eu quero ver (...) o fauno e os castores, ahhhhh quero ver todos...”*. No caso de (2-Fernando), a expectativa foi maior que o resultado, e o que ele viu na tela não correspondeu ao que ele imaginou quando leu o livro. Vejamos o que ele diz nas três postagens durante o fórum: *“a) (...) as sereias na coroação aparecem, mas só indo ao castelo, nadando e rapidamente. b) (...) Faltou explicar dos camundongos falantes: eles roem as cordas de Aslan na Mesa...eles recebem o dom de falar. c) (...) os ratinhos que podem falar como prêmio por terem sido fiéis e roerem as cordas que prendiam Aslan, das sereias que cantam (...) tudo isto é importante para a série!”*. O mesmo é revelado por (9-Hugo) quando diz: *“(...) Também senti que faltou explorar as crianças brincando em Nárnia com os animais (falantes e não falantes)(...)”*.

#### 4.8.1. Sr.Tumnus

O fauno Sr.Tumnus é um dos personagens mais simpáticos de LFG e, podemos afirmar com segurança, que foi o primeiro a surgir da imaginação de Lewis para compor a estória. Ele mesmo relata, que passara anos de sua vida, desde a juventude, com a imagem de um fauno carregando uns pacotes e uma sombrinha nas imediações de um bosque coberto de neve, até que um dia resolveu fazer daquela imagem um conto de fadas. Este fauno, animal mitológico greco-romano, metade homem, metade bode, recebe este nome como abreviação da forma *Vertumnus*, nome do deus romano das estações e do crescimento.

Sr.Tumnus estava a serviço da Feiticeira Branca, como todos os habitantes de Nárnia, para encaminhar até ela todos os filhos de Adão e as filhas de Eva que eventualmente surgissem no reino, e que representavam sua ruína. Lucy é a primeira humana com quem ele tem contato e quem lhe explica onde ela está, dizendo: *“Aqui é a terra de Nárnia: tudo o que está entre o lampião e o grande castelo de Cair Parável, nos mares orientais”* (Lewis, 2006:107). O propósito do fauno, a princípio, é entregar Lucy à Rainha Branca, depois de atraí-la até sua casa para um inglês ‘chá com bolo e torradas’ e enfeitiçá-la. Ele mesmo se autodenomina ‘*ladrão de crianças*’. Só que a presença da delicada e desarmada filha de Eva causa tal impacto no Sr.Tumnus, que ele reconhece nela uma ‘amiga’ e desiste de ser traidor, encaminhando Lucy de volta para *“as terras longínquas de Sala Vazia, onde reina o verão eterno da bela cidade de Guarda-Roupa”* (ibid 110). A partir do arrependimento, *“pois ele não sabia como os humanos eram”*, o Sr.Tumnus estará sempre do lado das crianças e de Aslan, e será um dos personagens mais queridos de todas as *“Crônicas”*, é o que nos atestam as internautas (3-Ana Flávia): *“(…) + tb amo o Sr.Tumnus...ele é mt legal”* e (4-\*+Luiza): *“(…) + O Sr.Tumnus eh d++++!!”*.

#### 4.8.2. O Casal de Castores

Acreditamos que o casal de castores faça o papel materno-paterno para as crianças do livro, protegendo-as, guiando-as, suprimindo suas necessidades, inclusive apresentando-as a Aslan. Os Castores viviam na Nárnia subjugada à Feiticeira, mas em toda a estória não traem seus princípios, caindo na tentação de trabalhar para ela, como aconteceu com o fauno, nem tampouco perdem a esperança, mantendo viva a chama das velhas canções e poemas que aguardavam a chegada de Aslan, para trazer de volta a primavera. Eles são uma família e é ao redor da mesa que ensinam para Peter, Susan e Lucy o seguinte verso:

“O mal será bem quando Aslan chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar” (Lewis,  
2006:137)

Os Castores ao apresentarem às crianças a estória e o mito semelhante que giram em torno de Nárnia e de Aslan, estão contando uma estória para elas. ***É um conto de fadas sendo contado dentro de outro!*** E como Lewis (como também seu grande amigo Tolkien), estava totalmente convencido de que este gênero, era o mais adequado veículo de expressão de verdades eternas (EDWARDS 2005:12), cria um ambiente familiar, tranquilo, seguro, ao redor da mesa, para falar de Aslan, daquele que é a pessoa mais importante, de quem vale a pena falar e ensinar. O efeito é surpreendente e descrito na própria narrativa do livro que nos conta:

“- (...) Agora que Aslan está a caminho...  
- Ah, é, fale de Aslan! – disseram as crianças  
em coro. Pois, mais uma vez, tinham sido  
envolvidas por aquela estranha sensação que  
lembrava os primeiros sinais da primavera, e  
que parecia trazer notícias maravilhosas”  
(Lewis, 2006:137)

Creemos que, ao ouvir o conto de fadas sobre Aslan que o Casal de Castores se alterna para contar, Peter, Susan e Lucy – Edmund ainda

não estava maduro o suficiente para ‘suportar’ o nome e a pessoa de Aslan – passam por uma experiência, e ensinam-na aos leitores do mundo real, que é a **experiência de ouvir atentamente uma estória**. Logo após escutá-la, eles partem para a ação, dispostos a salvar o irmão Edmund, que, enfeitiçado, corre em busca de ‘manjar turco’, desejosos de também encontrar o Sr. Tumnus, aprisionado injustamente por ter optado pela verdade.

A experiência de ouvir estórias é muito importante, e os adultos deveriam considerá-la como uma atividade educativa, estimulante para a formação da imaginação e da criatividade, e não simplesmente uma atividade de distração. Vejamos o que a pesquisadora Abramovich (1989:23) diz a respeito:

*“o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (...) Não devíamos esquecer nunca que o destino da narração de contos é o de ensinar a criança a escutar, a pensar e a ver com os olhos da imaginação”.*

Por fim, o Casal de Castores é querido pelos internautas, que querem ver sua figura na tela. (6-Juliana) confirma esta característica protetora dos dois quando comenta no fórum: *“(...) tb quero mencionar uma personagem pela qual tenho grande simpatia: a Sra. Castor e seu eterno espírito de proteção!”*. Os Castores são amigos fiéis de Aslan e não o traem, e para um internauta, são os que mais lhe chamaram a atenção na tela do cinema. (1-Nilson) é o único representante da SE 2 que comenta sobre os animais e criaturas, e ele diz: *“(...) o castor estava ótimo e o Leão tudo de bom!”*. Para Edwards (2005:59), o Sr. e a Sra. Castor, são o primeiro grupo de animais falantes encontrados. Eles representam uma das muitas ligações com a fascinação na infância de Lewis por conversar com os animais, para descobrir que ponto de vista eles teriam sobre o nosso mundo. Este casal é humilde e nobre, simples e sagaz e também muito corajoso.

#### 4.9. O que foi dito sobre o Inverno e o Natal: QUADRO 8

<b>QUADRO 8</b>	
<b>O QUE FOI DITO SOBRE O INVERNO E O NATAL</b>	
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 1 (PERGUNTAS E RESPOSTAS)</b>	
1 - Ikarus	a) '(...) Qdo a presença de Aslan começa a fazer o inverno de Narnia acabar aos poucos, o Natal acontece e aparece o Papai Noel... uma alusão mais do que clara à de q Jesus Cristo, o motivo do natal, é representado por Aslan.
2 - Saulo Rodrigo	a) '(...) Teve a parte do Papai Noel, onde les distribui os presentes (dons do Espírito). Para um o dom da oração, outros o da cura...'
<b>SITUAÇÃO EXPERIMENTAL 2 (DEPOIMENTOS LIVRES)</b>	
1 - Lívia	a) '(...) quando eu vi a cena de Nárnia toda congelada eu até me arrepiei, não de frio, mas de emoção...hehe...muito bom (...)'

C.S.Lewis apreciava misturar imagens de diferentes fontes, porém, em cada crônica da série, selecionava um núcleo de imagens, mitos e símbolos preponderantes de certa cultura que, de alguma maneira, dariam sustentação e seriam correspondentes ao ambiente ou tema em que se passa a estória. Só para ilustrar, no caso do livro 4, “*Príncipe Caspian*”, cujo ambiente é quente e úmido, Lewis escolhe e usa um grande número de elementos da cultura grega, marcadamente marítima. No caso de LFG, Nárnia se encontra envolta no eterno inverno da Feiticeira, a maior parte do tempo e, para se adequar ao ambiente, Lewis usa mais do que costumeiramente elementos míticos nórdico-escandinavos, que se relacionam diretamente ao gelo e ao frio.

É inegável que as imagens de Nárnia congelada que se pode ver no filme, com pinheiros e penhascos cobertos de neve, e o Castelo da Feiticeira Branca feito de gelo, causam verdadeira emoção por causa da plasticidade dos cenários. Por serem brasileiros os que participam dos fóruns da comunidade “*C.S.Lewis pt*”, e por estarem acostumados a um clima, na maior parte do tempo, tropical, colorido, ensolarado, marcado pela luz e pelo verde, as imagens de neve e gelo, de frio e brancura apresentados no filme,

em vez de decepcionarem vêm, ao contrário, enriquecer o imaginário e causar assombro nos expectadores. É muito interessante observar o comentário de (1-Lívia), que ratifica este entendimento: “(...) *quando eu vi a cena de Nárnia toda congelada eu até me arrepiei, não de frio, mas de emoção...hehe...muito bom (...)*”

Os outros internautas não comentam nada sobre o ambiente e se prendem ao elemento *lendário* que Lewis incorpora em LFG, que é a presença de Papai Noel, como prenúncio da chegada de Aslan. Entre os estudiosos, comenta-se que esta ‘consistente inconsistência’ de Lewis deixava seu amigo Tolkien irado, principalmente neste trecho de LFG que se relaciona com a chegada de Cristo ao nosso mundo. No entanto, um biógrafo de Lewis, Brian Sibley (apud HINTEN 2005:15), numa publicação, mostra uma foto de Lewis ainda criança, ao lado de um de seus brinquedos favoritos: um Papai Noel montado num jumento. Como vemos, mais uma vez, um elemento autobiográfico se apresenta na estória, que retoma um cunho claramente cristão, em sua simbologia, já que, além do Papai Noel, a presença do animal “*sugere o jumento que carregou Maria, grávida, em sua viagem da Galiléia até Belém*” (Hinten 2005:15), às vésperas do primeiro Natal. Apesar da postagem estar um pouco ‘truncada’ em seu sentido, (1-Ikarus) parece perceber a ligação que há entre a chegada de Aslan e a chegada de Jesus, que gera verdadeira transformação, ‘fazendo o inverno de Nárnia desaparecer aos poucos’. Seja em Nárnia seja em nosso mundo, Papai Noel está presente **por causa** do Natal, pois quem faz o Natal acontecer é Aslan / Jesus, e não ele. Vejamos o que (1-Ikarus) disse: “(...) *Qdo a presença de Aslan começa a fazer o inverno de Narnia acabar aos poucos, o Natal acontece e aparece o Papai Noel... uma alusão mais do que clara à de q Jesus Cristo, o motivo do natal, é representado por Aslan*”.

O outro assunto tocado no fórum a respeito do Natal e do inverno, diz respeito aos presentes que Papai Noel, surpreendentemente, dá ao casal de Castores (uma máquina de costura e um dique novo em folha) e às crianças, assegurando-lhes assim que, verdadeiramente Aslan estava a caminho e que, por isso, havia motivo para se festejar. Segundo Hinten

(2005:16) a *“passagem do mundo espiritual (Aslan) para o secular (Papai Noel), do secular para o espiritual através de presentes, com elementos da mitologia nórdica, é caracteristicamente Lewisiana”*. Os presentes dados por Papai Noel às crianças fazem um paralelo com os dons espirituais dados à Igreja descritos na carta de S.Paulo aos Efésios, capítulo 6. No livro e no filme Peter recebe um escudo e uma espada, que lhe ajudarão na guerra contra a Feiticeira que nos recordam o *‘escudo da fé’* e a *‘espada da Palavra de Deus’* de que nos fala o Apóstolo. Susan recebe *‘um arco, uma aljava cheia de setas e uma trompazinha de marfim’*. Com relação aos dois primeiros presentes é mais difícil achar um paralelo espiritual, o que confirma a mais comum técnica lewisiana que era *misturar elementos alusivos e não alusivos*. A trompazinha pode atrair ajuda e nos recorda o poder da *‘oração’*. Lucy recebe uma garrafinha de vidro contendo um tônico com poder curador extraordinário, representando o *‘dom de cura’*. Pela postagem que (2-Saulo Rodrigo) faz, parece-nos que o internauta tem consciência bastante nítida do paralelo entre os dons recebidos de Papai Noel e os dons espirituais concedidos por Deus através do Espírito Santo. É o que ele confirma ao dizer: *“(...) Teve a parte do Papai Noel, onde les distribui os presentes (dons do Espírito). Para um o dom da oração, outros o da cura...”*.

Da mesma maneira como Papai Noel parece ‘aliado’ de Aslan, como se fosse um S.João Batista, seu precursor, preparando o caminho para ele, como fez com Jesus, os dons distribuídos têm também um ‘sabor nórdico’. *“Na poesia antiga nórdica, e entre os anglo-saxões, o nome poético mais comum para rei (king) é ‘doador de anéis’ (e, às vezes, ‘doador de dons’)*. [Dessa forma, é] *Aslan, o Senhor de Nárnia, [que] distribui dons para seus seguidores através de Papai Noel* (HINTEN 2005:15).

Pelo tom espiritual-religioso que as postagens assumem com relação a esse assunto, cremos que o ambiente de Nárnia congelada remete a Aslan, cuja presença traz de volta a primavera e a alegria do Natal. Mais uma vez, de forma indireta, evoca-se o nascimento de Jesus Cristo como aquele que traz de volta vida à terra e à Humanidade, sendo Ele mesmo o maior presente oferecido. Ao celebrar o Natal, na troca de presentes trazidos

pelo Papai Noel que pode 'reaparecer' porque Aslan está a caminho, ou melhor, já está no meio deles, como profetizam os Castores, as crianças Pevensie relembram às crianças e a todos nós do mundo real, o verdadeiro significado da celebração e da festa.

## Capítulo 5

### Considerações Finais

***“A via cristã é diferente: é mais difícil e é mais fácil. Cristo diz: ‘Quero tudo o que é seu. Não quero uma parte do seu tempo, uma parte do seu dinheiro e uma parte do seu trabalho: quero você. Não vim para atormentar o seu ser, vim para matá-lo. As meias-medidas não me bastam. Não quero cortar um ramo aqui e outro ali; quero abater a árvore inteira. Não quero raspar, revestir ou obturar o dente; quero arrancá-lo. Entregue-me todo o ser natural, não só os desejos que lhe parecem maus, mas também os que se afiguram inocentes – o aparato inteiro. Em lugar dele, dar-lhe-ei um ser novo. Na verdade, dar-lhe-ei a mim mesmo: o que é meu se tornará seu”***

***(Lewis, 2005:259 in: ‘Cristianismo Puro e Simples’)***

## Considerações Finais: Fechando Portas Abertas

Chegamos, seguramente, ao momento mais esperado de todos, aquele no qual se expressa não os percalços do caminho, nem tampouco como é o caminho, mas aquele onde se apresentam as pepitas garimpadas, a nova espécie de flor descoberta, ou ainda, o efeito sofrido durante a caminhada que nos fez outros de quando começamos. Metáforas à parte, a decisão de nos aventurarmos por uma trilha nova, que são as novas tecnologias de informação, que há somente poucas décadas vêm se firmando, irreversivelmente, em todas as esferas humanas, foi bastante acertada. O foco escolhido foi a literatura – mais especificamente uma obra da literatura infantil universal, “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*” – sendo comentada em sua densa simbologia cristã, numa comunidade virtual, que carrega o nome do escritor, “*C.S.Lewis pt*”. O ambiente escolhido foram os fóruns eletrônicos do portal de relações Orkut que abrigam o novo jeito de pensar e de se fazer o texto, agora hipertexto, podendo incorporar imagem e som, transformando noções como autoria e acessibilidade.

A metodologia escolhida pode ser considerada, de certa forma, “*experimental*”, porque mesmo sendo *um estudo de caso de cunho etnográfico*, não seguiu os parâmetros convencionais de uma pesquisa etnográfica. O corpus da pesquisa foi coletado do ambiente virtual, sem contato presencial com as pessoas que discutiam a literatura. Este distanciamento do pesquisador com relação ao grupo de internautas, os verdadeiros sujeitos da pesquisa, conferiu-lhe um cunho novo e próprio, passível de estudos e classificação metodológica posterior.

Nesse caminho percorrido, a metáfora que melhor ilustra a descrição das descobertas, é aquela que fala de portas. A primeira delas é a ***porta da literatura infantil*** que levando as pessoas a ultrapassarem seu limiar, no sentido de irem além dos processos racionalizantes e empobrecedores da não-leitura ou simplesmente da leitura funcional, entram no universo do sentido primeiro da vida e de suas perguntas, repensando a própria existência, seus

valores e atitudes a partir dos *contos de fadas*. LFG não deixa de ser um *conto de fadas*, pois faz parte do *universo do maravilhoso*, e tem como problemática motriz de seu enredo, a salvação da Humanidade, segundo a revelação oferecida pelo Cristianismo. Dessa forma, consideramos que a literatura infantil, especialmente através dos contos de fadas, deveria e poderia (re)assumir o valor que tinha em sua gênese, ainda nos povos da Antiguidade, de explicar e falar sobre os mistérios e mitos da vida, deixando de ser um gênero 'infantilizado' voltado somente para as crianças, como ocorreu após o século XIX. A experiência deste trabalho nos mostrou como o gênero maravilhoso dos contos de fadas facilita e propicia que se reflita sobre aspectos fundamentais da vida e da convivência humana, sem necessariamente, optar-se por uma abordagem 'solene e pesada', 'circunspecta e cientificista', sendo um gênero totalmente adequado a jovens e adultos em seu processo de educação e letramento.

As pessoas que se uniram no ambiente virtual em função de LFG e de C.S.Lewis e que participaram na formação do corpus deste trabalho no mundo *real-material*, além de serem leitores de obra literária e expectadores da mesma obra adaptada para o cinema, tornaram-se, no mundo *real-imaterial*, internautas. Isso significa que eles se tornaram autores e agentes de um processo hipertextual de leitura e de produção de texto, e não mais simples visitantes. O letramento digital abria, assim, a segunda porta: a **porta do universo virtual**, aquela que gera em seus usuários modificações nas atitudes cognitivas, relacionais e lingüísticas, levando-os à maior autonomia e participação responsável, quando se expressam. A porta do mundo virtual leva as pessoas a se tornarem cidadãos do mundo, porque lhes apresenta uma realidade para além da realidade palpável, que lhes modifica e enriquece em todas as áreas, convidando-as, fundamentalmente, a uma atitude de reciprocidade e não mais de tutelamento. O ambiente virtual promove a reciprocidade, e esta dinâmica pôde ser observada durante a análise dos dados postados nos fóruns.

Cabe aqui afirmar que o ambiente fórum eletrônico apresentou-se propício para a produção de hipertextos, por parte dos

internautas que, em duas situações experimentais, colaboraram livremente entre si na SE 2, e entre si e com a pesquisadora na SE 1. O ambiente fórum observado se caracterizou por não ser linear nem tampouco cronológico ou hierárquico, de modo que ainda hoje, dois anos após a sua criação, pode-se acessar a mesma comunidade do Orkut, cujos fóruns forneceram elementos para o corpus deste trabalho. Se houver um internauta que queira participar de um dos fóruns, objeto deste trabalho, poderá fazê-lo, sem qualquer barreira, a qualquer momento, porque os fóruns farão parte da comunidade “*C.S.Lewis pt*” enquanto ela estiver online.

Chegamos aqui a um ponto crucial no nosso entendimento da importância do ambiente virtual como suporte para a discussão literária. A reviravolta gerada pela escrita e pela leitura acessadas em ambiente virtual tem dado às pessoas a chance – e muito em breve a obrigação por questões de sobrevivência – de viverem em mais um patamar de acesso à palavra nunca imaginado antes. O patamar do hipertexto que implica na escrita e na leitura necessariamente, tem alcançado redutos impensáveis até bem pouco tempo atrás. Um bom exemplo disso foi a experiência desta pesquisa, que viu um novo gênero digital que é o fórum eletrônico, tornar-se ambiente propício para discussão livre sobre obra literária. “*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*” permanecerá sendo sempre obra literária, no entanto, a maneira como ela foi comentada, percebida, acessada, a linguagem usada, enfim, socializada, arriscaríamos dizer, mereceria o nome de hiper-socializada, levando em consideração tudo aquilo que os teóricos consideram os fundamentos do hipertexto e da hipertextualidade. As postagens dos internautas exaustivamente analisada na sua simbologia, as observações e cruzamentos de opiniões que geraram as unidades de sentido que alimentaram e criaram a metodologia, foram escritas, lidas e acessadas hipertextualmente, e permanecerão no portal Orkut mesmo depois da defesa e publicação desta dissertação, como já foi dito.

Esta porta do universo virtual, bem sabemos pela realidade que vivemos através da Internet, mais que porta é portal. É realidade que liga sites a sites, links a links quase infinitamente, fazendo que tenhamos,

literalmente, bilhões de páginas anexadas à web, no século XXI. Há dez anos atrás era concebível alguma dúvida sobre o uso ou não da Internet e dos novos gêneros virtuais na educação formal – incluindo-se aí a literatura – hoje em dia, aos educadores, só cabe perguntar *como* melhor usar estas ferramentas na educação, mais ainda que os alunos têm grande atração pela escrita e leitura hipertextual.

Voltando às portas. Inegavelmente a porta mais falada de todas em LFG é aquela do guarda-roupa cujo fundo falso leva à Nárnia, o reino onde o tempo pára e onde somos chamados a ir, não para ficarmos *'um pouco melhores'*, mas para sofrermos uma radical transformação pelo encontro com Aslan. Esta era a noção que Lewis tinha sobre o Cristianismo e que perpassa todas as *"Crônicas de Nárnia"*. Estamos falando da **porta do Cristianismo**, porta esta que nos parece ter sido transposta pelos 80 internautas que se tornaram os sujeitos desta pesquisa. Eles, abertamente, se identificaram com o tema, manifestando-se, claramente, como pessoas que reconheciam nesta obra literária a simbologia cristã. Houve internautas que consideraram LFG como alegoria, no sentido de uma realidade vista de um outro jeito, ou seja, de como Lewis fala da salvação da Humanidade através da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, apresentado na alegoria de um Leão. Acontece que Lewis negava veementemente ter criado uma alegoria para Cristo no personagem Aslan, ou um Cristo para Nárnia, que seria um Leão. Textualmente ele afirma que *Aslan é Jesus Cristo*, a mesma pessoa só que em outro mundo. Se fosse uma analogia Lewis faria com que o foco da narrativa, tanto em LFG quanto nas demais Crônicas, fossem *'este mundo'*. Lewis, porém, aponta para Nárnia como o Paraíso, o lugar perfeito para onde as crianças (os Pevensie e as demais), como também todos os leitores de suas obras ficcionais deveriam, existencialmente, buscar chegar, mesmo que para isso devessem procurar, encontrar e conviver com Aslan, aqui neste mundo, onde ele seria a mesma pessoa com outro nome. Lewis em LFG pede emprestado de Platão o conceito de *mundo natural* ou *das sombras*, que é onde vivemos, e o *mundo ideal* onde a perfeição das coisas existe. É lá, no Paraíso, em Nárnia, que o coração do homem, no sentido bíblico do lugar dos

afetos e também da vontade e das decisões a respeito da verdade e do sentido da vida, deve estar, não aqui onde vemos somente a sombra daquilo que é.

Os orkuteiros, sujeitos da pesquisa não se referem a este paralelo entre Nárnia e o mundo ideal platônico, ou ao Paraíso, mas, sem dúvida, afirmam que *Aslan é Jesus*. A partir do reconhecimento de quem é Aslan, desenvolvem-se todos os demais símbolos presentes no enredo, como a Humanidade representada pelas crianças e pelo professor Kirk, ou o Maligno, como princípio e origem de todo mal, na figura da Feiticeira Branca, ou por fim, o sacrifício redentor da Mesa de Pedra, e todos os demais descritos na análise e reconhecidos pelos internautas, se desenvolvem.

Na ficção lewisiana, o essencial é *'ver as coisas com o coração'* porque o coração revela o verdadeiro caráter e, em última instância, onde está o nosso *'tesouro'*. LFG é um livro que fala do mito da salvação segundo a revelação cristã, que se utiliza de vários símbolos que remetem a esta revelação. Lewis e Tolkien não consideravam um mito a revelação cristã de salvação, mas, *a realidade das coisas*, que ilumina, na verdade, todos os mitos da Humanidade. *O mundo ideal que ilumina todas as sombras, é a realidade da revelação de quem é Deus e de quem é o Homem, de qual o seu fim, de qual a sua origem, segundo a porta do Cristianismo* – e porque não dizer do tesouro da Tradição e da vida do Catolicismo – que há dois mil anos apresenta, divulga, testemunha e vive esta fé, esta realidade.

Quando classificamos os blocos temáticos segundo as postagens dos internautas (nas situações experimentais), percebemos que estes blocos poderiam ser separados em dois grandes temas: o mundo imaginário, representado pelos assuntos **O Leão Aslan, A Feiticeira e O Guarda-Roupa** – que não coincidentemente vem a ser o título da obra pesquisada! – e o mundo real, representado pelos assuntos **C.S.Lewis e Obras Literárias** e pelas **Crianças**. O que une e separa estes dois mundos é uma porta, a última porta a ser mencionada: a **porta do Guarda-Roupa**. Ela liga dois mundos: o mundo imaginário, ou ideal, ou ainda Nárnia ou o Paraíso,

com o mundo real, ou o das sombras, temporário, onde viviam as crianças, o escritor Lewis e vivemos nós.

Qual destas quatro portas se manteve mais aberta no decorrer deste trabalho? Não há como quantificar, apenas perceber como elas se interligam. Pelo que vimos, a porta da literatura infantil, através dos contos de fadas, pode abrir a porta do Cristianismo ou vice-versa, já que o movimento não é linear, mas, recíproco, dependendo de que porta tiver sido aberta primeiramente. Nesse vai e vem, é a porta do Guarda-Roupa que vai levar ao mundo em que estamos precisando entrar ou sair, permanecer ou explorar, entre o imaginário ou o real.

A porta do universo virtual cria um novo espaço de relações humanas e de cultura, que vai interferir e alterar o modo como as pessoas estudam, ensinam, trabalham, se divertem, interagem, pensam, refletem, criam, projetam, desenham, enfim, lêem, escrevem e vivem. E neste rol quase sem fim de ações humanas, pudemos constatar nesse trabalho de pesquisa, que o ambiente virtual por ser, desde sua gênese, democrático e aberto, torna-se propício à discussão, à interação e à reflexão sobre a literatura, seja ela de qual gênero for, se for utilizado em sua potencialidade. A literatura, ao ser socializada em ambiente virtual, ou hiper-socializada, pode alcançar um número muito maior de pessoas, de idades e de nível de escolaridade diferentes, que podem se enriquecer mutuamente. Há sempre o risco de uma socialização não ocorrer, mas esta resistência pode acontecer também quando mediada por um professor numa discussão presencial em sala de aula. O gênero fórum eletrônico na maneira como é disposto na comunidade do portal Orkut convida os internautas interessados pelo assunto à comunicação e, dessa forma, pudemos ver, ao final dessa pesquisa, toda a riqueza simbólica descoberta na obra literária e partilhada entre os internautas hipertextualmente.

Imbuídos que estávamos, no início deste trabalho, de uma perspectiva escolar, tutelar e restrita ao espaço de uma sala de aula no que diz respeito à melhor maneira de se lidar com a obra literária entre alunos, guardávamos um mascarado preconceito de dúvida a respeito de poder haver

alguma troca de idéias e de interpretações sobre a literatura em ambiente virtual, que fosse deveras consistente. Ao fim desta despreziosa pesquisa, saímos completamente convencidos de que é possível socializar o texto literário em ambiente da Internet, através de fóruns eletrônicos, sem prejuízo de qualquer parte. O Orkut que para muitos pode parecer um portal de 'passa-tempo', cumpriu seu papel relacional, interacional, sem contar o reflexivo, por ter propiciado de maneira gratuita e descomplicada a interação de dezenas de pessoas ao redor de um escritor e de uma obra literária, feito este dificilmente esperado no mundo do papel. Assim, a Literatura deixa de ser **porta secreta** privilégio de poucos, e se apresenta ao alcance de muitos pelas portas escancaradas da cultura digital que, esperamos, esteja ao alcance de um número cada vez maior de pessoas num futuro não muito distante.

## **CAPÍTULO 6**

### **Referências Bibliográficas**

***“É preciso fazer compreender à  
criança que a leitura é o mais  
movimentado, o mais variado, o  
mais engraçado dos mundos”***

***(Alceu Amoroso Lima)***

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**. Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1989

ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. **Interação na Internet: novas formas de usar linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **Chat Educacional: o Discurso Pedagógico na Internet**. In: Práticas Discursivas: Exercícios Analíticos. Campinas: Pontes Editores, 2005. 97 – 111

\_\_\_\_\_. **Os Chats: Uma Constelação de Gêneros na Internet**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Fortaleza, CE, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que o meu aluno faz nesse tal de orkut?**. In: Vida e Educação. A revista da educação municipal. UNDIME CE. Ano 3, nº 9. 29-31

ALMASI, Janice F., GAMBRELL, Linda B. **Conflict During Classroom Discussions Can Be a Good Thing**. Chapter 7. 130 – 155

BANE, Mark. **Myth made truth: the origins of the chronicles of Narnia**. 1998. In: [www.cslewis.drzeus.net](http://www.cslewis.drzeus.net) . Acessado em 10/11/2003

BARTON, Matthew D. **The future of rational-critical debate in online public spheres**. In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 177-190

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

BAZERMAN, Charles, DIONÍSIO, Angela Paiva, HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Organizadoras). **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2006

\_\_\_\_\_. DIONÍSIO, Angela Paiva, HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Organizadoras). **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo: Cortez, 2006

BEEGHLY, Dena G. **It's about time: using electronic literature discussion groups with adult learners**. In: Journal of Adolescent & Adult Literacy 49:1 (2005) 12-21

BETTELHEIM, B. The Uses of Enchantment: The Meaning and Importance of Fairy Tales. New York: Vintage Books, 1989.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, A. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus. São Paulo: 1985

BURBULES, Nicholas. The Web as a Rhetorical Place. Edited by SNYDER, Ilana In: **Silicon Literacies: Communication, Innovation and Education in the Electronic Age**. London & New York: Routledge, 2002

CANÇADO, M. **Um estudo sobre a pesquisa etnográfica em sala de aula**. In: Trabalhos de Lingüística Aplicada. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 23, 55-69, 1994.

CASTELLS, Manuel. **Internet e Sociedade em Rede**. In: Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. 255 – 287

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CRYSTAL, David. **El Language e Internet**. Madrid: Cambridge University Press, 2002. 113 – 151

DeBRUN, Andrea, PARECKI, Heather A. Klein. **Stvaranje prijatelja / Making friends: Multimodal Literacy Activities as Bridges to Intercultural**

**Friendship and Understanding.** In: Journal of Adolescent & Adult Literacy, 2003. 506 – 513

ECO, Umberto. **Tratado Geral de Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2005

EDWARDS, Bruce. **Further Up & Further In – understanding C.S.Lewis”s “The Lion, the witch and the wardrobe”.** Nashville, Tennessee: Broadman & Holman Publishers, 2005

FORTUNE, Ron. **“You”re not in Kansas anymore”:** interactions among semiotic modes in multimodal texts. In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 49-64

FREITAS, Henrique M. Rodrigues de, JANISSEK, Raquel. **Análise Léxica e Análise de Conteúdo:** técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. Porto Alegre: Sphinx: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil.** São Paulo: Pioneira, 1991

GRAMIGNA, Susana. Estratégias y Estilos para Promover lãs Interpretaciones Literárias: Una Investigación en el Nivel Inicial. In: **Lectura Y Vida.** Buenos Aires / Newark, Delaware, (2005). 30 – 38

GREGGERSEN, Gabrielle. **A antropologia filosófica de C.S.Lewis.** São Paulo: Editora Mckenzie, 2001

GRICE, P. **Logic and Conversation.** In: COLES, P. & MORGAN, J.L. (eds). Syntax and Semantic III: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. 41-58.

HALCROW, Jeremy. **Apostle of imagination.** 1998. In: [www.cslewis.drzeus.net](http://www.cslewis.drzeus.net) . Acessado em 10/11/2003

HINTER, Marvin D. **The keys to the chronicles: unlocking the symbols of C.S.Lewis's Narnia.** Nashville, Tennessee: Broadman & Holman Publishers, 2005

JOHNSON, Denise. **Exploring Literacy on the Internet.** In: The Reading Teacher, Vol. 53, nº 1, 1999. 54 – 60

KAPITZKE, Cushia, BRUCE, Bertram C. **The arobase in the libr@ry: new political economies of children's literatures and literacies.** In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 69-78.

KING, Don W. **The wardrobe as Christian metaphor.** 1987. In: [www.cslewis.drzeus.net](http://www.cslewis.drzeus.net) . Acessado em 10/11/2003.

KROLL, Barbara (col.). **The Classroom as a Social Setting for Envisionment Building.** In: Exploring the Dynamics of Second Language Writing. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 (Chapter 4) 38 – 54.

KRESS, Günther. **Gains and losses: new forms of texts, knowledge and learning.** In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 05-29

LANGER, Judith A. **Envisioning Literature: Literary Understanding and Literature Instruction.** New York: Teachers College, Columbia University, 1995. 1 – 37

LAZAR, Gillian. **Literature and Language Teaching: a guide for teachers and trainers.** Glasgow: Cambridge University Press, 1993

LEU JR., Donald J. The New Literacies: Research on Reading Instructions with the Internet . In: **What Research Has to Say About Reading Instruction.** Newark, Delaware: Reading Association, 2002. 310 – 336 (capítulo 14)

LEU, D. & LEU, D. **Teaching with the Internet: lessons from the classroom.** Norwood, MA: Christopher-Gordon, 1999, p.69

LEU, D. & LEU, D. **The new literacies: research on reading instructions with the Internet.** Norwood, MA: Christopher-Gordon, 2000a, cap.14: 315

LÉVI, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999. 123-167

LEWIS, C.S. **Surpreendido pela alegria.** São Paulo: Mundo Cristão, 1998

\_\_\_\_\_, C.S. **The Chronicles of Narnia. The Lion, the Witch and the Wardrobe.** London: Diamond Books, 2000.

\_\_\_\_\_, C.S. **As Crônicas de Nárnia.** Volume Único. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAGALHÃES Filho, Glauco Barreira. **O Imaginário em as Crônicas de Nárnia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2005

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade.** In: Gêneros Textuais & Ensino. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 19 – 36

\_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital.** Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupop de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_, XAVIER, Antônio Carlos dos S. **Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital.** In: Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 13 – 66

McDONAGH, Deanna, GOGGIN, Nan, SQUIER, Joseph. **Signs, symbols and subjectivity: an alternative view of the visual.** In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 79-86

MICHAELIS, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORRISETT, Lloyd N. **Habits of mind and a new technology of freedom.** In: peer – reviewed journal on the Internet. Acessado em 06/10/2003

O’HEAR, Stephen, SEFTON-GREEN, Julian. Style, Genre and Technology. In: **Doing Literacy Online: Teaching, Learning, and Playing in an Electronic World.** New Jersey, USA: Hampton Press, Inc. 2002. 121 – 143

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 5ª edição, 2003

OTTO, Rudolf. **O Sagrado.** Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução: Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal / EST; Petrópolis: Vozes, 2007

PAILLIOTET, Ann Watts, SHAUL, Michelle Refvik. **Magical Tales and Values: Connecting with Heroes and Sheroes.** In: Exploring Values through Literature, Multimedia, and Literary Events: Making Connections. Delaware, USA: International Reading Association, 2001.189 - 209

PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira. **A www e o Ensino de Inglês.** In: Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, v.1, n. 1, 2001 (93 – 116)

\_\_\_\_\_ e Oliveira, RODRIGUES JUNIOR, Adail Sebastião. **Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento.** In: [www.veramenezes.com](http://www.veramenezes.com). Acessado em 26/11/2006

PAYNE, Leanne. **The christian worldview of C.S.Lewis as incarnational reality.** Grand Rapids, MI: Hamewith Books, September, 2002.

POSTER, Mark. **Cidadania, Mídia Digital e Globalização**. In: Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. 315 – 336

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org). **Ética, Estética e Afeto na Literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, 2001

SILVA, Ezequiel T. da (coord), FREIRE, Fernanda, ALMEIDA, Rubens Q. de, AMARAL, Sérgio F. do. **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003

SNYDER, Ilana. **Attuned to the truth**. In: Computers and Composition – An International Journal 22 (2005) 39 - 47

\_\_\_\_\_. Communication, Imagination, Critique – Literacy Education for the Eletronic Age. In: **Silicon Literacies: Communication, Innovation and Education in the Eletronic Age**. London & New York: Routledge, 2002.173 - 183

STAA, Betina von. **Desenvolvimento de Interpretações Literárias Lógicas e Coerentes**. In: The ESPecialist, vol. 26, nº 2, 2005. 157 - 181

VANDRICK, Stephanie. **Literature in the Teaching of Second Language Composition**. In: Exploring the Dynamics of Second Language Writing. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 263 – 283

VANNI, Ugo. **L'Apocalisse**. Una Assemblea litúrgica interpreta la storia. Bologna: 1988, 31-61. (1ª edição: Il simbolismo dell'Apocalisse. Gregorianum 61 (1980), 461-506)

VIEIRA, Lúta L. **Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade / escrita**. In: Interação na Internet: novas formas de usar a

linguagem. Júlio César Araújo, Bernadete Biasi Rodrigues (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. Tradução Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. São Paulo: Livraria Martins Pontes, 1984.

WICKSTROM, Carol D. **A “funny” thing happened on the way to the fórum**. In: Journal of Adolescent & Adult Literacy, 46:46 (2003) 414-423

XAVIER, Antonio Carlos dos S., SANTOS, Carmi Ferraz . **Fórum na Internet: um Gênero Hipertextual. Coletânea de textos do Minicurso: Hipertexto, Gêneros Digitais e Ensino**. XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE. Setembro de 2004. João Pessoa – PB

\_\_\_\_\_. **Letramento Digital e Gêneros Hipertextuais: Novos Desafios Pedagógicos? Coletânea de textos do Minicurso: Hipertexto, Gêneros Digitais e Ensino**. XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos do GELNE. Setembro de 2004. João Pessoa – PB

\_\_\_\_\_. **E-forum na Internet: um Gênero Digital**. In: Interação na Internet – Novas Formas de Usar a Linguagem. ARAÚJO, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Org.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Dança das Linguagens na Web: Critérios para a Definição de Hipertexto**. Conferência pronunciada no V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Trabalho não publicado.

## CAPÍTULO 7

### Anexos

***"The task of the modern educator is not to cut down jungles, but to irrigate deserts." (C.S.Lewis)***

7.1. Modelo de página da comunidade do Orkut “C.S.Lewis pt” da situação experimental 1 (SE 1) que contou com a participação da pesquisadora

earreguy@terra.com.br | [Minha Conta](#) | [Ajuda](#) | [Sair](#)

[Home](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Mídia](#) | [O que há de novo](#)





[CS Lewis - pt](#)  
(membros)

-  [ver perfil](#)
-  [ver fórum](#)
-  [ver eventos](#)

**tópico: SÓ RESPONDA QUEM VAI VER O FILME!**

Mostrando **0-10** de 13 [primeira](#) | [< anterior](#) | [próxima >](#) | [última](#)

**SÓ RESPONDA QUEM VAI VER O FILME!**  
07/12/2005 18:03 [apagar](#)

Pessoal que se interessa em fazer a Sociedade de CSLewis no Brasil e / ou que está contando as horas para ir à estréia, ajudem-me respondendo a essa simples pergunta ANTES da estréia (estou preparando uma tese mestrado sobre o texto literário na internet, em especial deste conto de Nárnia): **QUE CENAS E PERSONAGENS E PERSONAGENS VOCÊS MAIS ANSEIAM VER NA TELA? O QUE NÃO PODE FALTAR?** Conto com o apoio de todos. No dia do filme conversamos mais e na semana seguinte também. Valeu! Obrigada!



[Elena Arreguy](#)



[Alexandre](#)

**Quem mais eu quero ver?**  
08/12/2005 07:28

Acho que eu quero ver o Edmund, a sua cara de traidor e depois de uma pessoa arrependida. Também desejo muito ver a Lucia, menina destemida e amiga, o fauno e os castores, ahhhhhh quero ver todos, cada um na sua imparcialidade, eles são fantásticos. Tô louca para ver o filme, todos os personagens são incríveis, mas foi o Edmundo e Lúcia que mais me chamaram a atenção.



[Ikarus](#)



[Cristiane](#)

**Aslan** 08/12/2005 09:38

Com certeza estou louca de vontade de ver o Aslam. Ficava toda arrepiada só com a leitura de suas aparições e imponência.



[Guardian](#)

**quero ver** 08/12/2005 12:31

aslam e edmundo antes e depois da traição.



[Marcia](#)

**Vou sim, lógico** 08/12/2005 19:17

O Aslam. Fascinante. O que não pode faltar? A cena de Lucia e Susana brincando com o leão depois da Mesa de Pedra partida...

08/12/2005 19:36

Ah...



[Rogério M. Jr.](#)

Com certeza a cena esperada é a da reunião na casa do Castor, das Batalhas e de quando Aslan vai ser sacrificado...

Esse filme vai ser o melhor do nao infantil, com certeza.

Bater o já batido harry potter.



[Marcia](#)

**Sem dúvidas** 09/12/2005 06:48

A cena do sacrifício de Aslam!



[Vinicius](#)

**Claro que sim** 09/12/2005 12:02

MEu fala sério, com o livro ja ficamos assim meio bobo, imagina assistindo o filme. É claro que vou!

## 7.2. Modelo de página da comunidade do Orkut "C.S.Lewis pt" da situação experimental 2 (SE 2) de depoimentos livres:

earreguy@terra.com.br | [Configurações](#) | [Ajuda](#) |  [Sair](#)

[Início](#) | [Amigos](#) | [Mensagens](#) | [Comunidades](#) | [Pesquisar](#) | [Notícias](#)



[CS Lewis - pt](#)  
(6.798 membros)

-  ver perfil
-  ver fórum
-  ver enquetes
-  ver eventos

[ocultar](#)

### O que vocês acharam do filme?

mostrando 1-10 de 55 [primeira](#) | [<](#)  
[anterior](#) | [próxima](#) > | [última](#)



10/12/05  
**O que vocês acharam do filme?**  
[Priscilla](#) Bom... eu não gostei, estou até um pouco frustrada. A Disney disse que manteria a mensagem central do livro mas, não foi o que aconteceu. Lewis escreveu com o intuito de ensinar o cristianismo tendo Aslam com a figura central na história. Quem não leu não deve ter entendido muita coisa. A ressurreição, por exemplo, que é o evento principal do cristianismo, foi colocada de maneira fraca e confusa e não deram a importância devida. Teve coisas boas: os atores, os efeitos, etc..., mas a mensagem!!!!  
O que será que Lewis acharia do filme...?  
O que vc achou do filme?????



10/12/05  
Não li o livro, mas achei o filme mto bom!  
[Vitor](#) Fui com umas 20 pessoas da minha Igreja, todo mundo gostou do filme!  
É mto bom!



10/12/05  
**Ótimo!!!**  
[Saulo Rodrigo](#) Pelo contrário do que foi postado, achei que o filme foi mt fiel ao livro. tem até reclamações de que ele foi fiel demais, sendo que algumas mudanças deveriam ter sido feitas. Se fossem colocar tudinho que estava no livro o filme seria um longa. Eu, que

li e reli o livro, achei que até os diálogos principais e detalhes foram preservados. Era como se você estivesse lendo o livro em algumas partes. Quantos aos atores, poderiam ter sido melhores, mas não comprometeram o filme. A Lúcia me encantou, ficou perfeita no papel... que menina linda. Os efeitos nem preciso comentar, Aslam ficou demais! terrível, mas com uma mansidão no rosto, uma paz...

Enfim, dou nota 9.5 pro filme...

E, pra quem achou o filme infantil, lembre-se que o livro é assim.



[Priscilla](#)

10/12/05

A Disney conseguiu fazer com que parecesse que estava sendo fiel ao livro, mas a mensagem cristã ficou fraca. Quando Aslam dialoga com Edmund, Ele fala sobre arrependimentos de pecados, só que Disney mostrou Aslam conversando de longe com o menino como se tivesse chamando sua atenção.

Temas como pecado, morte e ressurreição ficaram em "quinto" plano; agora claro foi tudo seguido á "risca", com certeza olhando

superficialmente parece que foi tudo feito como deveria mas, se olharmos com um olhar um pouquinho mais critico veremos que a Disney conseguiu: fazer o filme parecer muito com o que deveria ser, mas só parecer. É como se o filme tivesse que ser preto, e eles o fizeram cinza escuro, ai todos pensam que preto.Fazer o que!!!!



[M@tH](#)

10/12/05

Bem Priscilla. Certamente faltou muita coisa no filme e não deveríamos esperar muito do que vimos na tela mesmo. Eu, como conheçedor da obra e mesmo sabendo das

"mancadas" no filme, não achei que ficou ruim. Claro, só um cristão para entender a mensagem no filme e o mesmo não é o ideal para passar a mensagem inteira. Esperar que a Disney faça um filme assim é utópico (só pelas Mãos do PAI mesmo para acontecer isso =D ).

Uma pergunta: ouvi dizerem que estão produzindo todas as obras! Será? O.o



Anônimo

10/12/05  
Achei ótimo!  
Excelente !  
Demais !

É claro que todo filme é inferior ao livro. O mesmo aconteceu com o Senhor dos Anéis.

Mas não importa!

A mensagem de Cristo está ali no sacrifício de Aslan. Pude pregar para minha filha por causa do filme.

Ótimo



[Priscilla](#)

10/12/05  
Pelo que eu sei parece que vão começar a filmar A última batalha, o que há é muita especulação, não dá pra saber. Agora o livro dois ( que na verdade é o um) eu acho quase impossível eles fazerem, imagina só a Disney fazer um filme onde Aslan cria Nárnia e mostra criacionismo, eu acho difícil mas quem sabe, por dinheiro se faz tudo....



[Priscilla](#)

10/12/05  
Daniel pra quem é cristão é uma coisa, agora imagina um não crente tentando entender tudo aquilo: o Leão morre, nem se sabe quanto tempo se passa (no filme) Ele renasce, a mesa de pedra quebra e depois eles já estão na guerra; tudo acontece muito rápido, é como se eles quisessem esconder algo, sei lá a ressurreição de Cristo é o âmago de cristianismo e eles fizeram tudo tao banal...mas

cada um tem seu modo de pensar.

Abraços



[André](#)

10/12/05

Vejam só...

Eu achei que o filme foi extremamente fiel ao livro até certo ponto. As falas, os personagens, os cenários, os detalhes... Tudo muito bem preparado, e baseado no livro.

Mas a Disney fugiu bastante no sentido Cristão do filme. É lindo, pensar que Aslam deu a vida por Edmundo (me acabei de chorar nessa parte), mas ficou faltando aquele toque especial... Ficou faltando alguma coisa.

Mas, pra quem não leu o livro, e não é Cristão, o filme pode ter sido apenas "interessante".



Anônimo

10/12/05

Bom, eu achei que o filme teve altos e baixos. Gostei dos atores (apesar de ter achado os choros da Lúcia às vezes pouco expressivos), e dos efeitos também. Mas achei que a Disney foi sutil em encobrir a verdade. Eu concordo com a criadora desse fórum. Por exemplo: a melhor forma de você inutilizar um conceito não é atacando-o, mas fazendo algo que seja parecido com ele. O filme camuflou a verdade fazendo parecer a verdade. No livro, todos tem duas opções: serem servos ou odiarem o Leão. No filme isto ficou fraco, não ficando claro que Aslam era o grande regente de Nárnia. Acho que os clímax do filme não foram bem explorados, por exemplo, a ressurreição, além de rápida e apressada, faltou deixar mais claro os porquês. Também quando Aslam vai dar vida aos que estavam petrificados, foi muito rápido e foi mais baseado no Sr. Tumnus, não teve aquela variedade toda que a gente vê no livro. Também senti que faltou explorar as crianças

brincando em Nárnia com os animais (falantes e não falantes - o que também não ficou claro), aquelas comidas maravilhosas que Lewis descreve, enfim, achei que tudo no filme "quis ir mas não foi", faltou emoção e os ápices deveriam ter sido mais trabalhados. Achei também que faltou Aslam falando com Edmundo, pois o diálogo no livro é extremamente importante. Lá Edmundo diante de Aslam muda de vida mesmo, mudança profunda. No filme pareceu uma conversa do tipo: "Não faça mais isso, seja um menino bom, tá?" Bom, em geral achei que a Disney maquiou a profundidade e a veracidade da mensagem priorizando o comercial e o que soaria politicamente correto para um público que gosta de ir ao cinema comer pipoca e ter um pouco de diversão. Não acho que houve um comprometimento real em dizer o que Lewis disse, houve sim um comprometimento disfarçado para tentar agradar gregos e troianos. Eles não tomaram partido pela verdade.

mostrando **1-10** de **55** [primeira](#) | [<](#)  
[anterior](#) | [próxima](#) > | [última](#)

[voltar aos tópicos](#)

[responder](#)

serviço filiado ao  
Google

[orkut in english](#) | [Sobre o orkut](#) | [Centro de segurança](#) | [Privacidade](#) | [Termos de uso](#)